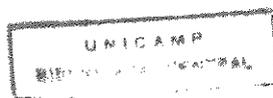


**MARIA ARISNETE CÂMARA DE MORAIS**

**LEITURAS FEMININAS NO SÉCULO XIX  
(1850-1900)**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
UNICAMP  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
1996**



15/01/2017

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	
T/Unicamp	
M.792L	
V.	Es.
COMBO BC/	29479
PROC.	281197
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	17/03/97
N.º CPD	

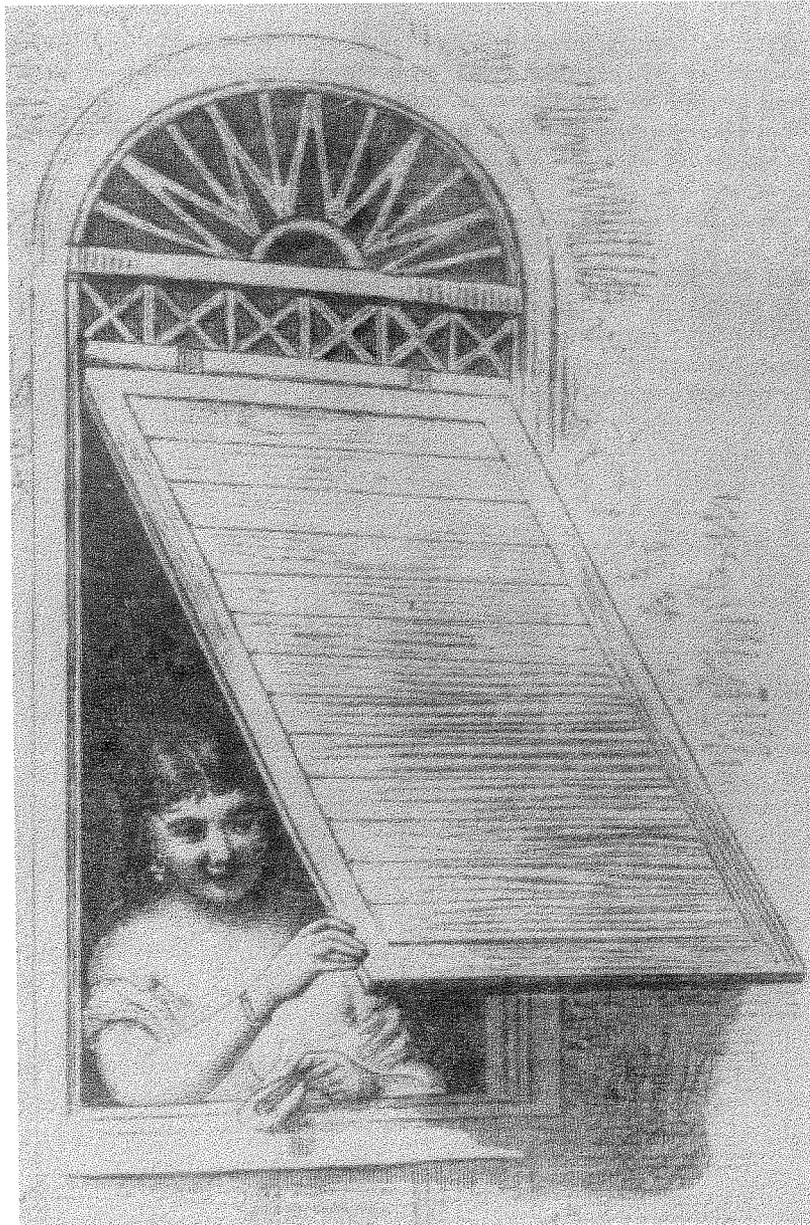
CM-0009723 1-0

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

M792L Morais, Maria Arisnete Câmara de ~  
Leituras femininas no século XIX : (1850-1900) / Maria Arisnete  
Câmara de Morais. -- Campinas, SP : [s.n.], 1996.

Orientador : Sarita Maria Affonso Moysés.  
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,  
Faculdade de Educação.

1. Mulheres - Livros e leitura - 1850-1900. 2. Mulheres -  
História - 1850-1900. 3. Leitura - História. I. Moysés, Sarita Maria  
Affonso. II: Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de  
Educação. III. Título.



A Janela (1873) . Herbert H. Smith. Desenho de J. Wells Champney

MARIA ARISNETE CÂMARA DE MORAIS

Este exemplar corresponde à  
redação final da Tese defendida  
por \_\_\_\_\_

e aprovada pela Comissão  
Julgadora.

Data \_\_\_\_\_

Assinatura Arinete Ma

Tese apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de DOUTOR em Educação na Área de Concentração Metodologia de Ensino à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sarita Maria Affonso Moysés e co- orientação da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Leticia Bicalho Cañedo.

Comissão Julgadora:

Luiz M A Menezes

Albuquerque

Ranieri

Silvia Maria da Paixão

Hyacinth

## Agradecimentos

Demonstrar meu reconhecimento às pessoas que participavam dos meus avanços e recuos durante a elaboração desta Tese, é motivo de grande satisfação. Aqui deixo meu obrigada com carinho:

à professora Sarita Maria Affonso Moysés, orientadora e leitora crítica das minhas idas e vindas na escrita;

às professoras Sílvia Manfredi e Leticia Bicalho Cañedo, agradeço as pertinentes críticas e sugestões durante o Exame de Qualificação;

aos meus amigos e amigas que me incentivavam nas horas de desânimo: Mietje Mara de Aquino, Lúcia Araújo Marques, Márcia Maria Gurgel Ribeiro, Rosanália de Sá Leitão Pinheiro, Regina Lúcia de Oliveira; e a Carlos Braga, pela disponibilidade em redigir meu resumo em francês, e José Marival G. Martins, pela elaboração das tabelas e gráficos estatísticos;

à funcionária Nadir Camacho, da Secretaria de Pós-Graduação/FE, pela paciência com que me acolhia;

ao meu companheiro Diniz Grilo, pelo apoio e compreensão silenciosos;

Maria Rosa Martins de Camargo merece meu agradecimento especial, tanto pelas valiosas contribuições ao meu trabalho, quanto pelo apoio moral constante ao longo desses anos de amizade;

devo agradecer a Anete Abramowicz, por tê-la encontrado no meu caminho tornando-o mais resplandecente.

À memória de Dadá, Gustavo e Émerson,  
ausentes queridos.

## Resumo

Pretendeu-se, nesta investigação, reconstituir as práticas de leituras femininas na segunda metade do século XIX, na cidade do Rio de Janeiro que, como capital econômica, política e cultural do país, sentia em grau mais intenso do que as outras cidades as mudanças que fermentavam o Império. As principais transformações políticas e sociais do país aconteciam no Rio de Janeiro como a Abolição da Escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889), fundamentais para uma possível reconstrução dessas práticas. Inscrevendo-se na abordagem da História Cultural, esta análise pode propiciar o desvendar não só dessas práticas mas também como as leitoras viviam e pensavam suas relações com a leitura, com o mundo e com elas próprias. Como a multiplicada circulação dos impressos, mais no jornal do que no livro, transformava as formas de sociabilidade e convivência dessas leitoras? Como ocorria a formação dessas leitoras? A partir do cruzamento dos vestígios disponíveis, procurou-se configurar essa sociedade: nos textos literários, enquanto representação dos princípios contraditórios de construção do mundo social, através de situações mostradas pelos personagens de ficção; nos jornais, enquanto principal suporte de leitura e busca da leitora. Observou-se que as atividades ligadas à produção de artefatos textuais (livros e jornais) penetravam no cotidiano da cidade em busca da leitora. Nos romances, representava-se a imagem paradigmática da leitora: ora lendo silenciosamente, ora em voz alta nos serões, ora sendo a ouvinte-leitora enlevada com a oralização da escrita por uma voz masculina. Observou-se, também, que nos espaços partilhados dos jornais, as leitoras dialogavam entre leitoras,

## Résumé

Cette investigation cherche reconstituer les pratiques de lecture féminine au XIXe. siècle(1850-1900) dans la ville de Rio de Janeiro, lieu de grandes transformations dans le pays comme par exemple, l'Abolition de l'Esclavage(1888) et la Proclamation de la République, fondamentales à une possible reconstitution de ces pratiques. Inscrite dans l'approche de la Nouvelle Histoire Culturelle, cette analyse permet de connaître non seulement ces pratiques, mais aussi la façon dont les lectrices vivaient et envisageaient leurs relations avec le monde. Comment la variété des imprimés qui circulaient, d'abord dans les journaux et après dans les livres, transformait les manières de sociabilité de ces lectrices? Qu'est-ce que signifiait lire un texte pour ces lectrices? En croisant des vestiges possibles, on cherche configurer cette société: dans les textes littéraires, comme une représentation des principes contradictoires de construction du monde social, au travers de situations que vivaient les personnages de la fiction; dans les journaux, comme les principaux véhicules de lecture et de recherche de la lectrice. On a observé que la lecture mise en représentation dans les livres et journaux, circulait à la recherche de la lectrice. Les romans représentaient l'image paradigmatique de la lectrice; soit en lisant silencieusement, soit à voix haute dans la veillée, soit encore une lectrice sous le charme de l'oralisation de la lecture par une voix masculine. On a observé aussi que dans l'espace partagé des journaux, les lectrices écrivaient et produisaient une signification différente, en marquant la représentation de la société dans leur accès à la culture écrite.

# SUMÁRIO

## 1ª PARTE

### AS PRÁTICAS DE LEITURAS NO SÉCULO XIX

1- O objeto: as práticas de leituras femininas.....	1
2-Fontes pesquisadas.....	17
3-O Rio de Janeiro: uma sociedade em busca do letramento.....	23
4-O livro e o jornal.....	34
5-O folhetim.....	55
6-Leitora: a constituição do público feminino.....	62

## 2ª PARTE

### O PÚBLICO FEMININO DO SÉCULO XIX

1- Os salões: o lugar de leituras.....	84
2-A leitora: a busca dos caminhos.....	103
3-A boa leitura .....	137
4-Outros caminhos.....	149
5-Uma tentativa de conclusão.....	154
BIBLIOGRAFIA.....	165
ANEXO.....	176

“O passado é um livro imenso cheio de preciosos tesouros que não se devem desprezar; e toda a terra tem sua história mais ou menos poética, suas recordações mais ou menos interessantes, como todo o coração tem saudades. A capital do Império do Brasil não pode ser uma exceção a esta regra”. ( J. M. de Macedo, 1862).

## 1ª PARTE

### PRÁTICAS DE LEITURAS NO SÉCULO XIX

#### 1-O objeto: as práticas de leituras femininas

"Não é fácil escrever dos contemporâneos com retidão e critério. Movem-nos ao erro preconceitos e simpatias; obscurecem-nos a vista identidades ou antipatias de crenças e opiniões. Quando já volveram os séculos por sobre a lousa de um ilustre finado, o crítico mais calmo, menos predisposto a juízos antecipados, grava com o burel, e não pinta a capricho. Mas as lições da história, que quase sempre pecam pela inutilidade, ou pela aplicação incompetente, argumentam em desmerecimento com a maior distância dos anos. Novas formas sociais trazem novas necessidades, diversa educação dos indivíduos, e dos povos, idéias de justiça mais vasta, diversa interpretação dos feitos, que em uma época são grandes, e em outra bárbaros.

Emancipados da tutela histórica, nós buscamos em uma perfectibilidade convencional os marcos milionários para a nova civilização..."

Vassouras, 19 de maio de 1861

R. C. M.<sup>1</sup>

Propõe-se, nesta investigação, analisar as práticas de leituras femininas na cidade do Rio de Janeiro durante a segunda metade do século XIX. Privilegia-se a análise das maneiras como essas leitoras viviam e pensavam a sua relação com os impressos numa sociedade que se transformava. A partir dessa análise, focaliza-se a leitura dessas leitoras e as configurações criadas por suas representações modeladas pelos escritores nos livros e nos jornais.

Considerando a advertência do ilustre anônimo R. C. M., quanto à interpretação dos feitos, tenta-se evitar a predisposição de juízos de valor sobre os códigos do período investigado. As leitoras do século XIX viviam em mundos diferentes dos da atualidade, com seus próprios códigos e formas de percepção que só diziam respeito àquele mundo; logo, deve-se reconstituir esse passado também de formas diferentes, podendo-se assim desfrutar da ilusão de viajar no tempo e ir ao encontro da concentração dessas vozes multidiscursivas que viviam há mais de um século.

Porém, pretende-se não apenas ser a leitora desse passado, mas também uma ouvinte atenta dessas vozes que muito têm o que contar para esta investigação. No passado, encontra-se a chave para se tentar compreender a contemporaneidade. Embora se constate que os estudiosos do passado possam assemelhar-se a um antiquário, fugindo da realidade atual para consagrar-se ao estudo de um passado como uma "espécie de necrófilo cultural, alguém que encontra nos mortos e moribundos um valor que jamais pode encontrar nos vivos"<sup>2</sup>, entende-se que, através desse estudo, busca-se no passado a compreensão dos problemas peculiares ao nosso tempo.

Reconstituir esse passado significa recriar tempos e ausências, preenchendo-os e dotando-os de sentidos conforme as próprias percepções da investigadora e que se materializam na urdidura do texto. Significa ainda analisar uma história de leitura utilizando-se como principal objeto as maneiras pelas quais em diferentes momentos e lugares essa história era “construída, pensada, dada a ler”.<sup>3</sup>

Se a história tradicional oferece uma visão macro concentrando-se na análise dos feitos dos grandes homens, dos grandes estadistas; a história cultural desloca sua atenção para a história dos homens comuns, das mulheres comuns, preocupando-se com as suas práticas culturais, suas experiências da mudança social.

Neste enfoque, o que se pretende evidenciar é a maneira pela qual os indivíduos produzem o mundo social, aliando-se ou afrontando-se através das dependências e tensões que os unem e que os opõem, tomando-se como ponto de partida uma situação particular: as práticas de leituras femininas.

Na perspectiva da história cultural, entende-se que os eventos, ou tudo o que se refira à atividade humana são considerados objetos de análise histórica. Portanto, pequenos gestos, os sentimentos, os valores, a mulher, a infância, a morte, a loucura, o corpo, a festa, a fotografia, a pintura, maneiras de ler, maneiras de escrever, por exemplo, são práticas culturais que não estão perdidas para a história. Esses objetos de análise são tão importantes no estudo histórico quanto os tradicionalmente analisados, como por exemplo a luta de classes, as grandes revoluções, os grandes homens, os modos de produção, etc.

Nesta perspectiva histórica há que se considerar a tomada de consciência de que

“as diferenciações sociais não podem ser pensadas apenas em termos de fortuna ou de dignidade mas que são produzidas ou traduzidas pelos distanciamentos culturais. A partilha desigual das competências culturais (por exemplo, ler e escrever), dos bens culturais (por exemplo, o livro), das práticas culturais (das atitudes face à vida às atitudes face à morte) tornou-se assim o objeto central de múltiplas investigações, conduzidas de acordo com processos de quantificação e tendo em vista dar outro conteúdo à hierarquização social, sem a pôr em causa”.<sup>4</sup>

A análise da partilha desigual das competências culturais se desloca da distribuição estatística, quantitativa, desses bens culturais por um indivíduo ou um grupo numa dada sociedade. Com este e a partir deste deslocamento pode-se restituir aos indivíduos em particular e às comunidades em geral, o sentido das histórias singulares; pode-se restituir também a tomada de consciência das diferenças que particularizavam as mulheres na segunda metade do século XIX. Assim, tenta-se mostrar a sua presença na história cotidiana investigando como ocorriam as suas práticas de leituras.

Ocupar-se com o estudo dessas práticas de leituras consiste em localizar os seus pontos de afrontamento pretendendo-se acabar

"com os falsos debates desenvolvidos em torno da partilha, tida como irreduzível, entre a objetividade das estruturas (que seria o terreno da história mais segura, aquela que, manuseando documentos seriados, quantificáveis, reconstrói as sociedades tais como eram na verdade) e a subjetividade das representações (a que estaria ligada uma outra história, dirigida às ilusões de discursos distanciados do real).<sup>5</sup>

Se no paradigma tradicional a objetividade está presente na história, ao historiador cabe a tarefa de apresentar os fatos aos leitores conforme ocorreu. No entanto, por mais objetividade que se pretenda emprestar a esse paradigma, não se pode evitar a reflexão sobre o passado de um ponto de vista particular. A história contada a partir do ponto de vista do vencedor, não pode, necessariamente, ser a mesma a partir do ponto de vista do vencido, por exemplo. Ambos têm percepções diferentes sobre essa história porque perseguiram fatos diferentes para relatar.

Assim, questiona-se a própria noção de história objetiva, traduzida em termos de fatos históricos inquestionáveis, instalando-se o tempo das incertezas e das desconfianças. Instalando-se o tempo das incertezas, das desconfianças, instalam-se maneiras diferentes de análise das seqüências históricas; instalam-se maneiras diferentes de interpretações do mesmo

evento, rompendo-se assim com a tradição de um único sentido, entre tantos possíveis, atribuído a um texto e sacralizado porque escrito.

Isto sugere que, dependendo da perspectiva que se analisa um acontecimento, pode-se chegar a várias conclusões sobre esse mesmo acontecimento. Por exemplo, não se pode acreditar que os leitores da história de vida do presidente Getúlio Vargas pudessem aceitar a urdidura do enredo do seu suicídio como comédia; porém, se este enredo for relatado à maneira romântica ou trágica é uma questão de pontos de vista.

Conclui-se que não se pode perceber as práticas de leituras femininas como uma ordenação sucessiva dos fatos revelados através da manipulação dos documentos seriais, quantitativos, e sim, como uma construção viva e dinâmica. Trata-se não apenas de uma questão de sensibilidade para urdir a estrutura específica deste relato de modo a torná-lo inteligível; trata-se, também, de uma operação literária.

Perceber o modo como essas práticas se configuram como uma operação literária, significa criar na historicidade da sua produção a encenação que conduz ao seu desvelamento. Na análise do que restou das leituras dessas leitoras encontra-se, provavelmente, a chave que torna inteligível o relato. Relato que se caracteriza “não tanto por uma maneira de se exercer mas antes pela coisa que mostra”<sup>6</sup> ou seja, mostra o que as leitoras do século XIX faziam das suas leituras.

Se o relato caracteriza-se não tanto por uma maneira de se exercer, mas antes pela coisa que mostra, as práticas de leituras femininas, por exemplo; se a tática é entendida como

"a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio e por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha"<sup>7</sup>

ou melhor, é uma arma utilizada pelo fraco, conquistando espaço aqui e perdendo mais adiante, caçando no campo minado do inimigo, vigilante às suas falhas, atacando, criando surpresas, busca-se o entendimento das operações de caça das leitoras no lugar do outro criando seus próprios espaços de leitura. Busca-se, por exemplo, entender as astúcias dessas leitoras para se fazerem presentes onde ninguém esperava: redigindo jornais, escrevendo artigos, dialogando entre leitoras.

Portanto, para se narrar essas práticas de leituras não existe outra forma além delas mesmas. Para dizerem o que fizeram dessas leituras na segunda metade do século XIX, somente elas, as leitoras. A arte do dizer constituindo a própria prática do pensar e do fazer.

Finalmente, entende-se essas práticas de leituras como

"a análise do trabalho de representação, isto é, das classificações e das exclusões que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceptuais próprias de um tempo ou de um espaço. As estruturas do mundo social não são um dado objetivo, tal como não o são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas

práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constróem as suas figuras. Por outro lado, esta história deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido".<sup>8</sup>

Uma vez que o termo representação pode referir-se a diversos tipos de apreensão de um objeto intencional, é necessário que na análise da história das práticas de leituras se especifique em que sentido se emprega este conceito. Portanto, os antigos conceitos de representação

"manifestam a tensão entre duas famílias de sentido: por um lado, a representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro, a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém".<sup>9</sup>

Nesta investigação, elabora-se o conceito de representação a partir dessas acepções, permitindo conjugar três modalidades de articulação do indivíduo com o mundo:

"em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos

diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns "representantes" (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade".<sup>10</sup>

Se a relação de representação é entendida como o relacionamento de uma imagem presente e de um objeto ausente, indaga-se: Qual é a relação entre o romance, e neste, a leitora representada e as práticas de leituras femininas que se pretende, nele, representar?

Essa relação explica-se nas representações determinando o modo de ser da linguagem, do indivíduo e das práticas de leituras num determinado período, numa dada sociedade. As práticas de leituras femininas no século XIX, assim pensadas, não são senão as representações das práticas de leituras femininas nos textos analisados. O objeto representado, nos textos disponíveis, evoca imagens de coisas que indicam metáforas de vida com a força que o próprio texto possui, impondo-se.

Neste relato, há que se considerar mais uma vez a advertência do ilustre anônimo R. C. M.: "novas formas sociais trazem novas necessidades". Necessidades, por exemplo, de pôr em evidência a imagem dessas leituras femininas refazendo uma época. São os textos relatando histórias... e fazendo história.

Os textos do século XIX circulavam de diferentes maneiras no livro e no jornal e de diferentes maneiras as leitoras construíaam significados. Significados que escapavam ao controle do escritor, peregrinando através do mundo social e pluralmente apropriados pelas leitoras conforme as suas percepções de mundo.

"Um livro muda pelo fato de que ele não muda quando o mundo muda. Quando o livro permanece e o mundo de todos os lados muda, o livro muda. Finalmente, o espaço dos livros nos quais se vai lê-los vai mudar".<sup>11</sup>

Acrescente-se ainda: os jornais e as práticas de leituras também mudam. Um exemplo dessas mudanças, é o esforço do intelectual para controlar o uso dos seus textos justificando, através de outras produções, que já não pensa mais da mesma forma que pensava numa determinada época. Esta constatação, em si mesma, justifica a análise dessas práticas de leituras femininas.

A caracterização dos modos de leitura torna-se indispensável se se pretende reconstruir as diferentes maneiras que as leitoras se apropriavam desses textos nos espaços que os constituíaam historicamente. Saliente-se que a leitura implica em espaços, em gestos e hábitos; existe mesmo uma predisposição das leitoras para praticá-la, seja na esfera do público ou do privado, manifestando emoções através da sua postura corporal remetendo-as a si mesmas.

O livro incita a escolha do local da sua leitura, existindo mesmo uma "instituição do corpo lendo".<sup>12</sup> Posições que indicam, por exemplo, as práticas de leituras profundas, caracterizadas pelo gesto da cabeça entre as mãos e os olhos voltados para os livros; ou gestos distraídos, observados nas representações de leituras nos romances: as leitoras displicentemente sentadas na poltrona do seu uso, com um livro nas mãos.

As práticas de leituras mudam conforme mudam as sociedades e marcam a história das maneiras de ler um texto. Mudanças que distinguem uma leitura silenciosa que não é mais do que o movimento do olho no espaço circunscrito do texto (a página), de uma leitura oralizada, em voz alta ou baixa, que necessita do suporte da voz para lhe dar significado.

Para a compreensão dessas mudanças, considere-se os séculos IX - XI quando os escribas monásticos abandonavam os hábitos da leitura e da cópia oralizadas; o século XIII com a difusão, no mundo universitário, da leitura silenciosa e a metade do século XIV, logo que a nova maneira de ler ganha, tardiamente, os aristocratas leigos.

Um elemento facilitador da prática da leitura consistia na introdução de intervalos e divisões entre as palavras, antes um fluxo contínuo de letras sem parágrafos, sem pontuação e sem capítulos, conforme ocorreu nos primeiros manuscritos do Novo Testamento. Essa nova prática, já conhecida na escrita hebraica desde o século VI a.c.,<sup>13</sup> continuava a prejudicar a escrita latina até o século XI, pois o escriba encontrava dificuldades em dividir apropriadamente as palavras confundindo as letras. Liberada desses entraves, a leitura se expande gradativamente...

"Ler sem pronunciar em voz alta ou a meia voz é uma experiência "moderna", desconhecida durante milênios. Antigamente, o leitor interiorizava o texto: fazia da própria voz o corpo do outro, era o seu autor. Hoje o texto não impõe mais o seu ritmo ao assunto, não se manifesta mais pela voz do leitor. Esse recuo do corpo, condição de sua autonomia é um distanciamento do texto. É para o leitor o seu habeas corpus".<sup>14</sup>

A leitura silenciosa, além de transformar o trabalho intelectual numa prática remissiva individual, uma leitura conduzindo à outra numa escala sucessiva de tessituras infinitas, permite também aos leitores e leitoras a prática de vôos imaginários através da página. É a arte de ler sem interferências, na intimidade absoluta de cada leitora, por exemplo.

No entanto, a imagem predominante da leitura silenciosa, da leitura de foro privado, não anula as maneiras de ler mediatizadas pela voz do outro, o seu ator. Entre os séculos XVI e XVII, a leitura em voz alta era praticada entre amigos ou companheiros casuais. Textos como os romances de cavalaria, por exemplo, eram objetos dessas leituras. Leituras que divertiam, ajudavam a passar o tempo e eliminavam, momentaneamente, as tensões entre o grupo que se formava para ouvi-las: nas tavernas, nos salões e nos círculos familiares, nos quais uma voz transmitia aos ouvintes a palavra escrita. O 'lector' era alguém que, preferencialmente, soubesse interpretar as

personagens e possuísse uma voz sonora e desembaraçada a fim de prender a atenção de todos. Cervantes(1605/1615)\* registrava esses momentos de descontração nas tavernas:

"Observou o cura que os livros de cavalaria, que D. Quixote havia lido, lhe tinham transtornado o juízo. E o vendeiro ponderou:

- Não sei como pôde ser isso, pois na verdade, pelo que entendo, não há melhor leitura no mundo. Tenho ali dois ou três deles, com outros papéis, que verdadeiramente me têm entretido a existência, não só a mim, senão que a muitos outros. Quando é tempo da ceifa, recolhem-se aqui, nos dias de festa, muitos segadores, e sempre há algum que sabe ler e que apanha um destes livros; mais de trinta de nós lhe fazemos roda e o escutamos com tanto gosto, que chegamos a ficar mais novos."<sup>15</sup>

---

O ano de 1605 é a data da impressão da primeira parte de D. Quixote; em 1615, dez anos depois, apareceu a segunda parte, conforme prefácio à edição de 1956 para a editora W. M. Jackson INC, feita por Federico de Onís.

Leituras em voz alta. A segunda metade do século XIX não anulava essa prática tão freqüente e popular na França do século XVI ao XVIII. Esses gestos, repetidos e praticados nos serões das noites brasileiras, **com voz sonora e desembaraçada** tinham uma dupla função: de um lado marcavam as relações da sociedade com os impressos, caracterizavam a sua busca do letramento; de outro lado, representavam uma forma de divulgação dos impressos, entre as leitoras principalmente, numa sociedade que se pretendia letrada.

Uma leitura oralizada congregava uma família ou grupos de amigos para uma audição partilhada sem as garantias, no entanto, do mesmo sentido também partilhado. Observe-se por exemplo, a leitora representada no romance **Senhora(1875)** do escritor José de Alencar:

“-Que trazem de novo os jornais?

-Ainda não os li. Que mais lhe interessa? Naturalmente a parte noticiosa, o folhetim...

Ao mesmo tempo abria Seixas as folhas uma após outra, e percorrendo com os olhos, lia em voz alta para Aurélia o que encontrava de mais interessante. A moça fingia ouvi-lo...

Seixas continuou a percorrer os jornais, como se acesse ao gosto de Aurélia. Nesse rápido exame ia lendo as epígrafes, a ver se alguma tinha virtude de excitar a curiosidade da moça.”<sup>16</sup>

Todavia, a diferença entre leitura oralizada e silenciosa pode ser também entendida como um indício de diferenças sócio culturais numa sociedade dada. Assim, ainda no século XIX os leitores neófitos e inábeis se distinguirão dos outros por sua incapacidade de ler em silêncio.<sup>17</sup> Para esses leitores existe a necessidade de ouvir leituras não através da voz do outro, mas através da própria voz uma vez que “há uma grande diferença entre os letrados talentosos e os leitores menos hábeis, obrigados a oralizar o que lêem para poder compreender, ou que só se sentem à vontade com algumas formas textuais ou tipográficas”<sup>18</sup>. Formas textuais como a letra de mão, com as quais os leitores mais ou menos hábeis não se sentiam muito à vontade ou não liam mesmo. Por exemplo, Machado de Assis, quando comentava sobre os resultados do recenseamento no Império, referia-se aos leitores mais ou menos hábeis:

"A nação não sabe ler. Há só 30% dos indivíduos residentes neste país que podem ler; desses uns 9% não lêem letra de mão".<sup>19</sup>

Se de um lado essa análise mostrava não só números de analfabetos (não saber ler é uma prática cultural também), por outro lado Chartier observa que as taxas de alfabetização não dão conta da familiaridade com o escrito; por exemplo, nas sociedades arcaicas o aprendizado da leitura e da escrita eram dissociados e sucessivos existindo pessoas, principalmente mulheres, que deixavam a escola sabendo ler mas sem conseguir escrever.<sup>20</sup>

Por outro lado, ainda, o escrito está mesmo instalado na cultura do analfabeto, presente nos espaços públicos, nos espaços de trabalho, nas placas das ruas, nos nomes das escolas, nas indicações dos ônibus, nos letreiros luminosos, nos jornais, tornando-o acessível aos capazes e aos incapazes de leitura possibilitando outras tantas maneiras de leitura. Apesar das taxas de alfabetização não darem uma justa medida do número de analfabetos, faz-se necessário que se pense no impacto que causava a circulação dos impressos numa sociedade que ainda era bastante oral como a do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX.

Finalmente, no movimento do texto tentando instaurar uma ordem e a sua apropriação contrastante pelo leitor, se inserem as práticas de leituras e as maneiras de ler das leitoras da segunda metade do século XIX. Leitoras cujos únicos indícios dos usos dos impressos, tanto do livro quanto do jornal, são os próprios impressos impondo-se e impondo severos limites nesta investigação.

## 2- Fontes pesquisadas

Utilizou-se como fonte de dados os registros formais encontrados nos livros e nos jornais; utilizou-se também os textos literários, enquanto representações dos princípios contraditórios de construção do mundo social, através de situações mostradas pelos personagens de ficção.

Assim, propõe-se uma leitura histórica dos textos literários reconduzindo-os ao estatuto de documento. Embora se considere o estatuto próprio do texto literário, ele é uma produção social válida porque revela, de uma outra forma, o que a análise social revela através de outros processos de investigação. Assim sendo, torna-se possível o diálogo entre a literatura e a história admitindo-se que

“nenhum texto- mesmo aparentemente mais documental, mesmo o mais ‘objetivo’ (por exemplo, um quadro estatístico traçado por uma administração - mantém uma relação transparente como a realidade que apreende.”<sup>21</sup>

O texto literário então se presta não apenas à constatação de uma realidade em si, mas a uma infinidade de leituras desvelando as relações sociais, por exemplo, o convívio entre os homens e as mulheres e as práticas de leituras femininas. Saliente-se, nesta reflexão, o romance, “único gênero

em evolução”,<sup>22</sup> capaz de compreender a própria evolução e transformação da sociedade que se busca configurar. E enfatize-se que

“a representação do passado no romance não implica absolutamente a modernização deste passado. Pelo contrário, a representação autenticamente objetiva do passado enquanto tal, só se torna possível no romance.”<sup>23</sup>

Com esta compreensão, buscou-se nos romances de Machado de Assis, José de Alencar, Adolfo Caminha, Aluísio Azevedo e Bernardo Guimarães, as suas representações de leituras deduzindo-se dessas representações os paradigmas de leituras predominantes. Assim sendo, vislumbravam-se não apenas as imagens de leituras, as maneiras de ler e os espaços partilhados dessa prática cultural e plural na segunda metade do século XIX. Vislumbravam-se também as imagens das leitoras, definindo-se de que leitoras se fala através das configurações das leitoras que os escritores buscavam no jornal.

Portanto, este material de análise permitiu, não somente a configuração de época como também a compreensão das práticas de leituras femininas que se buscava.

A sua busca ocorreu na Biblioteca Municipal Mário de Andrade no Estado de São Paulo, na Biblioteca Nacional e no Arquivo Nacional, ambos na cidade do Rio de Janeiro e no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), localizado na Universidade de São Paulo (USP).

Pesquisou-se, ainda, nas Bibliotecas da Faculdade de Educação e do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), ambas na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); e ainda a pesquisa na Biblioteca Central Zila Mamede, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e na Biblioteca Municipal Câmara Cascudo, em Natal (RN).

Vasculhar esses textos em busca dessas práticas de leituras constituía o caminho a percorrer. Livros falando sobre livros, jornais falando sobre jornais, se influenciando mutuamente e influenciando os leitores e as leitoras, permitiam não apenas colocar ordem no material pesquisado, mas também forneciam as pistas de organização da escrita desta história.

Nos romances, evidenciava-se a mania de se representar as leitoras ora lendo silenciosamente, ora sendo a ouvinte de uma voz quase sempre masculina, que se tornava o fio condutor, o primeiro desvendar dessas práticas de leituras. Revelava-se, aos olhos da pesquisadora, a representação de um espaço privado familiar: a sala de visitas, na qual transcorriam os longos serões e as práticas de leituras femininas da segunda metade do século XIX

A busca nos arquivos prosseguia; desta feita, encaminhava-se para os Anais da Biblioteca. Num levantamento feito na Biblioteca Nacional dos jornais e revistas literários do período 1850/1900, publicados no Rio de Janeiro, constatava-se a busca das leitoras pelos escritores e redatores como no jornal *O Futuro*, *Marmota na Corte* e *Diário do Rio de Janeiro*. Nesses jornais, buscavam as leitoras com traduções de poemas, indicações de leituras e com figurinos vindos de Paris.

Fazia-se um levantamento, dentro do levantamento dos jornais literários; chegava-se aos periódicos dedicados à mulher. O resultado era o seguinte na ordem de publicação nos Anais:

**O bandolim.** Quarteto dedicado ao Belo Sexo do Congresso do Cateto. 1889;

**O beijo.** Publicação semanal de modinhas recitativas, lundus e poesias diversas dedicadas ao belo sexo. 1881;

**Belo-sexo.** Periódico religioso, de instrução e recreio, noticioso e crítico moderado. 1862;

**Biblioteca das senhoras.** 1874;

**O bisbilhoteiro.** Periódico dedicado ao belo sexo. 1889;

**Os bons exemplos.** Jornal da Congregação das filhas de Maria e das famílias católicas. 1870;

**O direito das damas.** Órgão dedicado ao interesse da mulher. 1882;

**Eco das damas.** 1879 -1882;

**O folhetim.** Diário de romances. 1883.

**Jornal das senhoras.** Modas, literaturas, belas artes, teatros e crítica. 1852 - 1855;

**Novo gabinete de leitura.** Repertório oferecido às famílias brasileiras para seu recreio e instrução. 1850;

**A mulher.** Periódico ilustrado de literatura e belas artes, consagrado aos interesses da mulher brasileira. 1881;

**Recreio do belo sexo.** Modas, literatura, belas artes e teatro. 1856;

**Recreio das moças.** Periódico e quinzenal, literário, recreativo e noticioso. 1889 - 1990;

**O quinze de novembro do sexo feminino.** Periódico e quinzenal, literário, recreativo e noticioso. Redator proprietário: Francisca Senhorinha da Motta Diniz. 1889 -1990;

**O sexo feminino.** Semanário dedicado ao interesse da mulher. 1875 - 1876;

**A violeta fluminense.** Folha crítica e literária dedicada ao Belo Sexo. 1857 - 1858.

Chegava-se também aos jornais não só dedicados ao belo sexo, mas entre esses jornais alguns redigidos por mulheres:

**Belo sexo**, redigido por várias senhoras, sendo a redatora chefe D. Júlia de Albuquerque Sandy Aguiar;

**O sexo feminino**, tendo como principal redatora D. Francisca Senhorinha da Motta Diniz;

**O jornal das senhoras** redigido por Joana Paulo Manso de Noronha;

**A mulher**, redigido em New York pelas estudantes brasileiras Josefa A. F. M. de Oliveira e Maria A. G. Estrella;

**O quinze de novembro do sexo feminino**, sendo redatora e proprietária D. Francisca Senhorinha da Motta Diniz, e tendo como colaboradoras suas filhas e diversas senhoras

Evidenciava-se, assim, a constante busca da leitora por outros, mas também pela própria leitora.

Saliente-se que esses textos, redigidos por mulheres, eram socialmente produzidos num trabalho coletivo de construção da realidade pelas leitoras do século XIX. Leitoras que, provavelmente se reuniam, discutiam, elegiam suas representantes, tomavam posições, deliberavam, formavam associações, elaboravam projetos a fim de que as vozes femininas (que hoje ainda ecoam, por exemplo, nesta investigação) pudessem falar publicamente nos impressos que circulavam; pudessem falar publicamente transformando as práticas de leituras num debate social, público, e, à posteriori, em objeto de investigação. Não se pode perder de vista que esse era um trabalho coletivo das leitoras construído na concorrência e na luta inscrita no campo de poder.

A leitura desses textos vai revelando maneiras de convivência da sociedade do Rio de Janeiro, e estes vão se constituindo valiosa fonte de informações sobre as práticas de leituras femininas que se buscava.

Procedendo-se assim, pode-se chegar ao tempo da história das práticas de leituras femininas no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX. Coloca-se no centro dessa história os questionamentos acerca dos processos pelos quais um texto foi produzindo um sentido e diferenciadamente construindo uma significação pelas leitoras.

### 3-O Rio de Janeiro: uma sociedade em busca do letramento

Na busca das práticas de leituras, depara-se com um lugar: a cidade do Rio de Janeiro; e, através das falas dos escritores da época, dos seus comentários, fica-se informado das transformações da cidade publicadas nas crônicas diárias ou quinzenais dos jornais. Com esses textos e a partir deles, tentou-se construir, em parte, um contexto no qual se movimentavam as práticas de leituras femininas. Textos que constituem o suporte material para investigar as leituras femininas, constituem também o suporte para contextualizá-las.

Justifica-se a escolha do Rio de Janeiro, em virtude dessa cidade ter sido o palco de grandes transformações durante a segunda metade do século XIX. Como capital econômica, política e cultural do país, sentia em grau mais intenso do que as outras cidades as mudanças que fermentavam o Império. Essa cidade dava a cor, a última palavra, uma vez que nela se instalava a Corte Portuguesa em 1808 munindo-a de todo o aparato necessário à sua comodidade.

As principais transformações políticas e sociais do país aconteciam no Rio de Janeiro como a Abolição da Escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889). Após esses eventos, o Rio transformava-se no foco das atenções de todo o país. Os acontecimentos, quaisquer que fossem, assumiam uma importância desmedida em função da ressonância produzida pela situação privilegiada em que se achava a cidade.<sup>24</sup>

Era, portanto, cada vez mais atraente morar na cidade do Rio de Janeiro constituindo o sonho de todos e de cada um representado, por exemplo, no romance **casa de pensão(1883)** através do personagem Amâncio:

"A Corte era "um Paris", diziam na província, e ele, por conseguinte, havia de lá encontrar boas aventuras, cenas imprevistas, impressões novas e amores, - oh! amores principalmente!"<sup>25</sup>

A imagem de Paris impunha-se como sentido de civilização e refinamento. Essa cidade, plena de processos socialmente inovadores, era por excelência vitrine da civilização e das transformações que se instalavam no Brasil.

O rápido crescimento populacional do Rio de Janeiro contribuía também para alterar-lhe o perfil, principalmente nas últimas décadas. A abolição da escravatura lançava no mercado de trabalho livre o restante da mão-de-obra escrava, impulsionando-a para os núcleos urbanos mais desenvolvidos.

O Rio de Janeiro tornava-se um pólo de atração tanto para o trabalhador assalariado das regiões brasileiras em declínio quanto para os imigrantes estrangeiros, especialmente portugueses.

Em 1872 a cidade do Rio de Janeiro contava com uma população em torno de 274.972 habitantes, sendo que 190.689 era de nacionalidade

brasileira e 84.283 de nacionalidade estrangeira correspondendo a 306.5% de estrangeiros por 1000 habitantes.<sup>26</sup> Em 1890, o movimento migratório continuava; de uma população de 522.651 habitantes, 398.299 era de nacionalidade brasileira e 124.352 de nacionalidade estrangeira correspondendo a 273.9% de estrangeiros por 1000 habitantes.

Os dados estatísticos evidenciavam que a população do Rio de Janeiro era basicamente composta de imigrantes, o que provocava mudanças culturais na cidade. Diferentes visões de mundo conviviam e fundiam-se no mesmo espaço social compondo a sinfonia da cidade e redefinindo padrões de comportamento.

O perfil da cidade modificava-se progressivamente. A iluminação a gás, a água encanada, as estradas de ferro e os bondes elétricos simbolizavam a prosperidade. Em 1877, Machado de Assis escrevia no **diário do Rio de Janeiro**:

"Mas inauguram-se bonds. Agora é que Santa Tereza vai ficar à moda. O que havia pior, enfadonho a mais não ser, eram as viagens de diligência, o nome irônico de todos os veículos desse gênero. A diligência é um meio termo entre a tartaruga e o boi.

Uma das vantagens do bonds de Santa Tereza sobre os seus congêneres da cidade, é a impossibilidade da pescaria. A pescaria é a chaga dos outros bonds. Assim, entre o largo do Machado e a Glória, a pescaria é uma verdadeira amolação; cada bond desce a passo lento, a olhar para um e outro lado a

catar um passageiro ao longe. Às vezes o passageiro aponta na praia do Flamengo, o bonde, polido e generoso, suspende o passo, espera, cochila, toma uma pitada, dá dois dedos de conversa, apanha o passageiro, e segue o fadário até a seguinte esquina onde repete a mesma lenga-lenga".<sup>27</sup>

Os bondes elétricos diminuían as distâncias e provocavam a socialização entre os seus usuários; com o uso desses bondes elétricos podia-se, por exemplo, fazer passeios a lugares ainda pouco urbanizados.

Gradativamente modificavam-se os hábitos da cidade exigindo dos seus habitantes novas formas de convívio. Machado de Assis(1888) escrevia sobre essas mudanças no prefácio à edição do romance o guarani:

"A chácara de 1853 não estava, como as de hoje, contígua à rua do Ouvidor por muitas linhas de tramways, mas em arrabaldes verdadeiramente remotos, ligados ao centro por tardos ônibus e carruagens particulares ou públicas. A vida fluminense era então outra, mais concentrada, menos ruidosa. O mundo ainda não nos falava todos os dias pelo telégrafo, nem a Europa nos mandava duas e três vezes por semana, às braçadas, os seus jornais.

Naturalmente, a nossa principal rua era menos percorrida. Poucos eram os teatros, casas fechadas onde os espectadores iam tranqüilamente assistir a dramas e comédias, que perderam o viço do seu tempo. A animação da cidade era menos e de

diferente caráter. A de hoje é o fruto natural do progresso dos tempos e da população; mas é claro que nem o progresso nem a cidade são dons gratuitos. A facilidade e a celeridade do movimento desenvolveram a curiosidade múltipla e de curto fôlego, e muitas coisas perderam o interesse cordial e duradouro, ao passo que vieram outras e inumeráveis".<sup>28</sup>

Ocorria a quebra das fronteiras entre a casa e as ruas que, antes pertencentes aos escravos, "são freqüentadas por famílias a passeio e mesmo senhoras que já dispensam o séquito de mucamas"<sup>29</sup>.

A quebra dessas fronteiras, gerada pelo surto de desenvolvimento, afetava o comportamento das pessoas, curiosas em presenciar as transformações da cidade do Rio de Janeiro; assim, em contato com as experiências uma das outras, enlargueciam suas visões de mundo, antes restritas à ordem familiar.

O novo estilo de vida influenciava as relações sociais e hábitos da sociedade. As pessoas consumiam mais, adquiriam hábitos refinados e estabeleciam padrões de exigência quanto à forma de usufruto das solicitações do mercado do qual era exemplo, a rua do ouvidor. Com a adoção de formas burguesas de desfrutar as atrações urbanas...

"foram chegando novos estilos de vida, contrários aos rurais e mesmo aos patriarcais: o chá, o governo de gabinete, a cerveja inglesa, a botina Clark, o biscoito de lata. Também roupa de

homem menos colorida e mais cinzenta; o maior gosto pelo teatro que foi substituindo a igreja; pela carruagem de quatro rodas que foi substituindo o cavalo ou o palanquim; pela bengala e pelo chapéu-de-sol que foram substituindo a espada de capitão ou de sargento-mor dos antigos senhores rurais".<sup>30</sup>

Era a época de prestígio da estreita rua do ouvidor, considerada o ponto elegante da cidade do Rio de Janeiro; isto porque a venda dos artigos importados da França, nas suas lojas, influenciavam a moda feminina.

"As senhoras fluminenses entusiasmaram-se pela rua do Ouvidor, e foram intransigentes na exclusiva adoção da tesoura francesa. Nem uma desde 1822 se prestou mais a ir a saraus, a casamentos, a festas e reuniões sem levar vestido cortado e feito por modista francesa da Rua do Ouvidor.

Houve revolução econômica: os pais e os maridos viram subir a cinquenta por cento a mais a verba das despesas com os vestidos e os enfeites das filhas e das esposas. A rainha Moda de Paris firmou seu trono na rua do Ouvidor".<sup>31</sup>

Na rua do ouvidor todos queriam ser vistos por todos, acotovelando-se entre as suas estreitas calçadas.

"Sem convites nem horários, nem etiquetas, a Rua do Ouvidor foi um ponto de encontros, um tablado de exibições elegantes, feira de vaidade e amores, um salão".<sup>32</sup>

Um salão ao ar livre, convidativo às conversas informais e sussurradas porque

"...há nela assim estreitinha, um aspecto e uma sensação de intimidade. É a própria rua do boato. Vá lá correr um boato por avenidas amplas e lavadas de ar. O boato precisa de aconchego, de contigüidade, do ouvido à boca para murmurar depressa e baixinho, e saltar de um lado para outro. Na rua do Ouvidor, um homem, que está à porta do Laemmert, aperta a mão do outro que fica à porta do Crashley, sem perder o equilíbrio".<sup>33</sup>

As transformações urbanas forjavam novas realidades e revelavam costumes mais soltos ...

"As tinas estavam abandonadas; os coradouros despídos. Tabuleiros e tabuleiros de roupa engomada saíam das casinhas, carregados na maior parte pelos filhos das próprias lavadeiras que se mostravam agora quase todas de fato limpo. Os casaquinhos brancos avultavam por cima das saias de chita de cor. Desprezaram-se os grandes chapéus de palha e os aventais

de aniagem; agora as portuguesas tinham na cabeça um lenço de ramagens vistosas e as brasileiras haviam penteado o cabelo e pregado nos cachos negros um ramallete de dois vinténs... Mulheres ensaboavam os filhos pequenos debaixo da bica, muito zangadas, a darem-lhes murros, a praguejar, e as crianças berravam, de olhos fechados, esperneando".<sup>34</sup>

Às transformações do Rio de Janeiro elegante da rua do ouvidor e da república popular do cortiço, associava-se o projeto de formação de uma sociedade letrada, valorizando a leitura como símbolo de instrução e como forma de socialização. Neste sentido, no romance **Quincas Borba**(1891),<sup>35</sup> do escritor Machado de Assis, a personagem Maria Benedita consentia em aprender francês "que era indispensável para conversar, para ir às lojas, para ler um romance", uma vez que era de bom-tom aprender a ler e a falar francês; costume esse registrado também por Joaquim Manuel de Macedo nas **memórias da rua do ouvidor**(1878):

"Como é sabido, cuidava-se ainda então muito pouco da instrução do sexo feminino: pois bem; algumas senhoras fluminenses deram-se logo com interesse e gosto ao estudo da língua francesa.

Um dia um tio velho e rabugento perguntou à sobrinha que escapara de ficar analfabeta:

-Menina, por que te meteste a aprender francês, quando ainda ignoras tanto o português?...

-Ah, titio!...é tão agradável ouvir dizer très jolie! em português não há isso".<sup>36</sup>

Aprender francês estava previsto na educação das mulheres brasileiras que tinham condições financeiras para isso. Os romances franceses eram lidos no original e faziam parte do lazer feminino. Seriam as condições financeiras um elemento de destaque para o delineamento do público leitor feminino?

Por outro lado, o Conselheiro Paulino José Soares de Souza justificava que "a instrução constitui elemento vital das sociedades modernas; ela é a primeira condição de qualquer progresso material e moral, porque ela é sua luz como a liberdade é sua atmosfera".<sup>37</sup>

Para que se tenha uma idéia geral da formação de uma sociedade letrada, recorre-se aos dados censitários de 1872 e 1890, embora o censo de 1872 registre que 181.583 mil habitantes ficavam de fora nesse levantamento uma vez que o grau de instrução dessas pessoas não constava dos quadros gerais. E constate-se também que, tanto no censo de 1872 quanto no de 1890, a população não foi discriminada por idades relativamente ao grau de instrução.<sup>38</sup>

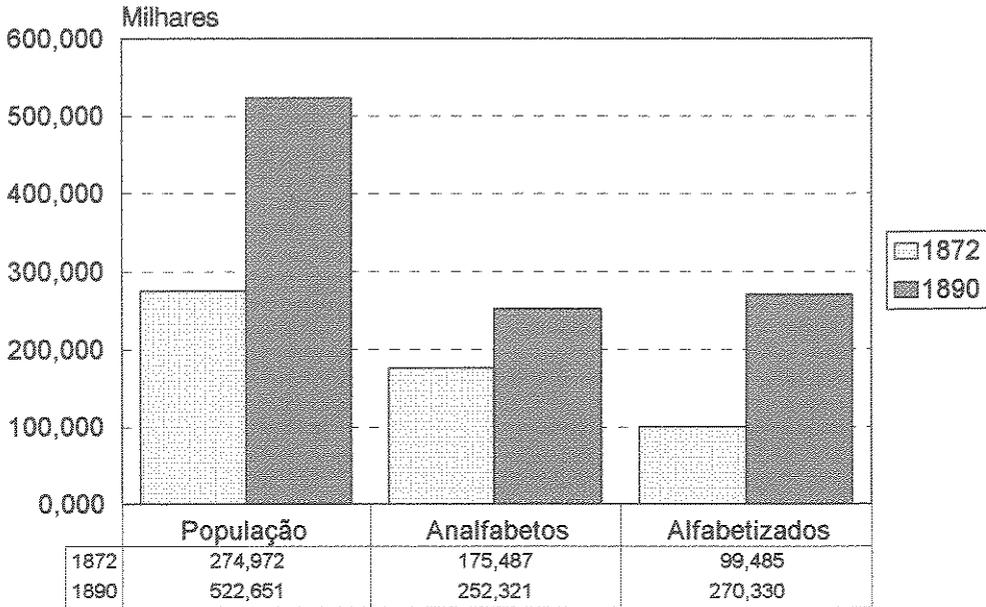
A cidade do Rio de Janeiro contava em 1872 com uma população de 274.972 habitantes e 99.485 encontravam-se na categoria sabendo ler e escrever e 175.487 não sabendo ler nem escrever correspondendo a 63.8% de analfabetos. Enquanto que no Império, de uma população em torno de 9.930.478 em 1872 correspondia a 84.2% de habitantes analfabetos.

Os dados da população alfabetizada do recenseamento de 1890 sugeriam um crescimento da população alfabetizada na cidade do Rio de Janeiro; de 99.485 mil alfabetizados em 1872, passava para 270.330, equivalendo a um incremento de 170.845 mil alfabetizados na cidade.

De uma população total de 522.651 habitantes, 270.330 sabiam ler e escrever; e 252.321 não sabiam ler nem escrever entendendo-se como alfabetizadas,<sup>39</sup> as pessoas que apenas sabiam ler ou apenas sabiam escrever correspondendo a 48.3% de analfabetos sobre o total da população. No Brasil, observava-se uma relação de 85.2% de analfabetos sobre uma população de 14.333.915 milhões de habitantes em 1890.

O número de alfabetizados na cidade do Rio de Janeiro ultrapassava o número de analfabetos que correspondia a 252.321 em 1890. A situação dos alfabetizados no Brasil correspondia em 1872 a 1.564.481 milhões distribuídos pelas províncias; em 1890 a população alfabetizada atingia a casa dos 2.120.559 milhões de habitantes correspondendo a um acréscimo de 556.078 alfabetizados para uma população de 12.213.356 milhões de analfabetos.

## População e Analfabetos da Cidade do Rio de Janeiro 1872 e 1890



Fonte: Anuário Estatístico do Brasil(Separata) - 1939/1940.  
Séries Estatísticas Retrospectivas/Fundação IBGE

Se se percebe, a julgar pelas evidências dos números, que o Rio de Janeiro se configurava como uma sociedade em busca do letramento; se se percebe que a modernização dessa cidade passava também pela valorização da escrita, indaga-se: como as mulheres se apropriavam dos impressos que circulavam nos jornais? E nos livros? E como marcavam as representações dessa sociedade no seu acesso à cultura escrita?

#### 4 - O livro e o jornal

Tentando-se ainda perceber essas relações com o mundo letrado e entender como as mulheres se apropriavam dos impressos que circulavam nos livros e nos jornais, fez-se um levantamento das livrarias, editores, livros e jornais. Com este levantamento, configurava-se a convivência com o escrito na cidade do Rio de Janeiro.

Comprovava-se a convivência com o escrito, na cidade do Rio de Janeiro, através da ampliação do número de livrarias na segunda metade do século XIX. Em 1870 existiam trinta livrarias na cidade; número razoável se se considera que no início de 1850 existiam apenas doze livrarias, culminando em 1890 com quarenta e cinco<sup>40</sup>.

Essas livrarias localizavam-se, grosso modo, na estreita rua do Ouvidor, centro elegante do Rio de Janeiro. Nessa rua, várias livrarias francesas disputavam espaço e público. Por exemplo: Villeneuve no número 65, Garnier número 69, Crémier número 104, Firmin Didot no número 118; e a livraria de Mongie, 91 e posteriormente renumerada como 87.<sup>41</sup>

As livrarias de um lado, ganhavam espaço e importância quantitativamente, e de outro, ganhavam importância como ponto de encontro, de troca e de influência.

As memórias da rua do ouvidor(1878) de Joaquim Manuel de Macedo registravam:

"A casa hoje ocupada pela livraria dos Srs. Barbosa & Irmão, e sita na rua do Ouvidor, entre as Nova do Ouvidor e dos Ourives, foi justificadamente célebre, sendo também livraria de Mongie.

Mongie tinha instrução variada, trato ameno e excelente caráter. A sua livraria muito rica de obras vendidas a preço que não o prejudicava, mas não aturdiava o comprador, foi preciosa fonte de civilização, e era freqüentada pelos homens de letras e pelos cultivadores das ciências, que achavam nela os melhores livros de publicação recente e o gozo da conversação ilustrada e espirituosa com o livreiro.

A loja de livros de Mongie foi a mais considerável do seu tempo, e ponto de reunião de sábios e de literatos, que ali tinham por segura palestra animada, interessante e espirituosa, na qual o dono do estabelecimento era excelente e estimado companheiro".<sup>42</sup>

A livraria de Paula Brito também era bastante considerada. Não apenas porque vendia livros, mas também pelo prestígio que desfrutava entre os seus contemporâneos. Machado de Assis fazia alusão ao livreiro Paula Brito em várias crônicas. Por exemplo, no **diário do Rio de Janeiro**(1861) escrevia:

"Por sua inteligência e amor ao trabalho, havia conseguido a estima geral. Paula Brito foi um exemplo raro e bom. Tinha fé nas suas crenças políticas, acreditava sinceramente nos resultados da aplicação delas; tolerante, não fazia injustiça aos seus adversários; sincero, nunca transigiu com eles.

Amava a mocidade, porque sabia que ela é a esperança da pátria, e, porque a amava estendia-lhe quanto podia a sua proteção.

Em vez de morrer, deixando uma fortuna, que o podia, morreu pobre como vivera, graças ao largo emprego que dava às suas rendas, e ao sentimento generoso que o levava na divisão do que auferia do seu trabalho."<sup>43</sup>

Na livraria Francisco de Paula Brito, praça da Constituição n. 64, reuniam-se os intelectuais da Sociedade Petalógica porque...

"...cada qual tinha sua família em casa; aquela era a família da rua - le ménage en ville - entrar ali era tomar parte na mesma ceia (a ceia vem aqui por metáfora) porque o licurgo daquela república assim o entendia, e assim o entendiam todos quantos transpunham aqueles umbrais.

Queríeis saber do último acontecimento parlamentar? Era ir à Petalógica. Da nova ópera italiana? Do novo livro

publicado? Do último baile do E\*\*\*? Da última peça de Macedo ou Alencar? Do estado da praça? Dos boatos de qualquer espécie? Não precisava ir mais longe, era ir à Petalógica".<sup>44</sup>

Era ir à Petalógica também para uma homenagem póstuma ao licurgo daquela república:

"Passarei a mencionar a inauguração do retrato de Francisco de Paula Brito, na sala de sessões da Sociedade Petalógica. Paula Brito foi amigo desta associação, que em sua casa se fundou; durante longos anos os membros da Petalógica tiveram nele um dedicado companheiro, de amigo velho e provado que era. O dia 15, aniversário de morte de Paula Brito, foi escolhido para a cerimônia da inauguração do seu retrato. Esta foi simples e modesta como pedia o caso. Reunidos os amigos do finado, vários pronunciaram algumas palavras de saudade, e assim ficou realizada a tocante idéia. Paula Brito merecia estes sinais de gratidão saudosa que dão à sua memória seus amigos de tantos anos".<sup>45</sup>

A livraria de Paula Brito também se destacava, segundo Eunice Ribeiro Gondim(1965), no seu texto **vida e obra de Paula Brito**,<sup>46</sup> pelos seus editados e pelo que editava. Alguns exemplos:

José de Alencar (1860); *A Noite de São João*. Comédia lírica em dois atos, letra de J. de Alencar, música de Elias Álvares Lobo. (É considerada por muitos a primeira ópera brasileira. Representada pela primeira vez no teatro S. Pedro de Alcântara, a 14 de dezembro de 1860, pela Imperial Academia de Música e Ópera Nacional, sob a regência de Carlos Gomes);

Machado de Assis; *Desencantos*. Fantasia Dramática por Machado de Assis. (primeira edição), lançada em setembro de 1861. Queda que as mulheres têm para os Tolos (1861); tradução do Sr. Machado de Assis, primeira edição;

Nísia Floresta (1845); *Conselhos à Minha Filha*. Segunda edição;

Manuel Duarte Moreira de Azevedo (1860); *Honra e Ciúme*. Romance;

Alexandre Dumas Filho (1858); *A Questão de Dinheiro*, comédia em cinco atos, em prosa; traduzida por Justiniano José da Rocha;

Joaquim Manuel de Macedo; *A Carteira de Meu Tio* (1855). Foi publicado no folhetim da *Marmota Fluminense*, de 19 de janeiro a 2 de novembro de 1855. *O Forasteiro* (1855), *Rosa* (1849), *O Fantasma Branco*, ópera em três atos (1856)...entre outros;

Domingos José Gonçalves de Magalhães; *A Confederação dos Tamoios*; poema, (1856). Edição dedicada ao Imperador D. Pedro II;

Antônio Teixeira e Souza; *O Filho do Pescador* (1859), romance, quarta edição; *Maria ou A Menina Roubada*, romance original. Segunda edição de 1859; deste romance foi considerada a primeira edição a

publicação na Marmota Fluminense de 10 de setembro de 1852 a 18 de fevereiro de 1853.

Augusto Emílio Zaluar (1851), *Dores e Flores. Poesias*.

A sensibilidade que Paula Brito tinha para compreender o sentido das transformações que ocorriam no Rio de Janeiro também se revelava ao editar em 1832-46 a revista feminina **a mulher de Simplício; ou a fluminense exaltada**. E nas primeiras décadas da segunda metade do século XIX editava **a marmota**, jornal de modas e variedades. Publicações que iam ao encontro das transformações da cidade do Rio de Janeiro e do público feminino. Esse último jornal teve mudanças de nome como: **a marmota fluminense e a marmota na Corte** circulando até 1861 quando da morte daquele editor.

A marmota na Corte circulava com a seguinte epígrafe no frontispício do jornal, no alto à direita:

Eis a Marmota	Fala a verdade
Bem variada	Diz o que pensa
Pra ser de todos	Ama e respeita
Sempre estimada.	A toda gente.

Assim, comprovava-se a importante contribuição do editor e livreiro Paula Brito na busca do letramento da sociedade do Rio de Janeiro.

O editor e livreiro Baptiste-Louis Garnier também prestava importante contribuição ao desenvolvimento da leitura no Rio de Janeiro. Machado de Assis(1865) analisava:

"Falar do Sr. Garnier, depois de Paula Brito, é aproximá-los por uma idéia comum: Paula Brito foi o primeiro editor digno desse nome que houve entre nós. Garnier ocupa hoje esse lugar, com as diferenças produzidas pelo tempo e pela vastidão das relações que possui fora do país".<sup>47</sup>

De origem francesa, Garnier instalava-se na rua do ouvidor de onde comandava os seus negócios.

"Uma vez chegado a esta capital, montou Baptista Luiz, em 1846, uma modesta livraria, filial à de seus irmãos, no prédio da rua do Ouvidor n.69, que mais tarde passou a 65 e depois a 71. A sua livraria tinha a firma comercial de B. L. Garnier, pilhericamente conhecida entre a estudantada da época pela livraria do Bernardo Lopez, ou Bom Ladrão Garnier.

Raras eram nesse tempo as livrarias particulares nesta capital e o novel livreiro, além de negociar em livros, vendia no seu estabelecimento chapéus de sol, bengalas, pílulas, pomadas, charutos, etc.

Moldando o seu estabelecimento pela feição dos grandes livreiros europeus, nunca quis montar oficinas próprias, porque julgava não poder repartir a sua atividade e vigilância entre a loja de livros e a tipografia, mandando imprimir as suas edições dentro e fora do país. Muito censuravam Baptista Luiz por não proteger a indústria nacional, preferindo as impressões estrangeiras, o que não era completa verdade, porque em parte tinha ele razão e da sua livraria saíram primorosas edições, algumas das quais verdadeiras espécimens, merecendo por isso a sua casa a preferência de muitos escritores para a publicação de suas lucubrações.

Perseverante, o seu estabelecimento de livreiro foi conquistando grande nomeada, pois era certo o seu monopólio no comércio de livros, e obra que na sua casa não fosse encontrada ninguém a teria".<sup>48</sup>

Esse monopólio provocava o seguinte comentário publicado no jornal **o tipógrafo(1867)**

"O senhor Garnier, tendo o seu estabelecimento tipográfico em Paris, dizem que de sociedade com um seu irmão, ali manda manufaturar as obras de que é incumbido pelos escritores brasileiros e aufere disso espantoso lucro!"<sup>49</sup>

e também na Revista Brasileira(1879) quando F. Conceição denunciava essa prática no artigo intitulado **os livros e a tarifa das alfândegas:**

"A atual tarifa, classe papéis e suas aplicações, na subdivisão, obras impressas, designa a diminuta taxa de 100rs, ao kilo, para os livros editados e impressos no estrangeiro, ao passo que o papel simplesmente liso, para escrever, no qual também se imprimem obras, é despachado por uma taxa superior, isto é, a 160rs.

Semelhante prática data de mais de vinte anos.

A taxa de 100rs. está abaixo do valor real das obras impressas. É das menores, que são cobradas nas nossas alfândegas, regulando, em geral, de 35 a 40%.

A proteção, assim concedida aos autores e livreiros estrangeiros, tem concorrido, em grande escala, para o atraso do progresso moral e material do país, cujo desenvolvimento, como em todas as nações civilizadas, deve ser aferido pelas suas obras escritas e monumentais.

É um erro supor-se que a imprensa brasileira não pode produzir livros pelo mesmo preço por que nos vem eles do estrangeiro. Apelamos para as pessoas entendidas na matéria. A razão principal da barateza dos livros editados na Europa é o grande número de exemplares que se publica de cada vez".<sup>50</sup>

Apesar dessas críticas, a prática das impressões estrangeiras perdurava por toda a segunda metade do século XIX. No **diário do Rio de Janeiro**(1864) Machado de Assis comentava:

"A casa Garnier acaba de receber de Paris os exemplares de uma edição que mandou fazer da comédia do Sr. Conselheiro J. de Alencar - O Demônio Familiar.

A edição do Sr. Garnier é o meio de conservar uma bela comédia sob a forma de um belo volume. A nitidez e elegância do trabalho convidam a abrir este volume; é inútil dizer que a primeira página convida a lê-lo até o fim".<sup>51</sup>

Ou:

"A casa Garnier distribuiu esta semana dois livros, um impresso em Paris, outro impresso no Rio de Janeiro.

O livro impresso em Paris é o primeiro volume da obra do Sr. Pereira da Silva, História da Fundação do Império Brasileiro.

A outra obra editada pela livraria Garnier é uma tradução que faltava às academias: Instituições do Direito Romano Privado, de Warnkoenig.

O autor deste difícil trabalho, o Sr. Dr. Antônio Maria Chaves e Mello, é um homem profundamente versado no latim; empregou no trabalho que agora vê à luz, longos dias e um zelo consciencioso".<sup>52</sup>

Os escritores de renome da segunda metade do século XIX tinham em suas obras o sinete editorial da Garnier. Segundo Ernesto Senna (1915?), no texto **o velho comércio do Rio de Janeiro**, é longa, a enumeração dos seus editados. Exemplos: Domingos José Gonçalves de Magalhães, depois Visconde de Araguaia; Manuel de Araújo Porto Alegre, depois Barão de Santo Ângelo; Joaquim Manuel de Macedo, José Martiniano de Alencar, Bernardo Guimarães, Manuel de Almeida, J. M. Pereira da Silva, Joaquim Norberto de Souza e Silva, Escragnole Taunay, Luiz Guimarães, Emílio Zaluar, Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Joaquim Nabuco, Artur Azevedo e tantos outros.<sup>53</sup>

Vários romances de José de Alencar possuem o sinete da Livraria Garnier; por exemplo: cinco minutos (1856) e a viuvinha (1860), reunidos em um só volume, numa nova edição, porém sem data; Lucíola - um perfil de mulher (1862); e Ubirajara - uma lenda tupi (1874).

Vários são também os romances de Machado de Assis com o sinete da Livraria Garnier: *A mão e a luva* (1874) e *Ressurreição* (1872). Outros exemplos figuravam na *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*:

"A Casa Garnier fez uma edição das minhas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. É a terceira contando por primeira a publicação na antiga revista brasileira. Vai também uma edição nova de *Quincas Borba*, cuja primeira edição data de 1891, e estava esgotada.

A Casa Garnier reimprimiu ultimamente um dos meus livros mais antigos, os *Contos Fluminenses*; fê-lo sem que eu houvesse revisto o trabalho, e sem aviso prévio, e sem lhe pôr a nota de que era edição nova. Por tudo isso não lhe mando um exemplar. Se ler a notícia que o Veríssimo escreveu sobre ele no *Jornal do Comércio*, verá que este nosso ilustre companheiro e amigo sabe ser não menos amigo que crítico. As *Páginas Recolhidas* estão prestes a sair, impressas em Paris. Também lá se está imprimindo o livro de que já falei, *Dom Casmurro*; não me lembra se lhe confiei o título. O primeiro não é propriamente novo, segundo se vê bem do título, mas também não é reimpressão do outro livro. *Dom Casmurro* é inédito, veremos o que sairá impresso".<sup>54</sup>

Sem sombra de dúvida, o editor e livreiro Garnier, ou o **Bom Ladrão Garnier**, como era conhecido pela estudiantada, teve uma marcante participação na história do livro e das práticas de leituras femininas na segunda metade do século XIX. Constata-se essa importância não apenas porque editava e tinha sensibilidade e visão comercial para perceber a importância dos seus editados, como os escritores: José de Alencar, Bernardo Guimarães, Machado de Assis, Aluísio Azevedo. Mas também porque com essas publicações, de onde se extrai hoje a história das leitoras, visava de imediato um público consumidor de romances que emergia: as mulheres.

A livraria dos irmãos Eduardo e Henrique Laemmert também contribuía para a divulgação da leitura no Rio de Janeiro. Machado de Assis(1864) referia-se às Folhinhas Laemmert em 20 de junho no **diário do Rio de Janeiro**:

"...leitores, passemos a falar do inverno. É amanhã o dia designado nas folhinhas de Laemmert e Brandão para a entrada solene e oficial deste hóspede."<sup>55</sup>

**Na folhinha Laemmert para o ano de 1886, os editores afirmavam:**

"Pode-se offoutamente asseverar que não haverá certamente pessoa alguma que, percorrendo este catálogo, não ache algum livro que lhe possa servir para a aquisição de conhecimentos úteis ou agradável entretenimento nas horas vagas.

Aqueles senhores que incumbirem a outras pessoas da compra de seus livros, queiram recomendar expressamente que sejam comprados na casa Editora ( H. Laemmert & C., 66, r. do Ouvidor), evitando assim receber obras de antigas edições e tendo certeza de achar aí sempre por preço de primeira mão as edições mais recentes e encadernações superiores.

A casa encarrega-se também de encomendas da Europa e da América do Norte, assim como de expedições para as Províncias do Império, mediante preços moderados, no mais breve tempo possível.

As pessoas do interior que quiserem honrar-nos diretamente com as suas ordens, são rogadas de fazê-las acompanhar da respectiva importância, em vales postais ou carta registrada com o valor declarado, aumentando 105 para as despesas da remessa pelo correio.

Sob pedido remete-se grátis e franco de porte, qualquer número destes catálogos ou todos juntos.

Além disto distribui-se grátis os catálogos mensais das mais novas obras recentemente saídas à luz no Brasil e na Europa".<sup>56</sup>

Consta na **folhinha palpitante para o ano bissexto de 1872** que a livraria Laemmert publicava:

"As traduções poéticas de Lord Byron - Child Harold, e Sardanapalo; Pope: O Roubo da Madeixa; Victor Hugo: Hernani; pelo exímio poeta Dr. Francisco José Pinheiro Guimarães.

Vertendo as sublimes produções poéticas de um Byron, Pope e Victor Hugo, ao idioma português, o insigne poeta Pinheiro Guimarães cuja morte prematura foi geralmente sentida, prestou um assinalado serviço à literatura e a todos os admiradores daqueles poemas até agora só acessíveis ao limitado número das pessoas que davam a um estudo profundo da língua inglesa.

Arte de Amar de Ovídio, tradução em número igual de verso, endereçada exclusivamente aos homens feitos e estudiosos das Letras Clássicas. Por Antônio Feliciano de Castilho.

Cantos da Aurora, poesias de Rosendo Moniz Barreto. Os editores, apresentando em uma nítida edição as poesias de tão distinto brasileiro, têm convicta esperança de que todo homem apreciador da poesia não deixará de dar um lugar de honra a este livro digno de figurar a par das obras de Álvares

de Azevedo, Junqueira Freire, Gonçalves Dias, e outros filhos eminentes da terra de Santa Cruz.

Cartas Chilenas (poema atribuído a Tomaz Antônio Gonzaga).

Dona Branca, ou a Conquista do Algarve, poema por Garret. Um volume impresso em papel holandês, adornado com uma magnífica gravura a buril, com rica encadernação.

Florilégio - da Poesia brasileira ou coleção das mais notáveis composições dos poetas Brasileiros, contendo as biografias de muitos deles, tudo precedido de um ensaio histórico sobre as letras no Brasil. ( por F. A. de Varnhagen) três volumes em brochuras.

Os Lusíadas - Poema Épico de Luiz de Camões. Nova edição, feita debaixo das vistas da mais acurada crítica em presença das duas edições primordiais e das posteriores de maior crédito e reputação. De quantas edições se publicaram do presente poema, é esta não somente a única correta, mas ainda a mais nítida e completa impressão existente, ornado de doze lindas gravuras coloridas, e enriquecida de um dicionário explicativo de todos os nomes próprios, que torna a leitura do Poema muito mais inteligível, proveitosa e deleitável".<sup>57</sup>

Os irmãos Eduardo e Henrique Laemmert publicavam ainda em 1850 a revista literária **novo gabinete de leitura**, repertório oferecido às famílias brasileiras para seu recreio e instrução.<sup>58</sup> Em se oferecendo um repertório de leitura às famílias brasileiras, implicava buscar também as leitoras do século

XIX. Embora publicassem também livros direcionados exclusivamente para os homens feitos como a **arte de amar** de ovídio.

A divulgação da leitura no Rio de Janeiro recebia ainda uma parcela de contribuição da livraria Moderna de Domingos Magalhães & Companhia; na década de noventa tornava-se a editora mais importante, no ramo da literatura, em virtude do declínio momentâneo da Garnier.

Durante o período de prestígio essa livraria editava:

Adolfo Caminha (a normalista 1893; no país dos yankees, 1894; bom crioulo, 1895);

Coelho Neto (baladinhas e bilhetes postais, 1894; fruto proibido, miragem e o rei fantasma, 1895);

Cruz e Souza (broquéis e missal, 1893);

Gonzaga Duque e Emilio de Menezes.

Publicava também Paul de Kock em português e o último romance de Aluísio Azevedo(1895), intitulado livro de uma sogra.<sup>59</sup>

Essa livraria, além de ser a mais importante na década de noventa, também visava um público consumidor de romances. Mais uma vez, percebe-se a presença das leitoras com as publicações de escritores como Adolfo Caminha e Aluísio de Azevedo. Escritores que permitiram não somente que se vislumbassem as representações de leituras nos seus romances mas também as maneiras de ler na segunda metade do século XIX.

Apesar de todo o empenho dos editores na movimentação do mercado livreiro o depoimento de F. Conceição comprovava que...

"...as edições são insignificantes, raramente excedem a 1000 exemplares, o que torna o livro mais caro 50 por cento. Com pequenas exceções, esse mesmo limitado número de exemplares só em um prazo muito longo é consumido, tendo acontecido que, obras importantíssimas, até de interesse local, em 10 anos estejam ainda na sua primeira edição!"<sup>60</sup>

Garnier analisava:

"...há livros que, qualquer que seja o seu preço, sendo bem aceitos, não podem ter mais de 300 a 400 compradores, e outros até menos; dos populares não se podem vender no primeiro ano 600 a 800; conheço bem o mercado no Brasil".<sup>61</sup>

Embora Garnier e F. Conceição admitissem que o comércio livreiro era escasso, mesmo assim não se deve deduzir com essa análise a ausência de leitura no Rio de Janeiro: os impressos que circulavam nos jornais ganhavam fama e prestígio.

Portanto, este levantamento não pretendeu dar conta de todas as livrarias, editores e livros que circulavam no Rio de Janeiro. Pretendeu apenas mostrar o empenho dos editores em fazer a história do livro nessa cidade plena de transformações na segunda metade do século XIX. Livros que ajudavam a consolidar as práticas de leituras femininas. Práticas essas, representadas nos romances que serviam como objetos de análise para esta investigação.

A convivência com o escrito no Rio de Janeiro ficava comprovada também através da circulação diária do jornal quando se fortalecia a sua prática no país. Carlos Rizzini(1988), estudando o livro, o jornal e a tipografia no Brasil constatava que somente em 1808, no quarto século do descobrimento e às portas da independência, viríamos a conhecer a imprensa. Afirmava que à exceção dos cabindas e assemelhados da África e da Ásia, que teriam pendurado à orelha as letras de imprimir, fomos mesmo dos derradeiros povos do universo a fruir o prodigioso invento.<sup>62</sup>

Através desse prodigioso invento, a partir de 1840 surgiam no Rio de Janeiro inúmeros jornais informativos e revistas de estudos como a do Instituto Histórico do Rio de Janeiro. Em 1876, publicavam-se no Rio mais de 50 periódicos.<sup>63</sup>

O redator (perplexo?) do **novo almanaque de lembranças luso-brasileiro para o ano de 1886** escrevia:

"A imprensa, criando o jornal, obrigou o escritor a ter uma idéia por dia. Antigamente toda a vida de um cronista ou de um historiador era absorvida por um assunto único.

A poligrafia é a característica da última metade do século XIX. Todos os belos espíritos que vão chegando, são empolgados pelas engrenagens dessa máquina que multiplica o trabalho, arrastados por ela, fatigados pela sua velocidade, esgotados pelo seu moto contínuo, vitimados pelas suas exigências ferozes. Na esfera da atividade intelectual já não há, já não pode haver organizações robustas, existências longas. A vida dos escritores e dos artistas vai ficando aos farrapos pelo caminho, que se percorre numa carreira vertiginosa...<sup>164</sup>

Os nossos patrícios do início do descobrimento ficariam assombrados se pudessem observar a carreira vertiginosa da imprensa e as transformações que ocorriam na cidade do Rio de Janeiro. Se pudessem observar, por exemplo, os cronistas do Rio de Janeiro não apenas produzindo uma idéia por dia, mas registrando o cotidiano e dirigindo-se aos leitores:

"Pedimos aos nossos leitores que leiam com atenção todos os epigramas que forem por nós publicados, porque em cada um deles acharão espírito, podendo muitos ser aproveitados, não só para nos utilizarem nos enganos da vida, porque quase sempre tais produções sendo filhas da prática do mundo, e da cultura

das ciências, servem-nos de guia como para tornarem mais variadas as conversações, exemplificadas com citações bem cabidas, e de apurado gosto.”<sup>65</sup>

A imprensa se fortalecia na segunda metade do século XIX, ao mesmo tempo em que prestava um valioso serviço à sociedade do Rio de Janeiro na busca do letramento e dos leitores e leitoras.

## 5-O folhetim

As transformações que ocorriam na cidade do Rio de Janeiro passavam também pela busca de leitura. Os escritores produziam uma idéia por dia não apenas no espaço destinado às crônicas, mas também no “le feuilleton”, que designava um lugar preciso do jornal: o rodapé, geralmente da primeira página, destinado ao entretenimento com a finalidade de atrair leitores. Leitores esses, cujas faces eram configuradas pelo próprio jornal. Nesses espaços dos jornais, aberto às novidades, registravam-se notas sobre teatro, resenhas literárias e crônicas da cidade. Um desses exemplos, encontra-se no **romancista brasileiro ou armazém de novelas escolhidas(1851)**<sup>66</sup> com uma parte literária intitulada folhetim do novo gabinete de leitura no qual davam notícias das **lindas damas** do século XIX:

"Animada, muito animada foi esta quinzena, ou o tempo desde que não damos folhetim; é uma verdade; a animação, o espírito que reina nos mais elegantes salões de Paris, veio aos dois últimos bailes do Cassino dar mais alma às nossas lindas damas, mais alegria e mais delírio aos acernes mancebos dançadores".

Machado de Assis(1859) através da revista **o espelho**, comentava:

"O folhetinista é originário da França, onde nasceu, e onde vive a seu gosto, como em cama de inverno. De lá espalhou-se pelo mundo, ou pelo menos por onde maiores proporções tomava o grande veículo do espírito moderno; falo do jornal.

O folhetim, disse eu em outra parte, e debaixo de outro pseudônimo, o folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por conseqüência do jornalista. Esta íntima afinidade é que desenha as saliências fisionômicas na moderna criação.

O folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo. Estes dois elementos, arredados como pólos, heterogêneos como água e fogo, casam-se perfeitamente na organização do novo animal".<sup>67</sup>

O folhetim e o folhetinista, essa moderna criação, ganhavam prestígio na sociedade. Os romances seriados, com os cortes em capítulos e suspenses no final, adequavam-se à forma de circulação diária nos jornais e garantiam não apenas o sucesso do jornal como também do folhetinista:

Marmota na Corte, 27 de janeiro de 1852:

**O mérito das mulheres-** Poema de Mr. Legouvé (continuado do número 229);

O jornal das senhoras:

1 de janeiro de 1852: **mistérios del plata** - Romance Histórico Contemporâneo - (Introdução sem assinatura);

26 de novembro de 1854; **o cão voador** - conto por M. Émile Girardin(capítulo I);

O sexo feminino:

10 de outubro de 1875; **Matilde e Eduardo** - romance moral por D...(continuação do n. 10);

8 de agosto de 1875; **vaidade e candura** - romance moral (sem o registro do número do folhetim e sem assinatura);

18 de agosto de 1889; **a Diva Isabella** - romance original por D. Elisa Diniz Machado Coelho (capítulo V).

Observe-se que, entre os jornais femininos, registravam-se publicações de romances sem assinatura. Indaga-se: seriam esses romances escritos por mulheres?

Quase todos os escritores da época faziam uso do folhetim e do jornal, como os principais cronistas da cidade do Rio de Janeiro Imperial prestes a tornar-se republicana, quer buscassem a leitora, quer buscassem leitores.

Manuel Antônio de Almeida (1853) publicava no folhetim do Correio mercantil, **memórias de um sargento de milícias**:

"Era no tempo do Rei.

Uma das quatro esquinas que formam as Ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo - o canto dos meirinhos- e bem lhe assentava o nome, porque era aí o lugar de encontro de todos os indivíduos dessa classe (que gozava então de não pequena consideração). Os meirinhos de hoje não são mais do que a sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei; esses eram gente temível e temida, respeitável e respeitada; formavam um dos extremos da formidável cadeia judiciária que envolvia todo o Rio de Janeiro no tempo em que a demanda era entre nós um elemento de vida: o extremo oposto eram os desembargadores".<sup>68</sup>

Joaquim M. de Macedo antes de transformar seus textos em livro utilizava-se do folhetim.

"Vou entregar ao domínio e à apreciação do público reunidos em livro os artigos que sob o título Um Passeio tenho publicado e espero continuar a publicar nos folhetins do Jornal do Comércio..."<sup>69</sup>

José de Alencar no texto **como e porque sou romancista(1893)**, registrava sua atuação no folhetim:

"Eis-me de repente lançado no turbilhão do mundo.

Ao cabo de quatro anos de tirocínio na advocacia, a imprensa diária na qual apenas me arriscaria como folhetinista, arrebatou-me. Em fins de 1856, achei-me redator-chefe do Diário do Rio de Janeiro.

É longa a história dessa luta, que absorveu cerca de três dos melhores anos de minha mocidade. Aí se acrisolaram as audácias, que desgostos, insultos nem ameaças conseguiram quebrar até agora; antes parece que as afiam com o tempo.

Ao findar o ano, houve idéia de oferecer aos assinantes da folha um mimo de festa. Saiu um romancete, meu primeiro livro, se tal nome cabe a um folheto de sessenta páginas.

Escrevi Cinco Minutos em meia dúzia de folhetins que iam saindo na folha dia por dia, e que foram depois tirados em avulso sem nome do autor. A prontidão com que em geral antigos e novos assinantes reclamavam seu exemplar, e a procura de algumas pessoas que insistiam por comprar a brochura, somente destinada à distribuição gratuita entre os subscritores do jornal, foi a única, muda mas real, animação que recebeu essa primeira prova.

Tinha leitores e espontâneos, não iludidos por falsos anúncios. Os mais pomposos elogios não valiam, e nunca valerão para mim, essa silenciosa manifestação, ainda mais sincera nos países como o nosso de opinião indolente.<sup>170</sup>

Se os antigos e novatos assinantes reclamavam seu exemplar com prontidão; se algumas pessoas insistiam por comprar a brochura destinada à distribuição gratuita, não se poderia falar em silenciosa manifestação. Essa era uma ruidosa manifestação dos leitores de José de Alencar. Percebe-se, a partir dos textos disponíveis, que o romance-folhetim garantia o sucesso do jornal, quando, por exemplo, da publicação do romance seriado **o guarani** com enorme receptividade. As reminiscências do Visconde de Taunay(1923) comprovavam não apenas sua popularização como também registravam hábitos, espaços e gestos das práticas de leituras no século XIX.

"Em 1857, talvez 56, publicou O Guarani em folhetim no Diário do Rio de Janeiro, e ainda vivamente recordo do entusiasmo que despertou, verdadeira novidade emocional, desconhecida nesta cidade tão entregue às preocupações do comércio e da bolsa, entusiasmo particularmente acentuado nos círculos femininos da sociedade fina e no seio da mocidade, então muito mais sujeita ao simples influxo da literatura, com exclusão das exaltações de caráter político. Relembrando, sem grande exageração, o célebre verso: Tout Paris pour Chimène a les yeux de Rodrigue, o Rio de Janeiro em peso, para assim dizer, lia O Guarani e seguia comovido e enlevado os amores tão puros e discretos de Ceci e Peri e com estremecida simpatia acompanhava, no meio dos perigos e ardis dos bugres selvagens, a sorte vária e periclitante dos principais personagens do cativante romance,

vazado nos moldes do indianismo de Chateaubriand e Fenimore Cooper, mas cujo estilo é tão caloroso, opulento, sempre terso, sem desfalecimento e como perfumados pelas flores exóticas das nossas virgens e luxuriantes florestas. Quando a São Paulo chegava o correio, com muitos dias de intervalos então, reuniam-se muitos e muitos estudantes numa república, em que houvesse qualquer feliz assinante do Diário do Rio, para ouvirem, absortos e sacudidos, de vez em quando por elétrico frêmito, a leitura em voz alta por alguns deles que tivesse órgão mais forte. O jornal era depois disputado com impaciência e pelas ruas se via agrupamentos em torno dos fumegantes lampiões da iluminação pública de outrora, ainda ouvintes a cercarem ávidos qualquer improvisado leitor".<sup>71</sup>

A impaciência com que esses jornais eram disputados nos **círculos femininos da sociedade fina** e no seio da mocidade, constitui um elemento a mais na configuração de uma cidade. Contudo, poderia se afirmar que o que detonava essa impaciência era a existência do folhetim como espaço de notas, resenhas e crônicas? Diga-se, como espaço de leituras rápidas e de informações de acontecimentos que se modificavam diariamente? De notícias sobre as lindas damas? Ou da fusão do útil e do fútil? Perguntas à parte, no folhetim consolidava-se um suporte de leitura e de busca de leitores. Ou de leitoras.

## 6-Leitora: a constituição do público feminino

Falar da leitora implica falar de como essa vai se constituindo leitora nas redes interdependentes que ligam escritor, texto, leitor, leitura. Assim sendo, entende-se que o texto é uma produção social, uma vez que se ancora na realidade sócio-histórica na qual leitores/leitoras e escritores se inserem. Estão implícitas nessa realidade, por exemplo, o lugar social que o escritor ocupa, a formação do público-leitor e as condições impostas pelo mercado editorial.

Com esta compreensão, admite-se que o escritor

“numa determinada sociedade não é apenas o “indivíduo” capaz de exprimir a sua originalidade (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos grupos leitores ou auditores”.<sup>72</sup>

Essa posição relativa do escritor confere-lhe, muitas vezes, a posição de formador de opinião, dependendo do conceito que os membros do espaço social partilhado elaborarem em relação a ele: conceito que não implica, necessariamente, na opinião que o autor tem de si próprio.

“Pensado (e pensando a si mesmo) como um demiurgo, o escritor cria, apesar de tudo, na dependência. Dependência diante das determinações não conhecidas que impregnam a obra e que fazem com que ela seja concebível, comunicável.”<sup>73</sup>

O escritor, portanto, sofre as influências das injunções do seu tempo revelando uma maneira de convivência ou imposição de grupos que privilegiam ou não a publicação do seu texto. Saliente-se que o seu produto social, o texto, não é um conjunto de significados estabelecidos e fixos; nem tão pouco o leitor/a leitora é um ser passivo e homogêneo que vai registrando o texto na sua memória tal e qual o autor julga que deva ser. Entende-se que, de qualquer forma,

“orientado ou colocado numa armadilha, o leitor encontra-se, sempre, inscrito no texto, mas, por seu turno, este inscreve-se diversamente nos seus leitores.”<sup>74</sup>

A relação do leitor com o texto não pode ser a mesma que se tem com um objeto inanimado e sim, uma relação viva e tensa, um diálogo entre sujeitos que confrontam experiências diferenciadas através da prática cultural e plural da leitura.

“A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua - orientação dialógica do discurso alheio para o objeto”.<sup>75</sup>

Todo enunciado pressupõe um destinatário de diferentes tipos e graus de proximidade. Saliente-se que a concepção que o escritor tem do seu destinatário é importante uma vez que para cada época se pressupõe uma concepção particular de destinatário. Isto significa que as leitoras do século XIX eram leitoras bem particulares, se se considerar o início da sua formação nesse período.

O texto é o lugar de encontros marcados do escritor e do leitor; neste sentido, constitui tarefa do leitor tentar compreender o seu significado, relacionando-o a outros textos do seu universo extraindo novos significados.

A palavra, por sua própria natureza, quer ser ouvida, dialogada, questionada, sempre em busca de sentidos, de compreensão; nesta busca, ela penetra na cadeia ininterrupta da interação verbal constituindo um diálogo vivo e tenso com outras palavras. Entende-se, portanto, que não existe nem a primeira nem a última palavra, nem fronteiras para que o diálogo se

concretize. A palavra é, por conseguinte, um espelho no qual os valores de uma sociedade se explicitam e se confrontam.

Assim, os textos das leitoras do século XIX representam, perante os olhos da contemporaneidade desta escrita, o mundo idealizado e construído por elas: quer seja, por exemplo, na sua dimensão transformadora da ordem estabelecida, quer seja na sua dimensão estigmatizante e excludente.

Para que se compreenda essa interação viva e tensa, admite-se a observação de Chartier de que não existe texto fora do suporte que o dá a ler ou a ouvir e também o fato de que a compreensão de um texto depende das formas através das quais ele atinge o seu destinatário: as leitoras do século XIX. E que, por outro lado, os autores não escrevem livros; e sim textos que se tornam objetos escritos, manuscritos, gravados, impressos e, hoje, informatizados.<sup>76</sup>

No jogo da linguagem, escrever é participar dessa atividade concreta que é a escritura. Escrever significa construir significados num espaço de dimensões múltiplas no qual se aliam e se confrontam escrituras variadas com poderes sobre a exterioridade. Neste espaço, o escritor vai traçando as trajetórias de um querer próprio buscando o seu interlocutor.

“Na página em branco, uma prática itinerante, progressiva e regulamentada, compõe o artefato de um outro “mundo”, agora não recebido, mas fabricado”.<sup>77</sup>

Portanto, a ilha da página, seja do livro, seja do jornal, é o campo do fazer próprio do escritor; nesse espaço, dialoga com o seu objeto de estudo, relaciona-o a outras reflexões sobre o mesmo objeto e constrói a sua própria reflexão. O texto, enquanto “produto” que sai da ilha da página, peregrina em busca de outras reflexões, de outras vozes para questioná-lo, contestá-lo através da prática da leitura. O leitor é assim convidado a se inscrever no espaço desse texto sendo ele mesmo, o leitor ou a leitora do século XIX, um espaço no qual se inscreve o texto.

Na sua dimensão comunicativa, o texto representa a voz do escritor, em busca de outras vozes para revivê-lo ativamente na multidiscursividade da língua e suas possibilidades de uso. O escritor provoca sempre uma reação qualquer no leitor: quer seja de consagração ou de indiferença, mas sempre um posicionamento.

O texto só tem sentido graças a seus leitores/leitoras efetuando aí mudanças que, muitas vezes, ultrapassam a intenção primeira do autor. Enfim, sem o leitor o texto não tem vida própria, é apenas uma possibilidade de vir a ser...

Sempre existirá um aspecto novo a acrescentar após a leitura de um texto, na qual leitor e escritor saem enriquecidos. O leitor, porque se defronta com uma outra forma de pensar, levando-o à reflexão. E o escritor, porque seu texto adquire vida ao ser visitado pelo leitor, revelando-lhe aspectos ainda desconhecidos e a possibilidade da criação de outros textos. Leitor e texto não serão mais os mesmos após a prática da leitura.

Leitura e leitor têm lugares que se alternam, que se mudam. Lê-se Michel de Certeau em Chartier, lê-se Montaigne em Foucault, Eça de Queiroz em Adolfo Caminha...; escritores tanto no livro quanto no jornal citam escritores, se influenciando mutuamente e influenciando o leitor, numa perfeita operação de caça. Isto porque:

"os leitores são viajantes; circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram, arrebatando os bens do Egito para usufruí-los".<sup>78</sup>

Portanto, o leitor é um caçador furtivo, despertando e habitando textos adormecidos e revivendo-os na multidiscursividade da língua e suas possibilidades de uso obedecendo, no entanto, a regras e modelos. A leitura só tem sentido graças à liberdade dos leitores de cuja prática só se pode capturar as determinações.

Um texto conduz a um outro formando uma escala sucessiva de tessituras infinitas; por vezes sendo um tecido de citações extraídas de culturas diferentes, ou dentro de uma mesma cultura. É justamente nisto que consiste o saber: no permanente jogo de referências que dizem respeito mutuamente umas às outras ou que se confrontam.

Comenta-se a Sagrada Escritura, comentam-se os relatos dos viajantes que estavam no Brasil no século XIX, comenta-se sobre a última publicação de um livro famoso, comenta-se sobre os teóricos que embasam uma

investigação científica. Comentam-se nos jornais assuntos vários que instigam e aos poucos vão envolvendo e seduzindo leitoras. Como se percebe, é um movimento contínuo de proliferação da linguagem, um encadeamento infinito que não cessa de se desenvolver. Embora se saiba que a cultura letrada é uma cultura de referências e de reverências, o fim último do texto é sempre o seu leitor.

Antes mesmo da materialidade do texto, o leitor já faz parte do universo do escritor quando este ainda está se definindo pelos elementos que comporão o seu texto. Faz parte também do universo do editor quando este decide por esta ou aquela publicação, por exemplo. No entanto, admitir que o leitor faz parte do universo seja do escritor, seja do editor, não garante, de modo algum, um sentido único do texto, ou uma compreensão orientada.

“Abordar a leitura é, portanto, considerar, conjuntamente, a irreduzível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-la”.<sup>79</sup>

Condicionamentos que pretendem negar a autonomia da própria prática da leitura, esta atividade criativa que, à revelia das intenções do autor, inventa significados e conteúdos singulares. O escritor é o dono absoluto do seu texto apenas enquanto está sob o seu poder; publicado o texto, este foge-lhe completamente ao seu controle...

Condicionamentos que consistem, inclusive, na luta pela primazia da boa leitura, categorizando-a e categorizando os leitores. Leituras

diferenciadas para leitores e leitoras diferenciados. Um exemplo é a **arte de amar** de Ovídio, endereçada exclusivamente aos homens feitos e estudiosos das letras clássicas, conforme consta nas publicações da já referida livraria Laemmert para o ano de 1872. Leituras consideradas obscenas, não recomendáveis às leitoras do século XIX, ou leituras de cunho político direcionadas aos leitores.

Às leitoras do século XIX, conforme se pode observar em Machado de Assis, por exemplo, recomendava-se a prática de leituras amenas e delicadas, cujas temáticas girassem em torno de amores românticos e bem sucedidos. Procedendo-se assim, julgava-se que se estaria preservando os códigos de moral da época e a pureza das incautas jovens do século XIX.

Oferecendo-se a uma leitura plural, o texto torna-se uma arma perigosa nas mãos das **incautas leitoras** que necessitam, portanto, de uma interpretação de profissionais socialmente autorizados. Suprime-se a prática da leitura por uma relação de forças entre editores e consumidores ou entre mestres e alunos.

Trata-se, portanto, de um jogo de poder. Um dos parceiros no jogo, por exemplo, os editores, apropriando-se do monopólio legítimo da leitura, decide que livros se deve editar ou não; ou seja, decide a qualidade do que considera não só boa leitura, mas também do que considera rentável financeiramente.

“Existem livros que são jogos de luta por excelência, a Bíblia é um deles. O Capital é um outro. O poder sobre o livro é o poder sobre o poder que o livro exerce. Quer dizer, o poder extraordinário que tem o livro logo quando torna-se um modelo de vida”.<sup>80</sup>

Portanto, romances como **a dama das camélias(1852)** do escritor francês Alexandre Dumas e **Lucíola(1862)** de José de Alencar, de acordo com a opinião da escritora D. Ana de Góes Bettencourt(1885),<sup>81</sup> não eram modelos de vida para os códigos de moral do século XIX pois eram leituras prejudiciais à juventude e pouco proveitosas como fonte de conhecimento. Da mesma forma, talvez não o sejam **o primo Basílio(1878)** do escritor português Eça de Queiroz e **a normalista(1893)** do brasileiro Adolfo Caminha. E o que dizer então, quando se toma conhecimento que as normalistas Lídia Campelo e Maria do Carmo liam às escondidas **o primo Basílio?** Não eram modelos de vida se se considerar que esses autores pintavam com habéis pincéis os perfis de mulheres que aí estão representados.

Situada entre os meios antagônicos de um sentido único imposto e a pluralidade de interpretações, a leitura corre o risco de tornar-se um instrumento de si mesma se tiver como base a instituição social como força reguladora dessas leituras. Assim entendida, a leitura significa uma prática passiva, na qual o escrito é o estabelecido.

Chartier<sup>82</sup> enfatiza que o livro (primeiro o manuscrito, depois o impresso, representativo do mundo do escrito, assim como o jornal) sempre visa instaurar uma ordem. Quer seja em termos da sua compreensão, quer seja pela autoridade que o encomenda ou permite a sua publicação, quer seja pela própria organização numa biblioteca. Apesar disso, o livro não consegue instaurar uma ordem no leitor. Um texto, um autor e diferentes interpretações, diferentes maneiras de ler: a liberdade do leitor.

Se se considera o texto polissêmico por natureza, e a leitura uma operação de caça no sentido que coloca Certeau, admite-se também que cada leitura significa uma emoção nova, como se fosse a primeira leitura do mesmo texto. Novas maneiras de ler decorrem dessa prática, novos aspectos surgem que nem eram **tocados** na primeira leitura. E o leitor cria o não-sabido, no espaço organizado, pela capacidade que tem esse espaço de permitir uma pluralidade de significações. Assim, esse espaço, é toda novidade, todo diálogo e emoção, pura magia. São inúmeras as possibilidades que se descortinam aos que se dispuserem empreender essa viagem em torno de si mesmo.

Portanto, se é verdade que os leitores se encontram sempre inscritos nos textos e que na segunda metade do século XIX os jornais multiplicavam-se no Rio de Janeiro; também, se é verdade que os escritores buscavam os leitores para darem significados às suas publicações, com estes a sua busca ocorria, principalmente, entre as mulheres que aos poucos ocupavam outros espaços sociais onde já existiam escritas/leituras a elas destinadas.

Paula Brito(1852), o editor da marmota buscava um público feminino:

"O editor da Marmota, empenhado sempre em fazer justiça à natural bondade do coração feminino, empenho este que desde muito tempo lhe tem granjeado as simpatias de uma parte da sociedade tão importante como é o Belo Sexo, vai dar à luz a excelente tradução do poema de Mr. Legouvé, intitulado O MÉRITO DAS MULHERES.

Quem for imparcial, e justo, confessará com verdade que, dos jornais desta corte, é certamente a Marmota o que mais se ocupa do Belo Sexo, não para ridicularizá-lo e deprimi-lo, como a maior parte dos escritores antigos, e muitos dos modernos o fazem; mas para defendê-lo de acusações injustas, e fazê-lo respeitado tanto, quanto lhe permite seu merecimento, pela posição que na sociedade tem todo o direito de ocupar".<sup>83</sup>

N. 229.

SEXTA FEIRA 23 DE JANEIRO.

1852.

# MARMOTA NA CORTE

## JORNAL DE MODAS E VARIEDADES.

Publica-se as Terças e Sextas-feiras, na Typ. de LOPES —  
 DONS DE DEZEMBRO) — de Paula Brito, impressora na Casa  
 LOPES, praça da Consolação n. 68, onde se recebem assigna-  
 turas a 10000 rs. por seis mezes, pagas adiantadas, e contadas  
 sempre de Janeiro a Junho, e de Julho a Dezembro.

Ela e Marmota

Sem variado

Pra ser de todos

Sempre entimada.

Falta a verdade,

Diz o que sente.

Ame e respeite

A toda gente.

Busca que se revelava no elogio e na cumplicidade quando tomava partido pela leitora, defendendo-a.

Francisco Xavier de Novaes, atento venerador e criado das leitoras, como ele próprio se definia, dirigia-se às leitoras do jornal **o futuro**:

"Foi para VV.EE.x, exclusivamente, que eu mandei vir de Paris esse figurino, e, se vem um pouco tarde, deve-se esse contratempo à imprudência de quem expôs essas quatro damas, que não são de todo feias, a uma longa viagem, sem um guardião que as preservasse dos perigos. O caso é que, esperando-as eu pelo Paquete passado, tive a desagradável notícia de que haviam ficado lá pelo Havre. O meu correspondente particular de Paris anuncia-me que naquele grande foco de civilização, é moda reinante entre as Senhoras de bom gosto o tomarem por assinatura todos os periódicos literários...Eu, amante sincero do progresso, e de VV.EE.x., ponho à sua disposição as páginas do meu livro de assinaturas.

Convém notar que não é este o primeiro número do Futuro, consagrado especialmente às damas. Não foi, de certo, para os homens que se compôs a valsa no n.3. Lá está o título a confirmar esta assertiva."<sup>84</sup>

Nesse caso, a busca se dava pela atualização da moda...

Os jornais buscavam a leitora com espaços dedicados a sugestões literárias. Leituras delicadas para pessoas delicadas que ao lê-las

"valerá o mesmo que passear o olhar por um horizonte azul e puro, tal é a inocência dos amores do par de que trata o livrinho...

Aconselho às leitoras que, juntinho ao abade Smith, simples e cândido escritor, levem um livrinho modesto, cândido pela forma e pelo fundo, páginas escritas, reunidas por um talento que alvorece, terno e ingênuo, o Lírio Branco de Luís Guimarães Júnior. Leia a história de Coração (é o nome da heroína) que ganhará boas e doces impressões. Pois veja a leitora com que arte o autor sabe dizer que a heroína da história, a menina dos quinze anos, chama-se Maria da Conceição, de maneira a não repugnar as palavras comuns. Coração, explica depois o autor, era o nome dado entre família.

Para terminar, convido a leitora a pôr de parte o futuro: o que me resta mencionar nada tem de imaginoso é de natureza positiva, há de enfadá-la, aborrecê-la, coisa que nem suspeitar é bom. E para entrar bruscamente em matéria dir-lhe-ei, trata-se do lóide brasileiro."Palavras de Machado de Assis no jornal o futuro em 1863.<sup>85</sup>

Para não aborrecer a leitora "coisa que nem suspeitar é bom", a marmota(1852) anunciava para as nossas belas que:

"...entre valsas, modinhas, lundus, romances, etc., se daria também figurinos e riscos de bordados.

Há nada mais elegante do que uma moça vestida de colete e jaquetinha de homem? ... Vede-as na gravura, e aplaudireis a lembrança que teve a Marmota de mandá-las copiar do original francês, publicado em Paris no dia 22 de novembro do ano passado, e chegado a esta Corte em fevereiro corrente.

Em viagem estão as máquinas de estampar, litografar, etc., da nossa - empresa tipográfica - 8 a 15 dias depois da chegada dos paquetes, a Marmota distribuirá os figurinos das - últimas modas de Paris, com todas as explicações precisas, em atenção aos nossos costumes, nosso clima, e capricho das nossas belas".<sup>86</sup>

Os jornais empenhavam-se na conquista da "melhor porção da raça humana", a mulher, conforme as palavras dos redatores do jornal **a violeta fluminense**, (Fortes, Almeida e Oliveira) em 06 de dezembro de 1857. A circulação dos jornais era uma realidade que se impunha, os escritos circulavam aos quatro cantos da cidade, traziam mudanças, davam um novo colorido à paisagem do Rio de Janeiro:

"Tudo mudou. Os meninos, com a Gazeta debaixo do braço e o pregão na boca, espalharam-se por essas ruas, berrando a notícia, o anúncio, a pilhéria, a crítica, a vida, em suma, tudo por dois vinténs escassos. A leitura impôs-se, a folha cresceu, barbou, fez-se homem, pôs casa; toda a imprensa mudou de jeito e de aspecto". Palavras de Machado de Assis em 1893.<sup>87</sup>

### A imprensa mudava de jeito e de aspecto

"depositando nas mãos das nossas amáveis leitoras a -violeta, que vai agradecer-lhes todos esses mimos e carinhos que se dignaram prodigalizar-lhes; e, qual inocente criancinha que estende os seus mimosos bracinhos para aquela que lhe deu o ser, como implorando novos sorrisos e mais fervorosos beijos, ela também suplica das suas belas o mesmo honroso acolhimento que recebeu à primeira vez, e de que muito se felicita.

Hoje já ela se patenteia um pouco mais animada oferecendo a segunda folhinha, que brotou do seu rude e enfraquecido tronco; e esperamos que daqui em diante vá pouco a pouco se tornando mais elegante, alegre e majestosa; que leia melhor no peito das suas leitoras esses segredinhos que tanto lhe apraz saber; que não seja tão temerosa para narrar certas novidades; e finalmente, que se torne simpática, faceira, espirituosa e bela,

como o são as suas leitoras; digo somente as suas leitoras, porque aquelas que não possuem nenhum destes predicados, não devem certamente amar a Violeta". Palavras dos redatores do jornal **a violeta fluminense**, (Fortes, Almeida e Oliveira) em 06 de dezembro de 1857.<sup>88</sup>

# A VIOLETA FLUMINENSE

FOLHA CRITICA E LITTERARIA

DEDICADA AO BELLO SEXO

N. 8

Domingo 6 de Dezembro

1857.

Assim como n'a violeta a busca passava pelo elogio, diga-se na caracterização da leitora como faceira, espirituosa e bela, também Machado de Assis, buscava as leitoras falando delas próprias nos jornais:

## diário do Rio de Janeiro

"No momento em que escrevo estas linhas, espreito cá de longe a leitora a preparar-se para a festa da Glória.

Há duas sortes de leitoras: a que vai ao outeiro, toma água benta, vê o fogo de artifício, e vai a pé para casa, se não pilha um bonde; e a que vai de casa às nove horas para ir ao baile da Secretaria de Estrangeiros.

Uma e outra preparam-se neste instante; sonham com a festa, pedem a Nossa Senhora que não mande chuva.

A segunda espera que a Clemence lhe apronte o vestido a tempo e hora oportuna; a primeira dá os últimos pontos na saia do que há de estrear hoje de tarde".<sup>89</sup>

## semana ilustrada

"Talvez as minhas belas interlocutoras queiram saber qual é o meu ideal a respeito da mulher, e de que modo defino as minhas preferências.

Eu lhes digo: prefiro todas as belas.

Louras? São deliciosas. Morenas? São magníficas. Franzinas? São poéticas. Vigorosas? São soberbas! De qualquer cor, de qualquer aparência, de qualquer gênero a todas aprecio,

a todas adoro, de todas sou humilíssimo servo e dedicado adorador.

Como passaram amáveis leitoras?

Eu não sei se as leitoras se lembram de mim, e se têm presente o que lhes disse na primeira vez que tive a honra de conversar com Suas Graças!

Aposto que não se lembram?

Se não se lembram não me admira. É próprio do sexo a que tenho a honra de falar...<sup>90</sup>

Tanto n'a violeta, diário do Rio de Janeiro e na semana ilustrada encontra-se o que poderia ser a configuração de um perfil da leitora que se constituía na segunda metade do século XIX: belas interlocutoras, louras, morenas, franzinas, amáveis leitoras...

A circulação dos textos, através da imprensa, possibilitava uma comunicação mais rápida com os leitores/leitoras do século XIX e por um custo inferior ao livro. Considerando o tempo de fabricação de um livro, o tempo de construção do texto pelo escritor, e a busca pela sua publicação, tudo isso demandava bastante tempo. E o jornal, pela sua própria natureza, veiculava a informação instantânea e devoradora transformando-se no principal espaço praticado pelos escritores em busca dos leitores e principalmente das leitoras

Os escritores utilizavam-se da imprensa desde o início da sua criação. Artigos, panfletos, crônicas, folhetins, notícias de modas e variedades, comentários sobre publicações de livros, cartas ao leitor, notícias políticas, eram as armas que utilizavam na conquista do público. A própria estrutura do jornal dirigia-se pela maneira como os escritores e editores julgavam ser o da clientela que buscavam.

Tal prática contribuía não apenas para que se estreitassem os laços entre a literatura e o jornalismo, como também se especificasse o campo literário, entendido como um campo de forças e um campo de lutas cuja finalidade é transformar ou conservar a relação de forças estabelecida.<sup>91</sup>

Os jornais estabeleciam com as leitores um tipo de relação que favorecia duplamente os escritores: de um lado qualificava como escritor aquele que publicava nos seus espaços atribuindo-lhe um certo prestígio social; oferecia-lhe um espaço no qual figuravam escritos reconhecidos de seus pares. Por outro lado, favorecia ainda a formação de um público-leitor para consagrá-los ou não: as leitoras da segunda metade do século XIX. A imprensa, portanto, enquanto componente do campo cultural, reforçava a supremacia dos literatos e dos novos escritores emergentes.

Assim é que, o grande veículo do espírito moderno, o jornal, nas palavras de Machado de Assis, na verdade se constituía como um importante suporte de leitura e como um elemento fundamental na constituição da leitora. Considerando esses textos analisados, arrisca-se a afirmação de que uma das preocupações dos editores e colaboradores dos jornais era a formação de um público leitor feminino na segunda metade do século XIX.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - 1ª PARTE

- <sup>1</sup> Revista biográfica do século XIX; primeiro estudo: fisionomia da época. *A saudade: periódico literário*, Rio de Janeiro, 23 de jun. 1861. p.41-42, n.06.
- <sup>2</sup> WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Tradução por Alípio Correia de França Neto. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1994, p.53.
- <sup>3</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução por Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990. p. 16-17.
- <sup>4</sup> *Ibid.*, p.46.
- <sup>5</sup> *Ibid.*, p. 17-18.
- <sup>6</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*, op. cit., p.154.
- <sup>7</sup> *Ibid.*, p. 100.
- <sup>8</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*, op. cit., p. 27.
- <sup>9</sup> *Ibid.*, p.20.
- <sup>10</sup> *Ibid.*, p. 23.
- <sup>11</sup> BOURDIEU, Pierre., CHARTIER, Roger. Comprendre les pratiques culturelles. In: CHARTIER, Roger (Org.). *pratiques de la lecture*. Paris: Rivages, 1985 p. 236.
- <sup>12</sup> GOULEMOT, Jean Marie. De la lecture comme production de sens. In: CHARTIER, Roger (Org.). *pratiques de la lecture*, op. cit., p.92.
- <sup>13</sup> KATZENSTEIN, Úrsula E. *A origem do livro: da Idade da Pedra ao advento da impressão tipográfica no Ocidente*. São Paulo: Hucitec, 1986. p. 246.
- <sup>14</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*, op. cit., p. 271-272.
- <sup>15</sup> CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote de la Mancha*. Tradução por Almir de Andrade e Milton Amado. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. v. II. p. 620-623.
- <sup>16</sup> ALENCAR, José de. *Senhora*. (cotejado com a edição original, B. L. Garnier, Rio de Janeiro, 1875). 18 ed. São Paulo: Ática, 1990. p.109.
- <sup>17</sup> CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: CHARTIER, Roger (Org.). *História da vida privada*. Tradução por Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras. 1991. v. 3 p. 126.
- <sup>18</sup> \_\_\_\_\_. *A ordem dos livros*. Tradução por Mary del Priore. Brasília: Ed. UNB, 1994. p.13.
- <sup>19</sup> ASSIS, Machado de. Crônica de 15 de ago. de 1876. In: *crônicas(1871-1878)*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson INC. 1938. v 3. p. 107.
- <sup>20</sup> CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*, op. cit., p.24.
- <sup>21</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*, op. cit, p.63.
- <sup>22</sup> BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Hucitec, 1988. p.400.
- <sup>23</sup> *Ibid.*, p. 419.
- <sup>24</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 22.
- <sup>25</sup> AZEVEDO, Aluísio. *Casa de pensão*. São Paulo: Três, 1973. p. 50.
- <sup>26</sup> *Séries estatísticas retrospectivas*. Rio de Janeiro: IBGE, 1986.
- <sup>27</sup> ASSIS, Machado de. Diário do Rio de Janeiro, 1877. p. 196-197.
- <sup>28</sup> \_\_\_\_\_. Prefácio escrito em 1888 para uma edição monumental do Guarani. In: *plano das obras de ficção de José de Alencar*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951, p.41-42. t 1.
- <sup>29</sup> BASBAUM, Leôncio. *História sincera da República: das origens até 1889*. 4 ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1982. v. 1. p. 110.
- <sup>30</sup> FREIRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936. T II. p. 574.
- <sup>31</sup> MACEDO, J. Manuel de. *Memórias da rua do ouvidor*. Brasília: Universidade Nacional de Brasília. 1988. p. 76.
- <sup>32</sup> PINHO, Wanderley. *Salões e damas do Segundo Reinado*. 4 ed. São Paulo: Martins, 1942. p.249.

- 33 ASSIS, Machado de. **A semana (1892-1893)**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson INC. 1953. 1. v. p. 356-357.
- 34 AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. São Paulo: Martins, p.66-67.
- 35 ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. 12 ed. São Paulo: Ática, 1993. p. 80.
- 36 MACEDO, J. Manuel de. **Memórias da rua do ouvidor**, op. cit., p. 76.
- 37 ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **História da instrução pública no Brasil(1500-1889)**. Tradução por Antônio Chizzotti. São Paulo: EDUSP, 1989. p.95.
- 38 **Anuário estatístico do Brasil**. Séries estatísticas retrospectivas/Fundação IBGE, 1939/1940.
- 39 **Instruções para o segundo recenseamento da população**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1890.
- 40 HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. Tradução por Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: EDUSP, 1985. p. 47.
- 41 *Ibid.*, p. 80.
- 42 MACEDO, J. Manuel de. **Memórias da rua do ouvidor**, op. cit., p. 136.
- 43 ASSIS, Machado de. **Diário do Rio de Janeiro**, 24 dez. 1861. p. 101-102.
- 44 \_\_\_\_\_. **Diário do Rio de Janeiro**, 3 jan. 1865. In: **crônicas (1864-1867)**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson INC. 1938. v. 2. p. 264.
- 45 \_\_\_\_\_. **O futuro**, 1º jan. 1863. In: **o futuro(1862-1863)**. Rio de Janeiro: Tipografia de Brito e Braga, p. 268.
- 46 GONDIM, Eunice Ribeiro. **Vida e obra de Paula Brito**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1965. p. 84-114.
- 47 ASSIS, Machado de. **Diário do Rio de Janeiro**, 3 jan. 1865. p. 264.
- 48 SENNA, Ernesto. **O velho comércio do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garnier, 1915? p. 19-20-22.
- 49 **O tipógrafo**. Rio de Janeiro, 5 dez. 1867.
- 50 CONCEIÇÃO, F. Os livros e a tarifa das alfândegas. **Revista brasileira**. Rio de Janeiro: N. Midosi (25). 1(1): 607-610. jun. 1879.
- 51 ASSIS, Machado de. **Diário do Rio de Janeiro**, 20 jun. 1864. In: **crônicas(1864-1867)**, op. cit., p. 24.
- 52 *Ibid.*, 1º ago. 1864.
- 53 SENNA, op. cit., p. 19-30.
- 54 ASSIS, Machado de. **Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969. p. 111-181-182.
- 55 \_\_\_\_\_. **Diário do Rio de Janeiro**, 20 jun. 1864. In: **crônicas(1864-1867)**, op. cit., p. 22.
- 56 **Folhinha Laemmert para o ano de 1886**. Rio de Janeiro: Laemmert e C., 1886. Catálogo 4.
- 57 **Folhinha palpitante para o ano bissexto de 1872**. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1872. p.36-42.
- 58 **Anais da biblioteca nacional**. Rio de Janeiro: divisão de publicações e divulgação, 1981. v.5.
- 59 HALLEWELL, Laurence, op. cit., p. 166-168.
- 60 CONCEIÇÃO, F, op. cit.
- 61 SENNA, op. cit., p.22.
- 62 RIZZINI, Carlos. **O livro, o jornal e a tipografia no Brasil(1500-1822)**. ed. fac. similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988. p. 309.
- 63 BASBAUM, Leôncio, op. cit., p.110.
- 64 **Novo almanaque de lembranças luso-brasileiro para o ano de 1886**. Lisboa: António Maria Pereira, 1885. p.6.
- 65 **Marmota na Corte**. 27 jan. 1852. Rio de Janeiro: Tipografia da Empresa Dois de Dezembro.
- 66 **Folhetim do novo gabinete de leitura**. In: **novelística brasileiro ou armazém de novelas escolhidas**. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1851.
- 67 ASSIS, Machado de. **O espelho**. Rio de Janeiro, 30 out. 1859. In: **crônicas(1859-1863)**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson INC. 1938. v.1. p.33-35.
- 68 ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um sargento de milícias**. São Paulo: Martins, p.17.

- <sup>69</sup> MACEDO, J. Manuel de. **Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Valverde, p.XV.
- <sup>70</sup> ALENCAR, José de. O guarani. Precedido de "Como e porque sou romancista". In: **plano das obras de ficção de José de Alencar**, op. cit., p. 66-67.
- <sup>71</sup> TAUNNAY, Visconde de. **Reminiscências**. 2 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1923. p.85-86.
- <sup>72</sup> CÂNDIDO, Antônio. O escritor e o público. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **A literatura no Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Sul Americana S.A. 1968. v I p.98.
- <sup>73</sup> CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**, op. cit., p. 9.
- <sup>74</sup> \_\_\_\_\_. **A história cultural**, op. cit., p. 123.
- <sup>75</sup> BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**, op. cit., p. 88.
- <sup>76</sup> CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**, op. cit., p.17.
- <sup>77</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**, op. cit., p. 225.
- <sup>78</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Tradução por EphraimFerreira alves. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p. 269-270.
- <sup>79</sup> CHARTIER, Roger. **A história cultural**, op. cit., p.123.
- <sup>80</sup> BOURDIEU, Pierre. , CHARTIER, Roger. Comprendre les pratiques culturelles. In: CHARTIER, Roger (Org.). **pratiques de la lecture**. Paris: Rivages, 1985. p. 229.
- <sup>81</sup> BETTENCOURT. D. Ana Ribeiro de Góes. O Romance. Às senhoras brasileiras e portuguesas. In: **novo almanaque de lembranças luso-brasileiro para o ano de 1886**. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira, 1885. p. 67-72.
- <sup>82</sup> CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**, op. cit., 1994.
- <sup>83</sup> **Marmota na Corte**. 23 jan. 1852, Rio de Janeiro. p.1.
- <sup>84</sup> **O futuro(1862-1863)**, op. cit., p. 157-158.
- <sup>85</sup> ASSIS, Machado de. **O futuro(1862-1863)**, op. cit., 1º jan. 1863. p. 266-268.
- <sup>86</sup> **Marmota na Corte**. Rio de Janeiro, 17 fev. 1852. p.1
- <sup>87</sup> ASSIS, Machado de. Crônica 6 ago. 1893. In: **a semana (1892-1893)**, op. cit., p. 350.
- <sup>88</sup> **Violeta fluminense**. Rio de Janeiro, 6 dez. 1857. p. 1.
- <sup>89</sup> ASSIS, Machado de. Histórias de quinze dias.15 ago. 1876. In: **crônicas(1871-1878)**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson INC. 1938. v. 3 p. 102-103.
- <sup>90</sup> \_\_\_\_\_. Conversas com as mulheres. Publicado em quatro folhetins da *Semana ilustrada*, Rio de Janeiro, 14 e 28 mai. e 4 e 18 jun. 1865. In: **contos e crônicas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958,p. 106-107.
- <sup>91</sup> BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Tradução por Cássia R. da Silva e Denise Pegorim. São Paulo:Brasiliense, 1990. p.172.

“Cada vez que lemos um livro, o livro mudou, a conotação das palavras é outra. Além disso, os livros estão cheios de passado”. (J. L. Borges).

## 2ª PARTE

### O PÚBLICO FEMININO DO SÉCULO XIX

#### 1-Os salões: o lugar de leituras

As transformações continuavam numa cidade que se desejava moderna. “Teatro do cosmopolitismo e da modernização, a capital que inventa um Brasil com fisionomia europeia é, ela mesma, uma invenção”.<sup>1</sup>

O Rio de Janeiro ampliava seus espaços sociais de convivência. Com o desenvolvimento da vida urbana vinham as festas e as atividades elegantes. Nessas festas, as mulheres do século XIX movimentavam-se com faceirice e desenvoltura reinando e brilhando como fochos luminosos, absolutas, nas quais tinham oportunidade de expressar seus dotes artísticos. No romance **a moreninha**, Joaquim Manuel de Macedo referia-se a essas reuniões festivas:

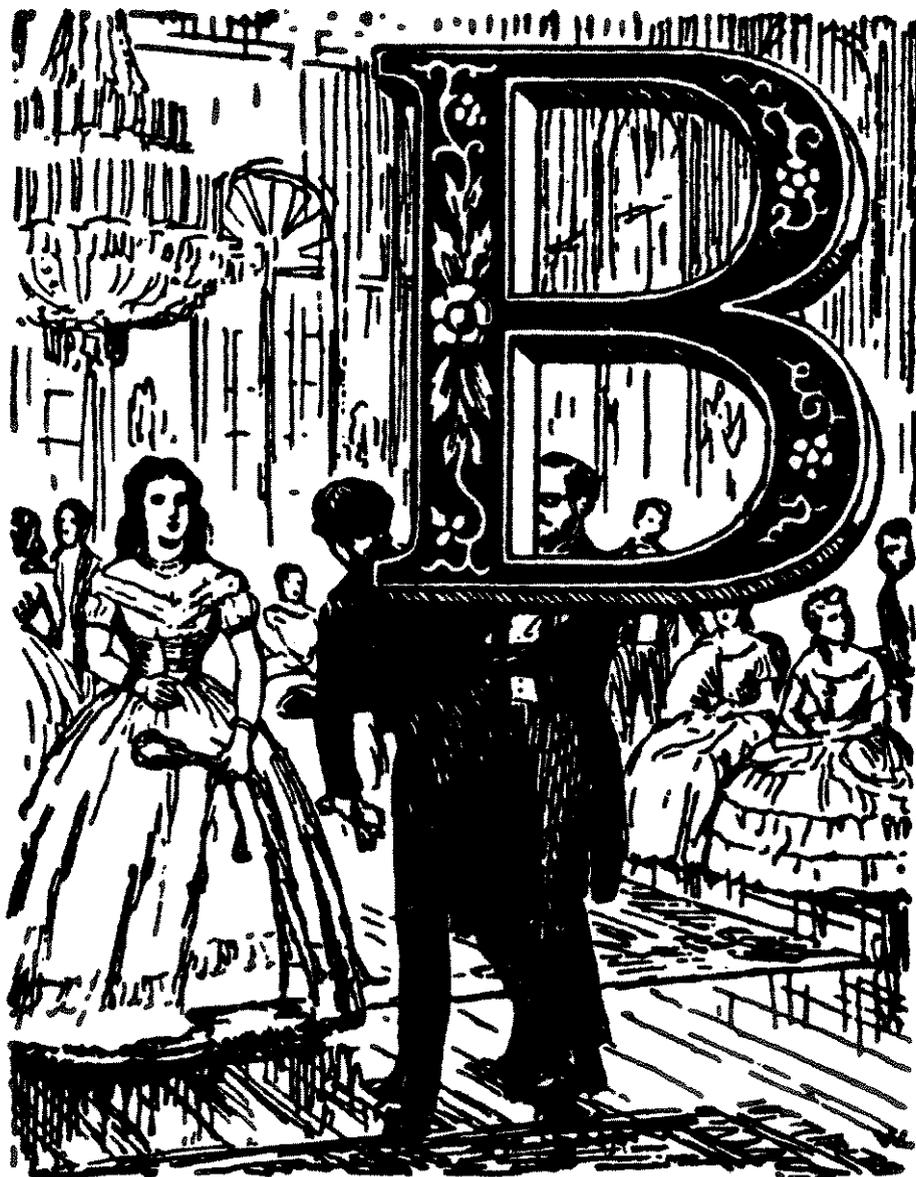
“Um sarau é o bocado mais delicioso que temos, de telhado abaixo. Em um sarau todo mundo tem que fazer. Todos murmuram e não há quem deixe de ser murmurado; as moças são no sarau como as estrelas no céu; estão no seu elemento; aqui uma, cantando suave cavatina, eleva-se vaidosa nas asas dos aplausos, por entre os quais surge, às vezes, um bravíssimo

inopinado, que solta de lá da sala do jogo o parceiro que acaba de ganhar sua partida do écarté, mesmo na ocasião em que a moça se espicha completamente, desafinando um sustenido”.<sup>2</sup>

Se na primeira metade do século XIX a mulher quase não saía de casa, a não ser para ir à missa; se sua existência transcorria, quase sempre, na casa paterna e por extensão na casa do marido, gradativamente esses costumes modificavam-se na segunda metade do século XIX.

Assim, entre as invenções do cotidiano do Rio de Janeiro, saliente-se os movimentados espaços sociais dos salões, uma outra maneira de relacionamento entre as leitoras e os escritores do século XIX e um dos espaços de convivência da sociedade do Rio de Janeiro. Os salões ganhavam importância não apenas para as reuniões sociais mas também para os assuntos políticos:

“De um lado os escritores ali se encontram em contato com uma elite social de seus leitores e podem observar suas tendências de gosto mundano dominante. Mas, de outro lado, a elite social lá procura meios de distinção: conversar com os autores lhe permite estar em contato direto sobre a atualidade da produção literária; esses mundanos ampliavam no curso da moda as tendências estéticas que respondiam melhor às suas expectativas”.<sup>3</sup>



---

\* As ilustrações dos salões são do livro: PINHO, Wanderley. Salões e damas do Segundo Reinado. 4 ed. São Paulo: Martins, 1942.

Levando-se em consideração que na França, os escritores aderiam à vida de salão como Chapelain, Balzac, Corneille, Racine; no Brasil do século XIX, os escritores aderiam também aos salões como Joaquim Manuel de Macedo, Castro Alves, Joaquim Nabuco, Afonso Celso Júnior. Eram famosos os salões da Marquesa de Abrantes, do Senador Joaquim Nabuco, do Barão de Cotegipe, entre outros, registrados por Wanderley Pinho no livro **salões e damas do Segundo Reinado** nos quais movimentavam-se também as damas da segunda metade do século XIX<sup>4</sup>

No jogo de interesses dos leitores/leitoras e escritores, os salões satisfaziam suas exigências mundanas. Também porque, a opinião dos leitores e leitoras freqüentadores desses salões pesava mais diretamente na orientação do escritor.

Nesses espaços, os escritores não apenas liam seus escritos em **avant première** como também aproveitavam esses momentos para manutenção de contatos com as pessoas bem colocadas socialmente.

“Duas atitudes de público mundano lá estavam em jogo, mas também duas imagens do escritor e dois caminhos diferentes na legitimação da literatura”.<sup>5</sup>

No entanto, os salões dedicavam às letras um espaço limitado; talvez porque, para os códigos da época, considerava-se as letras como acessórios. E como acessórios, caminhavam juntas às celebrações das atividades consideradas mundanas.



“Num salão esmeram-se várias artes: a de receber ou preparar um ambiente de cordialidade e espírito; a de entreter a palestra ou cultivar o humor; dançar uma valsa ou cantar uma ária, declamar ou inspirar versos, criticar com graça e sem maledicência, realçar a beleza feminina nas últimas invenções da moda...”<sup>6</sup>

Num salão esmeravam-se não apenas a beleza feminina nas últimas invenções da moda; consolidavam-se informações sobre os romances que circulavam no Rio de Janeiro. Tanto o jornal quanto os salões tinham sua importância enquanto formadores de opinião e de público: em ambos circulavam informações de leituras. Se uma das preocupações dos jornais era a formação de um público-leitor feminino; nos salões, por exemplo, formava-se uma nova fração de público que modificava o perfil do jornal e do leitor: As mulheres...

“porque um salão se estrutura sempre em torno de uma personalidade feminina que, ainda pouco instruídas, as damas da boa sociedade lá encontravam uma atividade cultural que exigia a arte das maneiras ( que sua educação lhes ensinava) mas não um saber produzido(que sua instrução lhes recusava)”<sup>7</sup>.



As damas da sociedade, “pouco instruídas” conquistavam espaços; ocupavam outros espaços sociais, nos quais se discutiam leituras a elas destinadas. Nos salões da segunda metade do século XIX, encontravam indicações de leituras oportunidade em que se informavam dos últimos lançamentos literários. Configurava-se assim, uma leitora preocupada em atualizar as suas leituras:

“Aconteceu uma noite cair a conversa em assunto de literatura nacional.

Fato raro. Entre nós há moda para tudo nos salões; menos para as letras pátrias, que ficam à porta, quando muito vão para o fumatório servir de tema a dois ou três incorrigíveis.

Nesse dia fez-se uma exceção. Alguém, que tinha a prurir-lhe nos lábios a condenação de um livro que lera recentemente, apesar de publicado desde muito, aproveitou o momento para essa execução literária.

-Já leram a Diva?

Respondeu um silêncio cheio de surpresa. Ninguém tinha notícia do livro, nem supunham que valesse a pena de gastar o tempo com essas coisas.

-É um tipo fantástico, impossível! Sentenciou o crítico.

A crítica, por maior que seja a sua malignidade, produz sempre um efeito útil que é de aguçar a curiosidade. O mais rigoroso

ensor malgrado seu presta homenagem ao autor, e o recomenda.

Pela manhã Aurélia mandou comprar o romance, e o leu em uma sesta, ao balanço da cadeira de palha, no vão de uma janela ensombrada pelas jaqueiras cujas flores exalavam perfumes de magnólias.

À noite apareceu o crítico.

-Já li a Diva, disse depois de corresponder ao cumprimento”.<sup>8</sup>

Se nos salões da segunda metade do século XIX emergia uma fração de público capaz de modificar o perfil dos jornais: as leitoras do século XIX; por outro lado, esses salões ajudavam a consolidar as práticas de leituras no Rio de Janeiro. Ajudavam a consolidar não apenas espaços de leituras durante a sesta, mas maneiras de ler. No romance **senhora(1875)**, Alencar representava uma leitora que lia o romance **Diva(1864)** durante uma sesta “ao balanço da cadeira de palha no vão de uma janela ensombrada pelas jaqueiras cujas flores exalavam perfumes de magnólias”.<sup>9</sup>

Gradativamente as leitoras se apropriavam dessas leituras que circulavam nos jornais e nos salões e asseguravam não apenas seu espaço de leitura, mas também poderes sobre o grupo social de leitoras que se formava na segunda metade do século XIX. No romance **o seminarista(1872)**, o

escritor Bernardo Guimarães configurava a futura leitora iniciando-se nos caminhos da leitura mediatizada pela voz masculina:

“ - Pois mamãe sabia que a tia Umbelina me pediu para para ensinar a ler à Margarida...

- Deveras, meu filho?... - interrompeu a mãe rindo-se muito. - Que galante mestrinho tem a minha afilhada! Por Deus que não sei qual dos dois mais precisará de bolos, o mestre ou a discípula.

- Mamãe está caçoando!...pois deveras, estou ensinando a ler à Margarida.

- Está bom, meu filho; mas para isso será preciso gastar todo o dia!..

Eugênio não mentia, quando disse a sua mãe que ensinava a ler a sua companheira de infância. O viandante, que por ali transitasse naquela época, teria por vezes ocasião de contemplar à sombra das paineiras junto à pontezinha de que já falamos, um curioso e interessante grupo: um esbelto rapagote de cerca de doze anos assentado na grama, e com um braço passado sobre o ombro de uma gentil menina um pouco mais nova, apontando-lhe as letras do alfabeto”.<sup>10</sup>

Nos romances, representavam-se as ouvintes-leitoras que, embora mediatizadas por voz masculina, eram familiarizadas com os impressos:

**Lucíola(1875):**

“Às vezes lia para ela ouvir algum romance ou a bíblia, que era o seu livro favorito. Lúcia conservava de tempos passados o hábito da leitura e do estudo; raro era o dia em que não se distraía uma hora pelo menos com o primeiro livro que lhe caía nas mãos. Dessas leituras rápidas e sem método provinha a profusão de noções variadas e imperfeitas que ela adquirira e se revelavam na sua conversação.”<sup>11</sup>

**girândola de amores(1882):**

“...mal, porém, tinha principado o desenho e já a caprichosa lhe arrancava o lápis dos dedos e lhe pedia para fazer-lhe antes um pouco de leitura. Gregório foi à biblioteca, tomou os Primeiros cantos de Gonçalves Dias e principiou a recitar o episódio do pirata.

-Não! Disse Olympia, posando-lhe a mão na boca. Leia-me outra coisa...faz-me mal esse poeta!... Não gosto de lhe ouvir os versos senão quando preciso chorar...

Gregório lembrou Casimiro de Abreu, ofereceu Castro Alves, intercedeu por Fagundes Varela. Ela, porém, não aceitou nenhum deles.

-Olhe! Cá está o Machado de Assis! Quer?

Olympia respondeu que não, sorrindo com faceirice e agitando o indicador da mão direita.

-O Luiz Guimarães?...

-Não...

-Quer antes um poeta francês?...prefere ouvir um trecho de prosa?...

-Não! Já não quero nada disso. Dê-me aquele álbum que ali está...”<sup>12</sup>

A leitura em voz alta, além de ser uma prática comum nos serões do século XIX, era precedida de todo um ritual, momento mágico de aconchego e silêncio respeitoso ao clarão da luz de azeite. No romance **uma lágrima de mulher**(1879), Aluísio Azevedo representava uma ouvinte-leitora enlevada com a oralização da escrita através da voz grave e compassada do leitor.

“-Então! Senhor Miguel! Não temos hoje leitura? perguntou Ângela, colocando a mão aberta sobre os olhos para poder enxergar o interrogado.

Este respondeu levantando-se e indo tomar um livro de um armário de pau, pregado na parede; depois assentou-se defronte da velha, que junto à mesa, cosia ao clarão da luz de azeite.

Miguel abriu com pachorra o livro, no lugar marcado por uma tira bordada, trabalho delicado de Rosalina esfregou carinhosamente as palmas da mão nas folhas do livro, aberto de par em par; cruzou as pernas, enterrando os pés para baixo da cadeira em que estava assentado; espevitou o pavio da candeia, e depois de fitar abstratamente a cabeça branca de Ângela, principiou com a voz sonora e desembaraçada, a leitura de uns contos fantásticos, que faziam o enlevo da velha e de Rosalina.

Com o interesse do romance, Ângela parara maquinalmente o trabalho e, firmando os cotovelos descarnados na madeira da mesa, ficava automaticamente a fitar, com o rosto apoiado nas mãos compridas e ossudas, o movimento regular dos lábios do leitor.

Dominada, como estava, pela mágica influência do livro, ligava indistintamente, não sei que relação entre a fisionomia expressiva de Miguel e o assunto da novela; parecia-lhe que aquilo eram palavras e pensamentos dele, ditos, e pensados ali, naquele instante.

Choravam e riam silenciosamente as duas, conforme a situação. Tudo era interesse; até o próprio Castor parecia tomar parte na

leitura, sofrendo resignado a vontade de ladrar contra as ruidosas lufadas do vento...

No meio deste silêncio a voz grave e compassada de Miguel ecoava monotonamente nas quatro paredes de betume cinzento.”<sup>13</sup>

Como sinônimo de convívio social, a leitura em voz alta, bastante difundida na França do século XVIII e XIX, reforçava a intimidade familiar, unia as leitoras em volta do livro. Leituras que divertiam, ajudavam a passar o tempo durante os longos serões do Rio de Janeiro. Machado de Assis, no romance **a mão e a luva(1874)**, representava uma sessão de leitura oralizada sem o auxílio da voz masculina.

”De noite foi à casa da tia. Achou as senhoras à volta de uma mesa; Guiomar lia, para a madrinha ouvir, um romance francês, recentemente publicado em Paris e trazido pelo último paquete. Jorge veio interrompê-las um pouco, mas só interromper, porque a leitura continuou logo depois, ajudando ele próprio a Guiomar naquela filial tarefa. Veio o chá, veio depois a hora de recolher, e a baronesa deu por findo o serão, ainda que o livro estava quase findo.

-Eu é que não me deito sem saber o resto, declarou Guiomar; levo o livro comigo”.<sup>14</sup>

O escritor José de Alencar no texto autobiográfico **como e porque sou romancista(1893)** registrava esses momentos de intimidade quando emprestava a sua voz para fazer o enlevo das pessoas reunidas nos serões de família.

“Era eu quem lia para minha boa mãe, não somente as cartas e os jornais, como os volumes de uma diminuta livraria romântica formada ao gosto do tempo.

Não havendo visitas de cerimônias, sentava-se minha boa mãe e sua irmã D. Florinda com os amigos que apareciam, ao redor de uma mesa redonda de jacarandá, no centro da qual havia um candeeiro.

Minha mãe e minha tia se ocupavam com trabalhos de costuras, e as amigas para não ficarem ociosas as ajudavam. Dados os primeiros momentos à conversação, passava-se à leitura e era eu chamado ao lugar de honra.

Uma noite daquelas em que eu estava mais possuído do livro, lia com expressão uma das páginas mais comoventes da nossa biblioteca. As senhoras, de cabeça baixa, levavam o lenço ao rosto, e poucos momentos depois não puderam conter os soluços que rompiam-lhes o seio.

Com a voz afogada pela comoção e a vista empanada pelas lágrimas, eu também, cerrando ao peito o livro aberto, disparei

em pranto, e respondia com palavras de consolo às lamentações de minha mãe e suas amigas.

Nesse instante assomava à porta um parente nosso, o Rev. Padre Carlos Peixoto de Alencar, já assustado com o choro que ouvira ao entrar. Vendo-nos a todos naquele estado de aflição, ainda mais perturbou-se:

-Que aconteceu? alguma desgraça? perguntou arrebatadamente.

As senhoras, escondendo o rosto no lenço para ocultar do Padre Carlos o pranto, e evitar os seus remoqueos, não proferiram palavra. Tomei eu a mim responder:

-Foi o pai de Amanda que morreu! disse mostrando-lhe o livro aberto”.<sup>15</sup>

Se de um lado, a leitura em voz alta reforçava a convivência letrada, na sala de jantar ou em volta de uma mesa, a leitura de foro privado, silenciosa convidava ao recolhimento interior distante dos espaços coletivos dos serões. Leituras que absorviam, que transportavam a leitora de modo a nada perceber ao redor de si além do livro e das prováveis viagens que poderá fazer em torno de si mesma, observada, por exemplo no romance **a mão e a luva**(1874),

“A moça vinha andando com o livro fechado, e os olhos ora no chão, ora nas andorinhas e cambaxirras que esvoaçavam na chácara. Se trazia saudades, não se lhe podiam ler no rosto, que era quieto e pensativo, sim, mas sem a menor sombra de tristeza...Abriu novamente o livro, e continuou a leitura do ponto em que a deixara tão só consigo, tão embebida no livro que tinha diante, que não a despertou o rumor, aliás sumido, dos passos de Estevão nas folhas secas do chão. Teria percorrido meia página, quando Estevão, reclinando-se sobre a cerca, e procurando abafar a voz para que só chegasse aos ouvidos dela, proferiu este simples nome:

Guiomar!

A moça soltou um grito de surpresa e de susto, e voltou-se sobressaltada para o lado donde partira a voz”.<sup>16</sup>

ou em **Lucíola(1862)**:

“Chegando uma tarde vi Lúcia assustar-se e esconder sob as amplas dobras do vestido um objeto que me pareceu um livro.

-Estavas lendo?

Ela perturbou-se.

-Não; estava esperando-o.

-Quero ver que livro era.

Meio à força e meio rindo consegui tomar o livro depois de uma fraca resistência. Ela ficou enfadada.

Era um livro muito conhecido - a Dama das Camélias..”<sup>17</sup>

A leitura silenciosa permitia as leitoras do século XIX não apenas escolher a hora e o local das suas leituras, mas permitia também escolher o livro adequado para o seu estado de espírito como em **senhora(1875)**

“Aurélia estava lendo na sala de conversa, mas o estilo de George Sand não conseguia nesse momento cativar-lhe o espírito que às vezes batia asas, e lá se ia borboleteando pelo azul de uma sesta amena.”<sup>18</sup>

Ou em **Helena(1876)**. A leitora utilizava um espaço reservado da casa para essas leituras praticadas na intimidade de cada um:

“Na seguinte manhã, Estácio levantou-se tarde e foi direto à sala de jantar, onde encontrou D. Úrsula pachorrentamente sentada na poltrona de seu uso, ao pé de uma janela, a ler um tomo do Saint-Clair das Ilhas, enternecida pela centésima vez com as tristezas dos desterrados da ilha da barra; boa gente e moralíssimo livro, ainda que enfadonho e maçudo, como outros de seu tempo”.<sup>19</sup>

Conforme se observa, os salões desempenhavam um papel predominante na formação das leitoras. Neles circulavam informações de leituras, detonando as práticas de leituras que iam se consolidando quer seja nos espaços coletivos dos serões, nos quais se representava uma leitora lendo para outra leitora um romance francês à volta de uma mesa, quer seja na intimidade de cada leitora tão só consigo!...

## 2-A leitora: a busca dos caminhos

Se é verdade que o leitor se inscreve no texto e ao mesmo tempo este se inscreve diversamente no leitor, é verdade também que leitor e escritor fazem parte da mesma teia de interdependência, unidos uns e outros por diferentes motivos. O conceito de configuração de Elias<sup>20</sup>, entendido para esta investigação como o padrão mutável criado pelo conjunto de leitoras e escritores, evidencia a interdependência das pessoas.

O que une as pessoas em configuração? Não se pode responder este questionamento se se considerar todas as pessoas individuais em si mesmas, como se cada uma fosse um Homo Clausus. O comportamento de muitas pessoas separadas enreda-se de modo a formar estruturas entrelaçadas, tensas, equilibradas. Delimitam-se, portanto, as configurações...

“Se quatro pessoas se sentarem à volta de uma mesa e jogarem cartas, formam uma configuração. As suas ações são interdependentes”.<sup>21</sup>

Se quatro leitoras se reunirem para uma sessão de leitura oralizada, formam também uma configuração. A leitora que lê em voz alta depende do auditório e o auditório depende da leitora que pratica a leitura oralizada. Isto ocorre também com professores e alunos numa sala de aula, médico e doente

num grupo terapêutico, clientes habituais num bar, todos constituem configurações relativamente compreensíveis.

“Só podemos compreender o fluxo constante do agrupamento dos jogadores de um dos lados, se virmos que o grupo de jogadores do outro lado também está num fluxo constante. Se se pretende que os espectadores compreendam e gostem do jogo, terão que estar aptos a compreender o modo como estão relacionadas as disposições mutáveis de cada lado - para seguir a configuração fluida de cada uma das equipas”.<sup>22</sup>

A interdependência, portanto, é uma condição para que se forme uma configuração. Interdependência esta que tanto pode ser de aliados como de adversários.

Só se pode compreender o fluxo constante do movimento das leitoras em busca dos seus próprios caminhos de leitura, se se compreender o fluxo constante das tensões que vivenciavam durante essa caminhada. Neste fluxo constante e elástico, essas leitoras movimentavam-se em busca dos seus próprios caminhos. Caminhos esses, permeados de conflitos e tensões já observados por Debret em 1816, na sua **viagem pitoresca e histórica ao Brasil**:

“Desde a chegada da Corte ao Brasil tudo se preparara mas nada de positivo se fizera em prol da educação das jovens brasileiras. Esta, em 1815, se restringia, como antigamente, a recitar preces de cor e a calcular de memória, sem saber escrever nem fazer as operações.

Os pais e maridos favoreciam essa ignorância, a fim de destruir pela raiz os meios de correspondência amorosa. Essa precaução, tão nociva aliás ao desenvolvimento da instrução, levou as brasileiras a inventarem uma combinação engenhosa de interpretação simbólica das diferentes flores,\* construindo uma linguagem de modo que uma simples flor oferecida ou mandada era a expressão de um pensamento ou de uma ordem transmitida, aos quais podiam ligar conseqüências diversas pela adição de inúmeras outras flores ou de simples folhas de certas ervas convencionadas de antemão. Pensamentos suaves, cólera, hora do dia, lugar de encontro, tudo se exprimia da maneira mais simples. Mas como a chave dessa correspondência era entregue ao rapaz que devia responder, essa ciência, transmitida assim de geração a geração, tornou-se um objeto de mofa quando os progressos da educação feminina a substituíram pela escrita”.<sup>23</sup>

---

\*Transcrevo aqui alguns fragmentos desse dicionário erótico: rosa, amor; viola-tricolor, amor-perfeito, espora, tristezas em geral, em razão de sua forma que apresenta na extremidade inferior uma espécie de ponta recurva- da que pode ser comparada a um espinho; a escabiosa exprime a saudade; a alfazema fresca, a ternura e a alfa- zema seca, o ódio; certa fruta cujo nome é cajá, pela reunião das duas sílabas cá (aqui) e já (imediatamente) quer dizer venha imediatamente, etc. (N. do A.).

Observado também por Charles Expilly em 1853:

“Hoje, ainda, a educação de uma brasileira está completa, desde que saiba ler e escrever correntemente, manejar o chicote, fazer doces e cantar acompanhando-se ao piano...”<sup>24</sup>

ou por Elizabeth Agassiz em 1865:

“A educação que lhes dão, limitada a um conhecimento sofrível de Francês e Música, deixa-as na ignorância de uma multidão de questões gerais; o mundo dos livros lhes está fechado, pois é reduzido o número de obras portuguesas que lhes permitem ler, e menor ainda o das obras a seu alcance escritas em outras línguas.

Estávamos um dia numa fazenda, quando avistei um livro em cima de um piano. Um livro é coisa tão rara nos aposentos ocupados pelas famílias que fiquei curiosa em saber qual seria o conteúdo dele. Era um romance, e, ao virar-lhe as páginas, veio o dono da casa e disse em voz alta que aquela não era uma leitura conveniente para mulheres. - “Aqui está (entregando-me um pequeno volume), uma excelente obra que comprei para minha mulher e minhas filhas”. Abri o precioso volume, era uma espécie de tratado de moral, cheio de banalidades

sentimentais e de frases feitas em que reinava um tom de condescendência e proteção à pobre inteligência feminina, porquanto, apesar de tudo, as mulheres são mães dos homens e exercem um pouco de influência sobre sua educação. Após essa mostra do alimento intelectual que lhes ofereciam, não me poderia admirar que a esposa e as filhas do nosso anfitrião demonstrassem um gosto dos mais moderados pela leitura”.<sup>25</sup>

Moritz Lamberg(1887) escrevia:

“As filhas das classes médias aprendem a ler e a escrever ou em alguma escola pública, ou em algum colégio, onde se acostumam também a fazer alguns trabalhos manuais finos. Assim que conseguem pronunciar algumas frases em francês e arranhar piano, está terminada a sua educação. Saem da escola e são moças, que os pais, com muito cuidado, preservam de qualquer contato com os homens.”<sup>26</sup>

Uma impressão que esses textos dos viajantes registravam é o ritmo lento em que se desenrolava a educação das mulheres no Rio de Janeiro. Controlar as leituras ao alcance das mulheres era uma extensão das prerrogativas masculinas. Os depoimentos de Debret, Charles Expilly, Elizabeth Agassiz e Moritz Lamberg ressaltavam bem o papel assumido

pelos pais e maridos de protetores da inteligência e da moral das mulheres. O acesso aos livros de literatura era limitado, não passava, muitas vezes, do livro de orações. Tal situação, estava bem de acordo com o provérbio português registrado por Charles Expilly:

“Uma mulher já é bastante instruída, quando lê corretamente as suas orações e sabe escrever a receita da goiabada. Mais do que isso seria um perigo para o lar.”<sup>27</sup>

Era, portanto, nesse ambiente de relações tensas que as mulheres viviam no Rio de Janeiro do século XIX. E era nesse ambiente que conquistavam os seus espaços de leitura. As mudanças que ocorriam na cidade do Rio de Janeiro, como o progresso na educação feminina, favorecia essa busca. Gradativamente conquistavam seus caminhos de leitoras e não mais precisavam das flores para construir uma linguagem simbólica para se corresponder, por exemplo, com os rapazes. Essa forma de comunicação tornava-se agora um objeto de mofa.

Começava a se consolidar um novo espaço de leitura: os jornais femininos que definiam sua fórmula editorial com preocupações de ordem intelectual através do incentivo para que as leitoras divulgassem suas produções literárias. Assim, os jornais femininos ganhavam espaço com títulos sugestivos, metáforas da figura feminina, como **belo sexo(1862)**, **biblioteca das senhoras(1874)**, **o bisbilhoteiro(1889)**, **eco das damas(1879/1882)**, **recreio do belo sexo(1856)**, **recreio das moças(1876/1877)**, **o direito das damas(1882)** e tantos outros que ecoavam no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX.

Se os salões eram um espaço de convivência e informações sobre os romances que circulavam no Rio de Janeiro; esses jornais, por outro lado, traziam artigos sobre instrução, modas, crônicas, romance-folhetim e uniam-se para criar uma certa cumplicidade com as leitoras que buscavam. Em busca dessa cumplicidade, a redatora d'o **jornal das senhoras(1852)**, Joana Paulo Manso de Noronha escrevia às leitoras:

“Às nossas Assinantes

Redigir um jornal é para muitos literatos o apogeu da suprema felicidade, já sou redator, esta frasezinha dita com seus botões faz crescer dois palmos a qualquer indivíduo.

No círculo ilustrado o Redator é sempre recebido com certo prestígio do homem que em letra de imprensa pode dizer muita coisa, propícia ou fatal a alguém.

Noutra roda de gente que considera o progresso do gênero humano, como uma heresia, os literatos como uma casta de vadios, porque entendem que se possa cavar uma enxada, porém o trabalho intelectual é para essa gente uma alocação em grego: e por tanto o Redator é...é um vadio mesmo, um ente inútil.

Ora pois, uma mulher à testa da redação de um jornal! que bicho de sete cabeças será?

Contudo em França, em Inglaterra, na Itália, na Espanha, nos Estados Unidos, em Portugal mesmo, os exemplos abundam de Senhoras dedicadas à literatura colaborando diferentes jornais.

Por ventura a América do Sul, ela só, ficará estacionária nas idéias, quando o mundo inteiro marcha ao progresso e tende ao aperfeiçoamento moral e material da sociedade?

Ora! não pode ser. A sociedade do Rio de Janeiro principalmente, Corte e Capital do Império, Metrópole do Sul d'América, acolherá de certo com satisfação e simpatia O Jornal das Senhoras redigido por uma Senhora mesma: por uma americana que, senão possui talentos, pelo menos tem a vontade e o desejo de propagar a ilustração, e cooperar com todas as

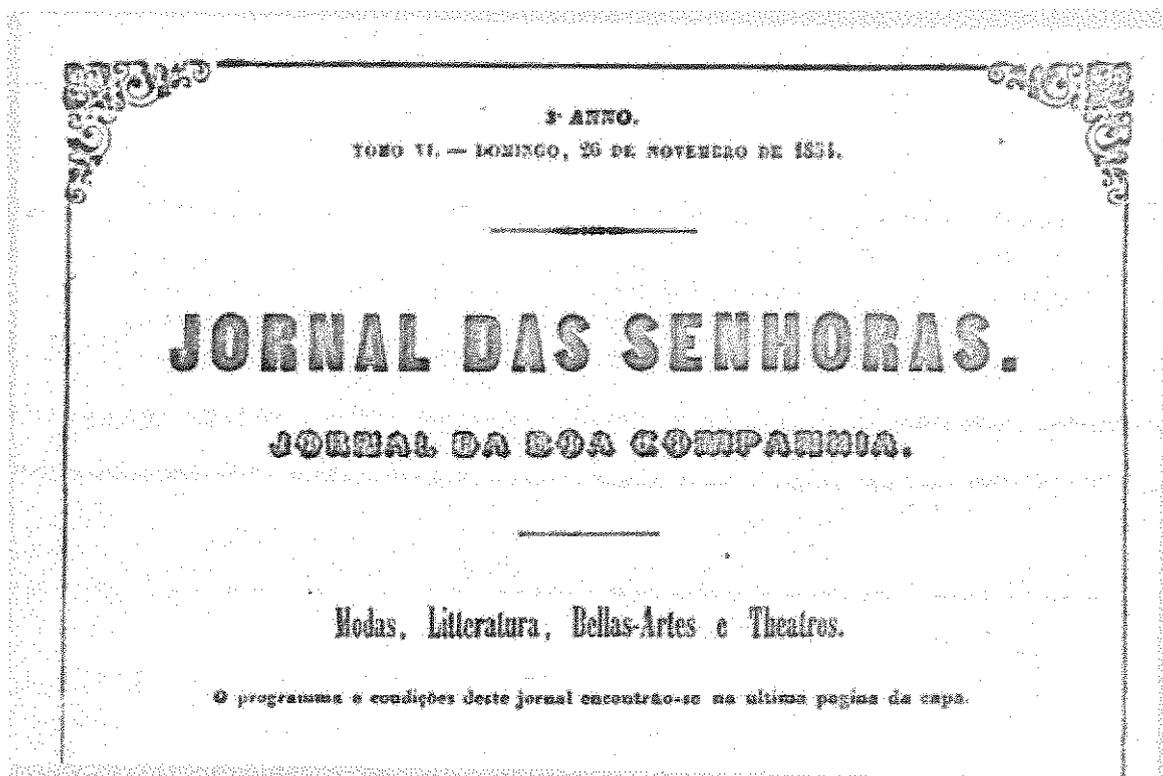
suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher.

Eis-nos pois em campanha; o estandarte da ilustração ondula gracioso à brisa perfumada dos Trópicos: acolhei-vos a ele, todas as que possuís uma faísca de inteligência, vinde. Confidente discreto das vossas produções literárias; elas serão publicadas debaixo do anônimo: porém não temais confiarmolas, nem temais dar expansão ao vosso pensamento; se o possuís é porque é dom da Divindade, e aquilo que Deus dá, os homens não podem roubar.

Por carta fechada à redação do Jornal podem dirigir-se todas as Senhoras que desejarem honrar as nossas páginas.

Feliz mil vezes se a minha dedicação alcançar a vossa cooperação.

Temos a satisfação de vos declarar que desde já somos coadjuvadas por uma nossa amiga, jovem inteligente e espirituosa a qual faz-nos o obséquio de encarregar-se especialmente do artigo de Modas, guardando para isso o mais rigoroso incógnito.<sup>28</sup>



Esses jornais femininos surgiam então como um canal de expressão das vocações literárias das mulheres, a leitora agora escreve, e um espaço garantido de preservação da vida privada através do anonimato: um confidente discreto das produções literárias dessas leitoras. Uma leitora anônima escrevia em 1852 para o **jornal das senhoras**:

“Minha querida amiga e redatora em chefe do - jornal das senhoras - Estou surpreendida do honroso convite que me fizestes! Eu, pobre de mim, que bem sabeis o quanto sou estouvada e leviana, metida agora a escrever artigos, e, não é

nada, artigos para serem publicados em letra redonda, coisa a que uma certa parenta minha tinha tanta aversão que lhe chamava - garatujas - é por certo horrível! arrepiam-me os cabelos!

O que escreverei eu? Está visto, um monte de coisas fofas sem rei nem roque!

Se me désseis licença ao menos para dar meu recado sem preâmbulos, como faz aí tanta gente boa, que não dá, mas passam recados com o desembaraço de quem bebe um copo d'água, ainda bem iria eu: principiava pelo penteado do figurino e acabava pelos sapatos, e depois ponto: estava tudo arranjado.

“Mas o tal preâmbulo que me pedis... como se eu fosse algum pregador que traz exórdios até nas pontas do lenço com que limpa o reverendíssimo suor, e então”...

Todo o meu receio está em não poder achar depois uma reviravolta, como fazem os homens, que me conduza o artigo, que quero escrever, ao ponto principal que são as molas; porque matéria vasta tenho eu: principiava, por exemplo, pelo coração dos homens...

Meu bom Deus, onde ia eu cair??? Nada, nada; era muito mal principiado. Isso é porta trancada com cautela e reserva, cuja guarda, alegre e risonha, não cessa de oferecer entrada franca a quem por sua infelicidade erra o caminho, e por lá quer passar; mudemos de rumo.

Para principiar rendendo homenagens a vossa coragem, minha querida Redatora, não me cabe essa fortuna; o que vos digo somente é que simpatizo com essa certeza e resolução dos espíritos elevados e das inteligências ilustradas. Quisestes redigir um jornal, fizeste-o, e com tanta facilidade como a que tendes fincado em vossos doces e cadentes versos; mas eu a quem Deus não deu miolo para tanto (o que vale é que ninguém sabe quem eu sou) vede lá a diferença:

Estou tremendo, suando e caindo de cansaço, como se tivesse caminhado a pé até a Tijuca, e por isso ainda não levantei da cadeira em que há boa meia hora estou sentada!

Esta educação! Esta educação! Pobre sexo feminino que tão mal tem sido compreendido!

Mas este meu medo, este meu suor copioso e este turbilhão de coisas, que quero dizer e não posso, o que mais é senão o efeito da incompleta educação que recebemos tão cheia de frestas ao fim do ano? Mas, que estou fora de ordem. Pois bem, então guardai segredo, que eu entro em ordem”.<sup>29</sup>

Configurava-se a relação de interdependência entre leitoras e redatoras. O equilíbrio elástico das tensões oscilava; somente a garantia do anonimato equilibraria um pouco a situação. “O que escreverei eu?” Um questionamento que, por si só, já conduzia ao conflito interior.

As leitoras acolhiam com satisfação e simpatia o diálogo através dos jornais desde que permanecessem no anonimato. Desta feita, o diálogo continuava através do jornal **belo sexo** em 1862.

“Requerimento de D...pedindo assinatura grátis do Belo Sexo que foi deferido.

Carta dirigida à redação; da Exma. Sra. D. C. de P. M.

Hoje mesmo recebi a carta em que V. Ex. lembrou-se de mim para uma de suas assinantes.

Infelizmente não posso agora receber tão alta prova de consideração, mas tão depressa desapareçam os graves incômodos de pessoa muito cara de minha família terei a honra de procurar V. Exa. para aceitar o seu favor”.<sup>30</sup>

O refúgio do anonimato ocorria não somente com a leitora comum. Escritoras como Currer Bell, George Eliot e George Sand também faziam uso desse refúgio. A este respeito, Virgínia Woolf(1985) analisa que foi o resquício do sentimento de castidade que ditou o anonimato às mulheres até mesmo no século XIX. Todas elas eram vítimas do conflito interno, como provam seus escritos, buscavam inutilmente esconder-se atrás de nomes de homem.<sup>31</sup>

Entretanto, o anonimato e os pseudônimos eram fartamente adotados também entre os escritores e leitores do século XIX. Por exemplo, Manuel Antônio de Almeida(1853) publicava em folhetim do correio mercantil as **memórias de um sargento de milícias** sob o pseudônimo de Um Brasileiro. José de Alencar (1865) lançava sem assinatura no folhetim do diário do Rio de Janeiro o romance **o guarani**. Machado de Assis, era outro exemplo disto; utilizava vários pseudônimos com os quais assinava suas crônicas nos jornais: Gil, Job, Dr. Semana, Manassés, Eliazar, Lélío e outros.

Neste sentido, a prática do anonimato continuava e o equilíbrio das tensões oscilava mais uma vez. Um leitor anônimo escrevia para o jornal **belo sexo**<sup>32</sup> em 1862:

“Tendo-me sido enviado o n. 2 do Belo Sexo chega hoje às minhas mãos o n.4; não é esse porém o motivo que me determina devolvê-los. Sou muito pensionado na minha profissão, e não tenho tempo para ler publicações nem mesmo de primeira ordem: mas ainda não seria este o motivo para me recusar a aceitar essa folha, se ela pudesse instruir o sexo, de que toma o nome ou título, e operar a reforma e a educação que se lhe tem dado. Mas agouro que não possa atingir a seus fins, porque me parece que sempre se há dizer o que já se tem dito com mais discrição; porque ninguém deixará de ter como incongruente que se insulte aqueles a quem se pretende levar uma convicção. A nossa organização social é que tem feito que a mulher não tenha tido outra educação. Queria que se me dissesse onde estão no sexo feminino esses luzeiros que ofuscam Lamartine, Victor Hugo, Camões, Garret, Dante, etc.,. Desculpe V. Exa. e queira dignar-se apresentar a minha escusa a Exma. Sra. presidente do Belo Sexo, ou a quem mais direito for

DE V. Ex. humilde criado.

J. S. da S”.

O diálogo estreitava-se; as leitoras, gradativamente, familiarizavam-se com o uso do jornal e não mais utilizavam-se do anonimato.

“Achando-se reunidas no salão as seguintes Sras.: D. Júlia, D. Adelaide, D. Ana, D. Maria, D. Carolina, D. Eulália, D. Thereza, D. Luíza, D. Romana, combinaram entre si reunirem-se uma vez por semana a fim de cada uma trazer para essas reuniões notícias para serem discutidas e impressas neste jornal *O belo sexo*. Depois de várias opiniões sobre essas reuniões concordaram em eleger uma presidente, uma secretária e uma substituta”.<sup>33</sup>

Os jornais incentivavam as mulheres a enviar seus textos para publicação com apelos sedutores como este do jornal *belo sexo*(1862):

“recebe qualquer artigo na forma de seu programa para publicar gratuitamente, sendo da pena de alguma senhora, e mediante retribuição razoável fora do caso. O ponto da redação para onde devem convergir os interessados em correspondência por escrito é na rua da Carioca n. 50”.<sup>34</sup>

Ou este:

“As pessoas que assinarem conjuntamente O Sexo Feminino e a Saison,<sup>35</sup> jornal de modas propriedade dos Srs. Lombaerts & Comp., obterão esta dupla assinatura por 20U000 anuais. Rua dos Ourives 7”.

O **jornal das senhoras**(1852) divulgava os seus atrativos:

“O primeiro número de cada mês vai acompanhado de um lindo figurino de mais bom tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundu ou tema modinha brasileira, romances franceses em música, moldes e riscos de bordados.

Subscreve-se para este jornal nas casas dos Srs. Wallerstein e c. n. 70, A E F. Desmarais M. 86, Mongie n. 87, rua do ouvidor; e na Tipografia Parisiense, rua nova do ouvidor, n.20.

Toda a correspondência é dirigida em carta fechada à redatora em chefe a qualquer das casas anunciadas”.<sup>36</sup>

A leitora D. Júlia d’Albuquerque Sandy Aguiar, incentivada pelo marido, o escritor J. B. da Costa Aguiar, criava seu próprio espaço de leitura e escrita. Tal formiguinha incansável tornava-se redatora do jornal **belo sexo** no ano de 1862. Pelas mãos do marido, entregava às leitoras do Rio de Janeiro essa folha.

“Aí vai o, nosso jornal, queridas amigas; e depois de ter ouvido os conselhos de meu marido, que tanto tem praticado na vida de escritor, peço-vos licença por instantes para cumprir com um dever de cortesia, para com todos os ilustres senhores redatores das folhas diárias e periódicas, e depois sereis convosco.

Senhores redatores. Eu sou a primeira que conheço o acanhamento de minha inteligência e instrução, e por isso a ousadia que tomo em apresentar em público esta folha, que por força será imperfeita em todos os lugares por onde a minha pobre pena tem de marcar o meu pensamento; mas eu só tenho em mente obrigar o meu sexo a vir a imprensa concorrer com o seu contingente para o progresso social e assim fazer com que se desenvolvam grandes inteligências, grandes capacidades que existem no meu sexo, olhados com pia indiferença, abandonados pelos homens de letras, esquecidos pela fraqueza de sua constituição própria.

Eu desejo que as minhas companheiras de sexo marquem na minha terra uma época de sua grandeza, ilustração e completo progresso; desejo que as minhas companheiras de colégio venham encontrar-se comigo neste labirinto da vida, e provar que os nossos pais, os nossos mestres, não desprenderam, nem trabalharam debalde.

Senhores redatores. Não deveis ser austeros para comigo, vós mesmo estais na obrigação de relevar a falta de minhas inabilitações, para bem escrever e melhor redigir uma folha, porque eu não trato senão de provocar os brios de nossas mães, esposas, irmãs, primas, cunhadas e mais parentes pertencentes ao meu sexo, para futuro orgulho dos pais, dos esposos, dos irmãos, dos parentes a fim de, cultivando as letras, concorrer para uma memória brilhante de seus filhos.

Dirigindo-lhe pois os meus respeitosos deveres de cortesia vou finalizar voltando às minhas companheiras de sexo. A essas senhoras que fazem honra ao nosso sexo, apenas pedirei que exerçam para comigo a benignidade do coração de que é capaz e natural em nós; a elas pertence esta folha; dignem-se pois cooperarem para a sua importância como fruto de suas inteligências, assinando-os sempre com os seus nomes.

Trabalhemos pois, porque nós temos a ambição de glória, e a maior glória, que podemos alcançar na terra, entre os homens, é tentarmos a competência com os trabalhos inteligentes de suas penas.

Nem um artigo será aceito nem publicado sem o nome do autor ou autora. A vida privada será para esta folha um santuário sagrado. Trabalho, coragem dentro dos limites da moral de pura essência é a conclusão deste programa”.<sup>37</sup>



# BELLO SEXO



**Periodico Religioso, de Instrucção e Recreio, Noticioso e Critico moderado**

**REDIGIDO POR VARIAS SENEORAS.**

CORTE.	REDACTORA EM CHEFE	FORA DA CORTE.
ANNO . . . . . 675000	D. Julia de Albuquerque Sandy Aguiar.	ANNO . . . . . 725000
SEMESTRE . . . 325000	RUA DA CARIOCA N. 50. LOJA.	SEMESTRE . . . 325000
AVULSO . . . . . 80		AVULSO . . . . . 100

---

**Vol. 1                      Quinta-feira 21 de Agosto de 1903                      N. 1**

Neste mesmo número do jornal **belo sexo**, o escritor J. B. da Costa Aguiar apresentava não apenas o novo espaço de leitura disponível, mas incentivava a nova escritora, sua esposa D. Júlia d'Albuquerque Sandy Aguiar, a caminhar na busca dos seus caminhos:

"Tendo por vezes encontrado em minha esposa propensões e dedicação para a vida publicista não trepidei em acabá-la de instruir na gramática nacional do pouco ou nada que aprendi, para deixá-la seguir nas suas mais caras esperanças.

O que trouxe a nossa afeição e depois a união foi a minha posição de escritor que embaíram-lhe as idéias até aos mais arreigados sentimentos do coração. Mais tarde abandonei, a seu

pesara, vida afanosa do publicista, porém fui de novo obrigado a abraçá-la como simples caixeiro gerente do periódico A Formiga.

Então minha esposa concebendo a idéia de apresentar-se um dia como escritora começou por apresentar-me uma folha com o título A Formiguinha onde li os seus desejos, e para onde coligi os martírios porque passou quando concebia um plano (pobre!) sem esperança de vê-lo realizado.

Propus-me incubir-me, na qualidade de gerente, de levar a efeito os seus sonhos, e com ela combinados oferecemos hoje ao público a sua folha O Belo Sexo. Limitar-me-ei a servir como mentor e conselheiro até que minha esposa adquirindo a prática necessária dispense-me essa tarefa.

Os literatos, os sábios, os críticos terão na devida consideração os primeiros ensaios da nova publicista; saberão respeitar a si próprios respeitando o sexo, e a posição da redatora como senhora casada, embora nunca por ter eu a felicidade de ser seu esposo.

Pedirei dos amigos, e dedicados afeiçoados a sua coadjuvação para este jornal, por ser ele redigido por quem me é cara como esposa e como mãe de meus filhos, e creio que mais uma vez dignar-se-hão ouvir o sempre grato

J. B. da Costa Aguiar.”

A redatora do jornal sexo feminino, Francisca Senhorinha da Motta Diniz, lutava pela educação feminina. Tratava-se da professora mineira que lançava inicialmente na cidade de Campanha, no Estado de Minas Gerais(1873) o seu jornal Sexo Feminino e em 1875 transferia esse jornal para o Rio de Janeiro. No editorial de 08 de agosto de 1875 essa redatora insistia na participação das leitoras.

“Quando nos impusemos o pesado encargo de redigir um periódico dedicado aos interesses da mulher nunca pensamos nos desempenhar desse árduo trabalho somente confiada em nossos esforços próprios; confiávamos e confiamos, esperávamos e ainda esperamos que em nosso auxílio acudiriam ilustres senhoras, que sem se apregoarem literatas, cultivam contudo e vantajosamente o jardim da literatura e principalmente a poesia.

Um apelo dirigimos ao nosso sexo, para que abandonem o indiferentismo que tem sido o maior perseguidor de todas as idéias novas.

Em relação aos homens já é tempo de se lhes dizer: leiam mais e escrevam menos; e realmente aí estão tantas bibliotecas servindo de pasto aos vermes!

Relativamente às mulheres, outro tanto não pode-se lhes dizer; elas têm indeclinável necessidade de ler e escrever muito,

esquecendo-se por algum tempo da toilette já assaz lida, perfeitamente entendida e completamente executada.

É tempo de que as senhoras saibam que a educação física produzirá a beleza; e a educação intelectual o saber; e pois, esta tríplice educação fará moças belas, virtuosas e sábias”.<sup>38</sup>

# O SEXO FEMININO

SEMANARIO DEDICADO AOS INTERESSES DA MULHER

<p><b>Assinaturas para corte</b></p> <p>POR ANNO..... 12\$000</p> <p>POR SEMESTRE..... 6\$000</p> <p>POR TRIMESTRE..... 3\$000</p> <p>Toda correspondência será dirigida a redacção D. FERNANDA BELLONA da Moura Delfino.</p> <p>PRIMEIRA EDIÇÃO A 10. OUTUBRO</p>		<p><b>É pelo interesse da mulher que a natureza escreve no coração do homem:</b></p> <p>Amor. Maria.</p> <p>Se querdes que os homens sejam sábios e justos; ensina a mulher a que a sabedoria e virtude.</p>	<p><b>Assinaturas para provincias</b></p> <p>POR ANNO..... 12\$000</p> <p>POR SEMESTRE..... 6\$000</p> <p>POR TRIMESTRE..... 3\$000</p> <p>As pessoas que desejarem receber o SEXO FEMININO e a SAIBO, jornal de todas as propriedades, Lemos e Comp. poderão obter de graça o primeiro por 30 dias apenas. Rua dos Ferrões 7</p>
--	--	--	---

Anno II

Rio de Janeiro, 10 de Outubro de 1875

N. 11

Se as mulheres do Rio de Janeiro tinham indeclinável necessidade de ler e escrever muito; se os homens precisavam ler mais e escrever menos, por este motivo o **jornal das senhoras** de 06 de agosto de 1852 registrava a crônica da quinzena escrita pela cronista D. Sra. Bellona, dirigida às queridas leitoras:

“Todas as vezes que tenho de escrever este palanfrório, tremo: depois rio-me. Tremo, por ser este trabalho um escabroso caminho de bicos, espinhos, tropeços e comprometimentos para nós cronistas que o temos de trilhar de quinze em quinze dias...Nós?! Nós , sim, Sra. D. Bellona; e por que não? Quem faz crônica é cronista: Disse-o ainda ontem em certa casa um mocetão, que, pelo muito que falou, pareceu-me grande falador.

Digam-me porém as minhas queridas leitoras, se eu fizesse a história do que tem particular e publicamente ocorrido nesta cidade, desde os restos do mês passado até hoje, o que não diria de bonito! de picante! Que de reclamações! Que gritaria contra a Bellona!...”<sup>39</sup>

O jornal **sexo feminino** de 10 de outubro de 1875 acusava o recebimento de uma brochura denominada **ramalhete de flores** escrita por uma leitora/escritora moradora em São Domingos de Niterói: a distinta patricia, D. Emília Augusta Gomide Penido.

“Sobremodo apreciando este mimo que se recomenda pelo título delicado e faceiro, muito agradecemos a preciosa oferta. Mais detidamente expressaremos nosso juízo sobre esse trabalho; porém desde já afirmamos que esse livro não é da classe dos que pervertem e sim convertem.

Pode a autora ter certeza de que seu livro há de ser admitido livremente no seio das famílias sem incorrer em censura”.<sup>40</sup>

Finalmente, o jornal **o futuro** em 1863, através da crônica de Machado de Assis, anunciava a representação do drama intitulado **Gabriela** escrito pela Sra. Dona Maria Ribeiro:

“Circunstâncias especialíssimas não me permitiram assistir a essa estréia, o que não importou nada a certos respeitos, visto que eu já conhecia a peça em questão. Dando sinceros parabéns à Sra. Dona Maria Ribeiro e à literatura nacional, conto e espero, como espera a segunda, novas e cada vez melhores irmãs de Gabriela”.<sup>41</sup>

O quinze de novembro do sexo feminino de 16 de dezembro de 1890 registrava no espaço dedicado ao folhetim a produção de uma outra leitora/escritora:

A **Diva Isabella** - romance original por D. Elisa Machado Coelho, capítulo XIII.

**O QUINZE DE NOVEMBRO**

**DO SEXO FEMININO**

PERIODICO QUINZENAL, LITTERARIO, RECREATIVO E NOTICIOSO  
**ESPECIALMENTE DEDICADO AOS INTERESSES DA MULHER**

Redacção proprietária, D. Francisca Soutinho de Mello  
 COLLABORADORAS, SUAS FILHAS E DIVERSAS SENHORAS  
 REDACÇÃO: RUA DO LAVRADIO N. 24

ASSIGNATURAS PARA A CAPITAL FEDERAL		E' por interesse de mulher que o interesse cresce na edição brasileira. Anna' Maria.	ASSIGNATURAS PARA OS ESTADOS	
Por anno..... 12000	Por trimestre... 3000		Por anno..... 12000	Por semestre... 6000
Por semestre... 6000	Por mes..... 1000		Por trimestre..... 3000	

**Anno III**                      **Capital Federal 16 de Junho de 1890**                      **Num. 18**

Ampliava-se o jogo das interações através dos jornais.

O sexo feminino(1872)reproduzia:

“Lê-se no Eco Bananalense de 2 de outubro corrente:

“Sexo Feminino. Recebemos com este título um lindo semanário, dedicado aos interesses da mulher, sendo redatora e proprietária D. Francisca Senhorinha da Motta Diniz. É com o mais vivo prazer que transportamos para as nossas colunas o seu artigo de fundo que com frases animadoras põe à disposição de todas as senhoras, tanto da Corte como das Províncias as páginas do seu interessante periódico” .<sup>42</sup>

Ou:

“Lê-se na Inspiração que se publica na capital do Rio grande do Norte:

O 15 de Novembro: é este o título de uma revista literária, recreativa, noticiosa e política que se publica quinzenalmente na Capital Federal, como órgão do sexo feminino. É redatora principal e também proprietária, a Exma Sra. D. Francisca Senhorinha da Motta Diniz, sendo suas filhas e mais senhoras colaboradoras. No número 20 do ano segundo que temos às mãos depara-se com bons artigos, lindo folhetim, contos elegantes, poesias chic. Pelo número que recebemos, muito agradecemos, prometendo enviar sempre a nossa modesta Inspiração” .<sup>43</sup>

Ou ainda:

“Começando hoje, daremos mensalmente um resumo das folhas recebidas, a fim de podermos reciprocamente fiscalizar a regularidade na permuta. A República, Reformador, Diário de Notícias, Goiás, Correio Oficial, A Luva, Brésil Republicain, Tribuna Comercial, O Charuto, Gazeta da Cristina, Voz do Povo e O Porvir. Do Sete de Março, Mercantil, Correio da Europa e Nova Era, apenas recebemos um número durante o mês”<sup>44</sup>.

Os jornais registravam as mudanças observadas nos hábitos de leituras. O florilegiozinho ao alcance das leitoras ultrapassava as fronteiras do Rio de Janeiro. Essas leitoras não mais precisavam do refúgio do anonimato, expunham-se publicamente e assinavam seus nomes nos jornais. Tanto é que, em 1874 a jovem Maria Augusta Generosa Estrela<sup>45</sup> deixava o Rio de Janeiro para estudar medicina nos Estados Unidos; juntava-se a ela, Josefa Águeda Felisbela Mercedes de Oliveira e publicavam na cidade de New York o periódico intitulado **a mulher**(1881). Nesse espaço, escreviam às leitoras brasileiras incentivando-as a saírem do indiferentismo:

“Com as mãos trêmulas pegamos na pena para discutir uma das mais delicadas matérias; a justificação de que a mulher é inteligente, e digna de grandes cometimentos.

Para justificar a nossa opinião escudamo-nos na história.

Queremos ver se podemos, autorizadas pela ciência e pela história, provar irrecusavelmente que os homens emitem uma opinião falsa, a fim de reconhecer que não falam diante de uma sociedade ignorante como presumem.

Se para os leitores vale alguma coisa a ciência, se a história é a mestra infalível da vida da humanidade, com elas faremos curvar a frente daqueles que pretendem negar a mulher as mesmas faculdades intelectuais que possui o homem; não obstante a sua pequena massa cerebral, não sendo somente apta, para ser mãe e para a cozinha.

E o que dirão os leitores quando apresentar-se-lhes os nomes dessas mulheres venerandas que abrilhantam a história das ciências especulativas e exatas?

Que são histórias de jornais para lisonjearem as mulheres; nós lhe diremos que a sua opinião é apenas para rebaixar o sexo feminino; causando espanto e horror que homens formados em medicina e outras ciências, cerrem as pálpebras a luz da civilização moderna, considerando a mulher um autômato incapaz de pensar, criar e decidir.

Quanto ao Brasil, país novo ainda, existem senhoras que podem competir com os homens mais sábios que possuímos, formando assim uma brilhante epopéia do sexo feminino, quanto mais nos Estados Unidos, país dotado por Deus para ser o berço da emancipação feminina. É verdade que o número das senhoras científicas, literatas e artistas, é menor do que o número dos homens; porém a razão está em que à mulher tem sido sempre negada a instrução superior, ao passo que ao homem se a facilita com profusão, a não ser esta desigualdade na educação, por certo que elas estariam ao par dos homens. Qual o homem que em literatura excedeu à Mme. George Sand?...

Fazemos votos para que a mulher brasileira procure emancipar-se, porque para o futuro os seus nomes serão gravados na História Brasileira em letras de ouro".<sup>46</sup>

# A MULHER

Periodico Illustrado de Litteratura e Bellas-Artes,

CONSAGRADO

aos interesses e direitos da

**MULHER BRAZILEIRA.**



REDACTORAS:

José A. P. M. de Oliveira. - - - Maria A. G. Estrella.

Anno I.

JANEIRO, 1881.

No. 1.



**New York.**

Typ. de E. Perez, 44 College Place.

Portanto, além de assinarem seus nomes nas suas produções, as leitoras ainda dedicavam-se a prática da medicina e estampavam as páginas dos jornais, renunciavam mudanças. o **álbum**(1893), jornal dirigido por Arthur de Azevedo, publicava o retrato e o esboço biográfico da ilustre brasileira:

“É filha legítima do major Joaquim Lopes de Vasconcelos e de D. Firmina Lopes de Vasconcelos, já falecida.

Nasceu a 23 de setembro de 1866, na capital do Rio Grande do Sul, e veio para a cidade do Rio de Janeiro em novembro de 1874.

Em 1880 matriculou-se na Escola Normal, de onde saiu no fim do ano seguinte com o diploma de professora, havendo ali obtido a nota de distinção em quase todos os exames que prestou.

Depois de ter estudado, sempre com aproveitamento, as matérias preparatórias, línguas e ciências, necessárias para a matrícula na Faculdade de Medicina, submeteu-se aos respectivos exames e, aprovada em todos eles, resolveu conquistar um diploma de doutora nessa Faculdade.

Dedicando-se no exercício da profissão médica, às especialidades mais compatíveis com o seu sexo, não tardou em ver-se procurada pela confiança das famílias, que se felicitam de poder chamar para o íntimo de seus lares, em momentos bem

críticos para as garantias da existência e bem melindrosos para as isenções de pudor, a quem há sabido corresponder cabalmente a essa confiança.

Nossos parabéns e reverências à ilustre brasileira, cujo retrato honra hoje a galeria do Álbum”.<sup>47</sup>



Dr. Ermelinda de Sá

A Doutora Ermelinda de Sá, essa jovem professora, “tentava fazer páreo com os homens na investigação científica ganhando louros só a eles até agora concedidos”, pois essa profissão, “exceto na parte cirúrgica, muito se coaduna com a índole da mulher” na opinião da escritora D. Ana Ribeiro de Góes Bettencourt.<sup>48</sup>

Percorrendo os caminhos tensos e tortuosos das leitoras na segunda metade do século XIX, chega-se a essa ilustre brasileira. As leitoras, na verdade, não só buscavam caminhos, mas abria-os. Não se limitavam apenas em ser mães de família e cultivar somente as leituras dos romances, mas também conquistavam diploma de médica e as páginas dos jornais.

### 3-A boa leitura

Percebe-se que, apesar das tensões e restrições que se configuravam nos caminhos das mulheres, os impressos já faziam parte do seu cotidiano no Rio de Janeiro. Apesar dessas conquistas, por exemplo, os espaços de leitura nos jornais, a escritora D. Ana Ribeiro de Góes Bettencourt(1885) alertava para o perigo dessas leituras de conteúdo duvidoso: os romances. Embora se saiba que, para se falar a respeito das leituras de romances, analisar o conteúdo dessas obras, a primeira condição é ser também leitora desses romances. A escritora (indignada?) escrevia:

”Muitos falam contra os romances como leitura prejudicial à mocidade e pouco proveitosa como fonte de conhecimento. Porém, apesar de quanto se tem dito, continuam eles a ser lido ainda pela maior parte daqueles que reconhecem sua pouca importância, e formam quase exclusivamente a biblioteca das senhoras que dedicam algumas horas à leitura, não se contentando em cuidar somente de modas e enfeites.

O que fazem portanto aquelas que não querem restringir-se à vida insípida e material de dona de casa? Pegam em um romance e procuram uma agradável distração enquanto o corpo descansa.

Infelizmente porém o que elas muitas vezes aí encontram, são perigosas teorias que matam os sãos princípios de moral que beberam nas sábias lições maternas; terríveis paradoxos, confirmados por fatos imaginários, que apresentando-se com os arrebiques dados por hábeis pincéis, e vistos à luz fantástica de uma imaginação exaltada, facilmente seduzem um espírito inexperiente.

Para a mulher moça, dotada de imaginação viva, existe verdadeiro perigo em certas leituras. Por isso alguns severos pais de família ainda se lembram de proibi-las às suas filhas, conseguindo apenas dar-lhes o sabor do fruto proibido.

Examinemos as obras de alguns romancistas mais populares.

Alexandre Dumas apresenta-nos em algumas das suas obras as grandes damas da antiga corte de França, de costumes tão livres que quase se aproximam das mulheres públicas; mas ao mesmo tempo dá a seus atos escandalosos tal colorido de nobreza, e por assim dizer de cavalheirismo que lhes disfarça muitas vezes a hediondez.

E. Sue vai ainda mais longe.

Determina em uma estranha teoria os casos em que o suicídio é permitido, e também inculca muitas idéias perniciosas contra a religião e a ordem social.

Ponson du Terrail, que tanto agrada pela fertilidade do enredo, apresenta-nos romanticamente ataviados certos tipos que nunca deverão servir de modelo a uma jovem de quem se pretende fazer uma virtuosa mãe de família.

Montepin e outros romancistas franceses erguem certas cortinas, levam-nos a certos lugares, onde jamais deverá entrar, mesmo pelo pensamento, uma menina recatada.

Os romances de Júlio Verne, que a princípio tanto agradaram pela originalidade, e que em nada ofendem a moral, hoje já não são lidos com o mesmo interesse, talvez porque os últimos são uma imitação dos primeiros. Também lhes falta o enredo amoroso, que é incontestavelmente o que mais desperta o interesse à mocidade.

Alencar, o nosso ameno romancista, que com sua poética linguagem tem patenteado a nossos olhos as belezas e magnificências das plagas brasileiras à luz de sua fecunda imaginação, é em geral um escritor decente; porém, quando descreve a vida selvagem faz-nos presenciar certas cenas um pouco desnudadas, e também cria alguns perfis de mulheres altivas e caprichosas, adornadas com auréola do espírito, que podem seduzir a uma jovem inexperiente, levando-a a querer imitar esses tipos inconvenientes na vida real.

Alexandre Herculano, cujas obras são o modelo de rica linguagem, tem idéias sãs, e a moral é por ele religiosamente

respeitada. Torna-se porém prejudicial pela veemência das paixões que empresta aos seus personagens, e leva a vingança e o ciúme ao mais alto grau.

Compete, portanto, às mães, encarregadas quase exclusivamente da educação das filhas; a elas, que com suas mãos hábeis e carinhosas moldam estes seres ternos, e moralmente falando, maleáveis como a cera, velar na escolha dos romances que as jovens gostam de ler.

Aí porém está a dificuldade.

Os romances morais e religiosos são pela maior parte escassos de enredos e de peripécias, e não agradam à mocidade ávida de fortes emoções. Haja vista, as obras do Abbade Bayle, de Ville-Franche, do Cardeal Wiseman, e outros aliás muito proveitosos por tratarem de história romana tão necessária a todo aquele que não quer ser taxado de completa ignorância. Demais estes autores preconizam o desprezo do luxo e das honras mundanas, e consideram a vida religiosa como a verdadeira perfeição.

Tais idéias estão deslocadas na vida atual.

Temos Escrich, e talvez outros, que podem ser lidos sem perigo; e conquanto alguns o acusem de imaginação, entendo que suas obras podem servir de passatempo moral e proveitoso às jovens senhoras.

É porém muito pouco, e querendo qualquer mãe de família proceder a uma escolha rigorosa, ficará a biblioteca de suas filhas reduzida a bem poucos romances que elas possam ler com gosto e proveito.

Cumpra, portanto, às mulheres, que conhecem mais do que os homens o coração feminino, fazer composições que não se ressintam dos inconvenientes que acima indiquei.

É verdade que muitas mulheres têm escrito romances bastante aplaudidos quando este gênero de literatura tinha grande aceitação; é porém incontestável que não tinham em mira instruir, nem moralizar a mocidade de seu sexo, e sim granjear um nome na literatura.

Escrevendo *A Filha de Jephthe* e o *Anjo do Perdão* procurei dar um impulso a este gênero de romance. Faltando-me porém as habilitações e o tempo, faço um apelo às minhas companheiras para que trilhem esta senda honrosa, onde terão a glória de concorrer para o engrandecimento do nosso sexo, ampliando-lhe a instrução e a moralidade, principais motores da sua completa reabilitação”.<sup>49</sup>

Percebe-se que a escritora D. Ana Ribeiro de Góes Bettencourt era uma leitora bastante informada. Apesar de apontar a leitura do romance como prejudicial à mocidade, mais especificamente às mulheres, mesmo assim essa leitora conhecia todos os romances que ela mesma execrava. Passeava pela literatura brasileira, portuguesa e francesa com bastante propriedade: Alexandre Dumas, Eugène Sue, Ponson du Terrail, Montepin, Alexandre Herculano e José de Alencar, na sua opinião, eram escritores cujas leituras seduziam as almas inexperientes das leitoras do século XIX. Os perfis de mulheres “altivas e caprichosas” criados por José de Alencar, uma alusão, talvez, aos romances **Diva(1864)** e **Lucíola(1862)**, eram prejudiciais também. Imagine! Se as leitoras quisessem imitar “esses tipos inconvenientes na vida real! Conclui-se, mais uma vez, que para se orientar leituras de romances a primeira condição é ser também **leitora** desses romances.

Joaquim Manuel de Macedo, por outro lado, indicava a boa leitura no seu livro **mulheres célebres(1878)**. Saliente-se que essa obra era adotada pelo Governo Imperial para a leitura nas escolas de instrução primária do sexo feminino do Município da Corte:

“É positivo que ao menos para as meninas de classe superior nas escolas de instrução pública primária há grande e muito sensível pobreza de livros de leitura que excitando interesse pela natureza de seus assuntos, sejam fontes de princípios morais, de lições de benemerências e de virtudes, e apropriados à inteligências já esclarecidas bastante para refletir sobre o que lêem, e conscienciosamente aceitar juízos e apreciações dos fatos, aliás ainda com o auxílio, e com a luz mais brilhante e profunda da professora.

O forte desejo de atingir esse último alvo levou-nos a escrever o livrinho, a que demos o título de *Mulheres Célebres*; porque nele oferecemos em sucintas notícias biográficas o estudo de algumas mulheres de celebridade histórica, de cada uma das quais nos esforçamos por fazer sobressair a lição moral que transpira das ações benemerentes, virtuosas ou heróicas, que ilustrarão sua vida”.<sup>50</sup>

Por outro lado ainda, no romance *a normalista*(1893), o professor Berredo ia delineando a boa leitura para as normalistas durante a aula:

“Decididamente era um talento, o Berredo! Tinha um excelente método de ensino, sabia atrair a atenção das alunas com descrições pitorescas e pilhérias encaixadas a jeito no fio do discurso...

- Eu estou certo, - Dizia o Berredo, convicto, - de que as senhoras não lêem livros obscenos, mas refiro-me a esses romances sentimentais que as moças geralmente gostam de ler, umas historiazinhas fúteis de amores galantes, que não significam absolutamente coisa alguma e só servem de transtornar o espírito às incautas... Aposto em como quase todas as senhoras conhecem a Dama das Camélias, a Lucíola...

Quase todas conheciam.

-Entretanto, rigorosamente, são péssimos exemplos...

-Tomou um gole d'água e continuando:

-Nada! As moças devem ler somente o grande Júlio Verne, o propagandista das ciências. Comprem a Viagem ao centro da terra, Os filhos do capitão Grant e tantos outros romances úteis, e encontrarão neles alta soma de ensinamentos valiosos, de conhecimentos práticos...”<sup>51</sup>

Se de um lado havia as indicações de leituras da escritora D. Ana Ribeiro de Góes Bettencourt, de Adolfo Caminha e Joaquim Manuel de Macedo, de outro lado os escritores representavam a figura paradigmática da leitora caçando em textos que não escreveu, nos romances:

**a normalista;**

“Maria lembrava-se de tudo.

Depois que saíra da Imaculada Conceição a vida não lhe era de todo má. Ora estava ao piano, ora saía a passear com a Lídia Campelo, de quem era muito amiga, amiga de escola, ora lia romances... Ultimamente Lídia dera-lhe a ler O Primo Basílio, recomendando muito cuidado: “que era um livro obsceno” lesse escondido e havia de gostar muito. - “Imagina um sujeito bilontra, uma espécie de José Pereira, sabes? O José Pereira da Província, sempre muito bem vestido, pastinhas, monóculo...”

-Não me contes, atalhou Maria, tomando o livro - quero eu mesmo ler... gostaste?

-Mas muito! Que linguagem, que observação, que rigor de crítica!... Tem um defeito - é escabroso demais.

-Onde, foste tu descobrir esta maravilha, criatura?

-É da mamãe. Vi-o na estante, pegue, li-o.

Maria folheou ao acaso aquela obra-prima, disposta a devorá-la. E, com efeito, leu-a de fio a pavio, página por página, linha por linha, palavra por palavra, devagar, demoradamente.

Uma noite o padrinho quase a surpreende no quarto, deitada com o romance aberto, à luz d'uma vela. Porque ela só lia o Primo Basílio à noite, no seu misterioso quartinho do meio da casa pegado à sala de jantar.

Que regalo todas aquelas cenas da vida burguesa! toda aquela complicada história do Paraíso!... A primeira entrevista de Basílio com Luiza causou-lhe uma sensação estranha, uma extraordinária superexcitação nervosa...e veio-lhe à mente o Zuza: se pudesse ter uma entrevista com o Zuza e fazer de Luiza...

Até aquela data só lera romances de José de Alencar, por uma espécie de bairrismo mal entendido, e a Consciência de Heitor Mallot publicada em folhetins na Província. A leitura do Primo Basílio despertou-lhe um interesse extraordinário.

-”Aquilo é que é um romance. A gente parece que está vendo as coisas, que está sentindo...

Terminada a leitura do último capítulo, Maria sentiu que não fossem dois volumes, três mesmo, muitos volumes...Gostara imensamente!

No dia seguinte, antes de ir à Escola Normal, Maria teve uma entrevista secreta com a amiga no quintal da viúva Campelo, que morava defronte do amanuense.

Lídia estava à fresca, cabelos soltos sobre a toalha felpuda aberta nos ombros, quando Maria apareceu.

- Bom vida, heim? Saudou esta. E logo triunfante: -  
Acabei o Primo Basílio!  
-Que tal?  
- Magnífico, sublime! Olha, vem cá...”<sup>52</sup>

### **Helena(1876)**

- “-Pensa que gastei toda a tarde em fazer crochet? Perguntou ela ao irmão, caminhando para a sala de jantar.  
-Não?  
-Não senhor, fiz um furto!  
-Um furto!  
-Fui procurar um livro na sua estante.  
-E que livro foi?  
-Um romance.  
-Paulo e Virgínia?  
-Manon Lescaut.  
-Oh! Exclamou Estácio. Esse livro...  
-Esquisito, não é? Quando percebi que o era, fechei-o e lá o pus outra vez.  
-Não é um livro para moças solteiras...

-Não creio mesmo que seja para moças casadas, replicou Helena rindo e sentando-se à mesa. Em todo caso, li apenas algumas páginas”.<sup>53</sup>

Fica-se sabendo que para se perceber se um livro é recomendável às moças solteiras ou casadas a primeira condição não é apenas folheá-lo...

#### 4- Outros caminhos

Se gradativamente os espaços de leitura se delimitavam, gradativamente também os espaços de escrita ganhavam força. A leitora escrevia cartas, produzia textos. No romance **o cortiço(1890)** Aluísio Azevedo representava a personagem **Pombinha** escrevendo...

“...numa pequena mesa, coberta por um pedaço de chita, com o tinteiro ao lado da caixinha de papel, a menina escrevia, enquanto o dono ou dona da carta ditava em voz alta o que queria mandar dizer à família ou algum mau devedor de roupa lavada. E ia lançando tudo no papel, apenas com algumas ligeiras modificações, para melhor, no modo de exprimir a idéia. Pronta uma carta, subscritava-a, entregava-a ao dono e chamava por outro, ficando à sós com um de cada vez, pois que nenhum deles queria dar o seu recado em presença de mais ninguém senão de Pombinha.

-Escreva lá, Nhan Pombinha! Disse junto dela um cavouqueiro, coçando a cabeça; mas faça letra grande, que é pra mulher entender! Diga-lhe que não lho tenho mando desta feita o dinheiro que me pediu, porque agora não no tenho e estou muito acochado de apertos; mas que lho prometo pro mês. Ela que se vá arranjanho por lá, que eu cá sabe Deus como me coço; e que,

se o Luís, o irmão, resolver de vir, que mo mande dizer com tempo, para ver se se lhe dá furo à vida por aqui.

E depois que Pombinha escreveu, acrescentou:

-Que eu tenho sentido muito a sua falta dela; mas também sou o mesmo e não me meto em porcarias e relaxamentos; e que tenciono mandar buscá-la, logo que Deus me ajude, e a Virgem!<sup>54</sup>.

A leitora-escritora Júlia Lopes de Almeida, nascida em 1862 na então província do Rio de Janeiro, narrava a João do Rio suas primeiras experiências com a escrita. Essa narrativa encontra-se na coletânea de entrevistas com escritores feitas por João do Rio e publicadas pela Garnier com o título **o momento literário**.

“...Em moça fazia versos. Ah! não imagina com que encanto. Era como um prazer proibido! Sentia ao mesmo tempo a delícia de os compor e o medo de que acabassem por descobri-los. Fechava-me no quarto, bem fechada, abria a secretaria, estendia pela alvura do papel uma porção de rimas. De repente, um susto. Alguém batia à porta. E eu, com a voz embargada, dando volta à chave da secretária: já vai! já vai!

A mim sempre me parecia que se viessem a saber desses versos em casa, viria o mundo abaixo. Um dia, porém, eu estava muito

entretida na composição de uma história, uma história em verso, com descrições e diálogos, quando senti por trás de mim uma voz alegre: - Peguei-te, menina! Estremeci, pus as duas mãos em cima do papel, num arranco de defesa, mas não me foi possível. Minha irmã, adejando triunfalmente a folha e rindo a perder, bradava: - Então a menina faz versos? Vou mostrá-los ao papá! Não mostres! É que mostro!

-Vais fazê-lo zangar comigo. Não sejas má! Ela ria, parecendo refletir. Depois deitou a correr pelo corredor. Segui-a comovidíssima.

Na sala o papá lia gravemente o Jornal do Comércio.

-Papá, a Júlia faz versos! - Não senhor, não lhe acredites nas falsidades! Pois se eu os tenho aqui. Olha, toma, lê tu mesmo...

Meu pai, muito sério, descansou o Jornal. Ah! Deus do céu, que emoção a minha! Tinha uma grande vontade de chorar, de pedir perdão, de dizer que nunca mais faria essas coisas feias, e ao mesmo tempo um vago desejo que o pai sorrisse e achasse bom. Ele, entretanto, severamente lia. Na sua face calma não havia traço de cólera ou de aprovação. Leu, tornou a ler.

A folha branca crescia nas suas mãos, tornava proporções gigantescas, as proporções de um grande muro onde a minha vida acabara a alegria...Então, que achas? o pai entregou os versos, pegou de novo o Jornal, sem uma palavra, e a casa voltou à quietude normal. Fiquei esmagada. Que fazer para

apagar aquele grande crime? No dia seguinte fomos ver a Gemma Cuniberti, lembra-se? Uma criança genial. Quando saímos do espetáculo, meu pai deu-me o seu braço. - Que achas da Gemma? - Um grande talento. - Imagina! O Castro pediu-me um artigo a respeito. Ando tão ocupado agora! Mas o homem insistiu, filha, insistiu tanto que não houve remédio. Disse-lhe: não faço eu, mas faz a Júlia...

Minha Nossa Senhora! Pus-me a tremer, a tremer muito. O pai, esse, estava impassível como se estivesse a dizer coisas naturais; - Estamos combinados, pois não? O prometido é devido. Fazes amanhã o artigo. Sei lá o que respondi! O certo é que não dormi toda a noite, nervosa, imaginando frases, o começo do artigo. Pela madrugada julgava impossível escrevê-lo, tudo parecia banal ou extravagante. Mas depois do almoço, antes de sair, o pai lembrou-me como se lembra a um escritor: Vê lá, Júlia, o artigo é para hoje. Tenho que o levar à noite. Havia um jornal que exigia o meu trabalho. Era como se o mundo se transformasse. Sentei-me. E escrevi assim o meu primeiro artigo.... Só mais tarde, muito mais tarde, é que vim a saber a doce invenção de meu pai. O Castro nunca exigira um artigo a respeito da Gemma.”<sup>55</sup>

Percebe-se, que a futura escritora vivia num ambiente onde o escrito circulava naturalmente. Por exemplo, seu pai, o professor e médico Dr. Valentim José da Silveira Lopes, lia gravemente o Jornal do Comércio quando recebia a notícia de que a Júlia fazia versos. O doce e comovente incentivo do pai para que escrevesse o seu primeiro artigo para o jornal é indício de uma leitora familiarizada com o escrito, num período em que não era de bom-tom uma moça dedicar-se à literatura. Mesmo assim, estreava na carreira das letras, graças ao ardil do seu pai. Nascia, então, a leitora-escritora que junto ao marido, o escritor português Filinto de Almeida, formavam um lar de artistas em fins da segunda metade do século XIX.

## 5-Uma tentativa de conclusão

Recolhendo e guardando os livros e os jornais que me permitiram analisar as práticas de leituras femininas, vem aquela sensação de despedida, de adeus. Afinal, eles foram meus companheiros durante longas madrugadas em São Paulo e em Natal. Ainda ecoam no apartamento e sobre a mesa do computador as vozes que ecoavam no século XIX e nesta investigação.

Não se sai mais a mesma pessoa depois de vasculhar todo esse passado! Não se sai mais a mesma depois de reconstruir todo esse percurso tenso, vivo e dinâmico que era a caminhada das mulheres no século XIX em busca do letramento!

Durante minha trajetória de pesquisadora, algumas vezes me excedi escrevendo longas citações porque julgo ter sido esta a forma mais correta de analisar as práticas de leituras femininas. Os textos dessas leitoras são tão ricos, tão elucidativos que não tive coragem de recortá-los completamente. Como exemplo, cito o texto de D. Ana Ribeiro de Góes Bettencourt, no qual essa escritora fala do perigo da leitura dos romances, os textos das leitoras buscando as leitoras nos jornais, e o comovente depoimento de Júlia Lopes de Almeida, quando fazia seus primeiros versos.

Assumo, portanto, a opção não só pela escolha da pesquisa e seu desenvolvimento, como também pela forma da escrita desta história.

Analisando esses textos, percebo que as leitoras/escritoras da segunda metade do século XIX não se contentavam em apenas enfeitar-se e cuidar

de modas, enfeites, tules, babados, moldes e riscos de bordados vindos de Paris; as leitoras do século XIX deliciavam-se com outros produtos chegados também de Paris pelo último Pacote: os livros! Com eles, as **amáveis leitoras, louras, morenas, faceiras, espirituosas, simpáticas**, deliciavam-se com a leitura de romances.

Que diria Rousseau se observasse essas amáveis e faceiras leitoras do século XIX lendo romances às escondidas no seu quarto à luz de velas ou candeeiro? Esse escritor considerava que não conhecia projeto mais insensato do que a leitura de romances para a juventude. E afirmava: “Uma moça honesta não lê livros de amor” através das cartas de dois amantes com o título **Júlia ou a nova Heloísa**. É começar por colocar fogo na casa para usar as mangueiras” completava Rousseau.<sup>56</sup>

No entanto, o irreversível caminho do fogo se deflagrava: a leitura de romances já fazia parte do cotidiano feminino no século XIX. Essas leituras representavam o máximo do perigo, uma vez que a sua prática propiciava às leitoras escaparem às contingências, às convenções através das viagens em torno de si mesmas: durante os serões, ou na intimidade do seu quarto.

A professora Maria Teresa Santos Cunha(1995) analisa, na sua Tese de Doutorado, as normas, condutas, valores nos romances de M. Delly, pseudônimo do casal de irmãos franceses La Rosière que viviam do final do século XIX até primeira metade deste. Esses romances, cujos títulos evocam figuras femininas como **Ondina, Elfrida, Magali, Mitsi**, eram bastante divulgados no Brasil durante o período de 1940/1960 através da coleção **Biblioteca das Moças**. Neles, as protagonistas liam livros essencialmente

religiosos ou de formação que instruíam e educavam em contraposição aos que seduziam ou vulgarizavam as jovens leitoras aí representadas. Um dos exemplos, citados pela referida professora, é o romance **o fim de uma valquíria**:

“Bóris ocupava-se da instrução da prima mediante livros que lhe enviava e pensava consigo enquanto os escolhia:

-Hei de fazer alguma coisa de Anita, que não há de ser uma mulher vulgar.”<sup>57</sup>

As representações do livro como companheiro da mulher e da leitura como prática solitária e coletiva são uma constante nos romances analisados tanto na investigação da professora Maria Teresa quanto nesta investigação.

As representações de leituras observadas no que se poderia chamar, neste texto, **a boa leitura**, liberavam (talvez) anseios reprimidos e ajudavam essas leitoras a desenvolver suas sensibilidades. Leituras que alimentavam sonhos e permitiam às leitoras imaginarem-se protagonistas do seu romance predileto. Por exemplo, Maria do Carmo, a normalista, lia **o primo Basílio** e imaginava se pudesse fazer com o Zuza, seu namorado, o mesmo que Luiza e Basílio faziam no romance...

Se o corpo fala, se a leitura implica em espaços, hábitos e gestos, nessas representações, as leitoras regalavam-se absortas com a leitura na intimidade de cada uma indiferentes às solicitações exteriores. Portanto,

essas representações são indícios de como se julgava que deveriam ser as leituras dessas jovens.

Ao mesmo tempo que existiam posições contraditórias nos textos analisados quanto ao que as jovens leitoras deviam ler, que os jornais sugeriam leituras delicadas como **o lírio branco** do escritor Luís Guimarães Júnior “cândido pela forma e pelo fundo” nas palavras de Machado de Assis, surgia **Lucíola** de José de Alencar que era surpreendida na leitura do romance **a dama das camélias**, esse “primor da escola realista”, e escondia-o sob as dobras do vestido. **Lucíola** era um romance pertencente ao elenco das leituras perturbadoras, que incitavam as incautas donzelas a imitarem as mulheres que aí estão representadas.

A escritora D. Ana Ribeiro de Góes Bettencourt(1885), através do **novo almanaque de lembranças luso-brasileiro**, alertava as senhoras brasileiras e portuguesas para o perigo dessas leituras que exaltavam a imaginação e sugeria a leitura de romances morais e religiosos que preconizavam o desprezo do luxo e das honras mundanas.

Será que essas jovens liam os romances **a filha de Jephthe e o anjo do perdão** da referida escritora? Ou preferiam os romances de Alencar, “nosso ameno romancista”, que, no entanto, criava certos perfis de mulheres altivas e caprichosas? Entre a leitura dos romances **Paulo e Virgínia** do escritor Bernardin de Saint-Pierre e **Manon Lescaut** (livro não apropriado às moças solteiras) do Abade de Prévost, qual dessas leituras escolheriam?

Por outro lado, o professor Berredo, personagem de Adolfo Caminha no romance **a normalista**, classificava **Lucíola e a dama das camélias**

como historiazinhas de amores galantes e fúteis que só servem para transtornar o espírito das jovens. Apesar dessa sua advertência, quase todas as normalistas conheciam esses livros. Não tinha mais volta! Em lugar dessas “historiazinhas” o professor Berredo aconselhava os livros de Júlio Verne, como **os filhos do capitão Grant e a viagem ao centro da terra** apesar de D. Ana Ribeiro não indicá-los porque faltavam neles o enredo amoroso embora não ofendam a moral...

Enquanto ocorriam essas indicações de leitura, Adolfo Caminha representava as leituras clandestinas. A normalista Lídia Campelo encontrava na estante da mãe **o primo Basílio**, “esta maravilha” conforme a fala de Maria do Carmo. Entre sussurros falavam secretamente do romance, da entrevista de Luiza com Basílio...

Se qualquer chefe de família procedesse a uma escolha rigorosa na biblioteca das mães, como queria D. Ana Ribeiro que se fizesse na de suas filhas, que redução sofreriam os livros que se pudessem ler com gosto e proveito?

As leitoras calculavam muito bem as suas operações de caça no lugar do outro. Se já na primeira metade do século XIX, utilizavam, em lugar da escrita, uma combinação simbólica das diferentes flores nas suas correspondências amorosas; se recebiam uma educação na qual proibia-se não somente a leitura de romances e ainda preservavam-nas de qualquer contato com os homens, nas palavras de Moritz Lamberg(1887), mesmo assim criavam seus próprios espaços de leitura e de escrita na segunda metade do século XIX. Conquistavam espaço aqui, perdiam mais adiante,

atacavam, criavam surpresas, apesar de um leitor anônimo perguntar, através do jornal **belo sexo** em 1862, “onde estão no sexo feminino esses luzeiros que ofuscam Lamartine, Victor Hugo, Camões, Garret, Dante, etc,.”

No entanto, “ora pois uma mulher à testa da redação de um jornal! Que bicho de sete cabeças será?” indagava-se a redatora do **jornal das senhoras** em 1852.

Se inicialmente utilizavam-se do anonimato e do apoio dos seus maridos para redigirem jornais até que, “adquirindo a prática necessária” dispensasse-os dessa tarefa, e apavoravam-se ante a idéia de escrever nos jornais - “O que escreverei eu? Está visto um monte de coisas fofas sem rei nem roque”..., mesmo assim, gradativamente perdiam esse medo e expunham-se publicamente.

A distinta patricia D. Emília Augusta Gomide Penido, moradora em São Domingos de Niterói, escrevia o livro **ramalhete de flores** que não é da classe dos “que pevertem e sim convertem” podendo circular livremente no seio das famílias. D. Eliza Machado Coelho assinava, para o folhetim do jornal, o romance **a Diva Isabella**. E ainda dialogavam entre as leitoras de outras cidades do Brasil e de outros países. De Nova York as estudantes brasileiras Josefa A. F. M. de Oliveira e Maria A. G. Estrella escreviam, “com as mãos trêmulas” para as suas patricias, autorizadas pela ciência e pela história.

As táticas das leitoras do século XIX evidenciavam maneiras diferentes de convivência com os códigos de moral estabelecidos no século XIX: não apenas escreviam, mas também liam romances proibidos. Se o

papel da mulher era velar pela ordem da família, a sociedade não estaria em perigo com essas práticas clandestinas? As gerações futuras não estariam comprometidas moralmente uma vez que compete às mães velar na escolha da leitura dos romances das suas filhas?

Através dessas e com essas práticas, as leitoras do século XIX apropriavam-se de maneiras diferenciadas dos impressos que circulavam, nos jornais e nos livros, e marcavam as representações dessa sociedade na busca do letramento.

Mesmo assim, as tensões nos seus caminhos de leitoras-escritoras continuavam. Escrever era sinônimo de tensão e segredo guardado a sete chaves, no seu espaço privado, como prova o depoimento da escritora Júlia Lopes de Almeida ao falar das suas incursões no mundo da escrita; o quarto, a secretária, a alvura do papel e a chave representavam os símbolos dessa privacidade. Representava privacidade também a personagem **Pombinha**, no romance **o cortiço**(1890), permanecer à sós com o cavouqueiro enquanto esse lhe ditava a carta. Como ditar uma carta na presença de outras pessoas além da escrivã?

Leitura silenciosa, à luz de vela ou de candeeiro, afastada dos serões de família, era outro símbolo de privacidade capaz de permitir certas audácias, antes interditas, como as leituras clandestinas de Lídia Campelo e Maria do Carmo, as normalistas. Leituras clandestinas, “escabrosas demais”, como o romance **o primo Basílio**, tinham que ser degustadas lentamente para se sentir todas as emoções que o texto propiciava. Leituras “escabrosas demais”, esse hábito estaria esquecido? Ler em silêncio à luz do lampião de

azeite é um desnudamento privado. Quem não tem medo da nudez do espírito no espaço público?

Num país onde “os tipos ainda não animam as penas”, nas palavras dos redatores do jornal **a violeta fluminense**, havia a preocupação de que as mulheres abandonassem o indiferentismo e fizessem aparecer entre nós algumas Stäel, George Sand, Sevigné etc.

Se a poligrafia era a característica da segunda metade do século XIX; se todos os “belos espíritos” que vão chegando fossem empolgados por essa máquina que multiplica o trabalho, era justificável a afirmação das redatoras dos jornais femininos de que as mulheres tinham indeclinável necessidade não só de ler mas também de escrever bastante.

Um colaborador anônimo d’ **o sexo feminino** em 15 de novembro de 1873 falava às amáveis patricias que não bastava somente que lessem, “é necessário também que o vosso espírito produza, escreva e publique os vossos pensamentos, que certamente devem ser poéticos e sublimes”. Sem dúvida, este era um convite para a escrita pública. Mas, entendendo que escrever é um desnudamento, é um despojar da alma, indago: como essas leitoras poderiam escrever nos serões do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX? E como poderiam praticar, nesses espaços coletivos, a leitura que as seduzia e instigava sua curiosidade? E os olhares em volta? E a censura prévia dos familiares? E as conversas paralelas em torno de assuntos outros, alheios ao que, provavelmente, turbilhonavam a imaginação das leitoras do século XIX?

O resultado dessa vigilância provocava ou um assujeitamento ou a explosão do sol... Nesses textos analisados encontra-se a explosão do sol espalhando faíscas que ainda cintilam em livros e jornais e por sua vez tornam-se objeto desta investigação. Retomando Michel de Certeau, conclui-se que as andanças das leitoras através dos textos por elas escritos ou não, estão ainda, em boa parte, a espera de serem relatadas. História das práticas de leituras femininas: história de paradoxos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - 2ª PARTE

- <sup>1</sup> SUSSEKIND, Flora. **As revistas de ano e a invenção do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p.15.
- <sup>2</sup> MACEDO, J. Manuel de. **A moreninha**. 23 ed. São Paulo: Ática, 1993. p.93.
- <sup>3</sup> VIALA, Alain. **Naissance de l'écrivain**. Paris: Minuit, 1985. p. 132-133.
- <sup>4</sup> PINHO, Wanderley. **Salões e damas do Segundo Reinado**. 4 ed. São Paulo: Martins, 1942.
- <sup>5</sup> VIALA, Alain. **Naissance de l'écrivain**, op. cit., p. 137.
- <sup>6</sup> PINHO, Wanderley, op. cit., p.7.
- <sup>7</sup> VIALA, Alain, op. cit., p. 135.
- <sup>8</sup> ALENCAR, José de. **Senhora**, op. cit., p.151-152.
- <sup>9</sup> *Ibid.*, p.152.
- <sup>10</sup> GUIMARÃES, Bernardo. **O seminarista**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1973. p.19.
- <sup>11</sup> ALENCAR, José de. **Lucíola**. Rio de Janeiro: Garnier, p.61.
- <sup>12</sup> AZEVEDO, Aluisio. **Girândola de amores** (já publicado com o título Mistérios da Tijuca: Literatura dos Vinte Anos). Rio de Janeiro: Garnier, p.242.
- <sup>13</sup> \_\_\_\_\_. **Uma lágrima de mulher**. São Paulo: Martins, p. 18-19-20.
- <sup>14</sup> ASSIS, Machado de. **A mão e a luva**. Rio de Janeiro: Garnier, p. 83-84.
- <sup>15</sup> ALENCAR, José de. "Como e porque sou romancista". In: **plano das obras de ficção de José de Alencar**, op. cit., p.54-55-56.
- <sup>16</sup> ASSIS, Machado de. **A mão e a luva**, op. cit., p.26-27.
- <sup>17</sup> ALENCAR, José de. **Lucíola**. op. cit., p.18-184.
- <sup>18</sup> \_\_\_\_\_. **Senhora**. op. cit., p.45.
- <sup>19</sup> ASSIS, Machado de. **Helena**. São Paulo: Formar, p.17.
- <sup>20</sup> ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Tradução por Maria Luísa R. Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1970.
- <sup>21</sup> *Ibid.*, p.141-142.
- <sup>22</sup> *Ibid.*, p.142.
- <sup>23</sup> DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. Tradução por Sérgio Milliet. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1972. v. 3. t. 2. p. 17.
- <sup>24</sup> EXPILLY, Charles. In: Leite, Míriam Moreira (Org.). **A condição feminina no Rio de Janeiro: Século XIX**. Antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo: EDUSP, 1993. p.73.
- <sup>25</sup> AGASSIZ, In: **A condição feminina no Rio de Janeiro-Século XIX**, op.,cit. p. 74-75.
- <sup>26</sup> LAMBERG, In: **A condição feminina no Rio de Janeiro-Século XIX**, op., cit. p.85-87.
- <sup>27</sup> EXPILLY, Charles. **Mulheres e costumes do Brasil**. Tradução por Gastão Peralva. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1935. p.401.
- <sup>28</sup> **O jornal das senhoras**. Rio de Janeiro: 1 jan. 1852. p.1.
- <sup>29</sup> *Ibid.* p.2.
- <sup>30</sup> **belo sexo**. Rio de Janeiro: 28 set. 1862. p.1.
- <sup>31</sup> WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Tradução por Vera Ribeiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 66.
- <sup>32</sup> **belo sexo**. Rio de Janeiro: 28 set. 1862. p.1.
- <sup>33</sup> *Ibid.* 21 ago. 1862. p.2.
- <sup>34</sup> *Ibid.* 28.set. 1862.
- <sup>35</sup> **o sexo feminino**. 10 out. 1875. Rio de Janeiro: Lombaerts & Comp., 1875.
- <sup>36</sup> **O jornal das senhoras**. Rio de Janeiro, 1 jan. 1852. p.8.
- <sup>37</sup> **belo sexo**. Rio de Janeiro, 21 ago. 1862. p.1.

- 
- <sup>38</sup> **o sexo feminino**. Rio de Janeiro, 8 ago. 1875.
- <sup>39</sup> **o jornal das senhoras**. Rio de Janeiro, 6 ago. 1852. p.47.
- <sup>40</sup> **o sexo feminino**. Rio de Janeiro, 10 out. 1875. p.2
- <sup>41</sup> ASSIS, Machado de. **O futuro (1862-1863)**, op. cit., 15 mar. 1863. p. 436.
- <sup>42</sup> **o sexo feminino**. Rio de Janeiro, 10 out. 1875.
- <sup>43</sup> **o quinze de novembro do sexo feminino**. Rio de Janeiro, 6 dez. 1890. p.2
- <sup>44</sup> *Ibid.* 16 jul. 1890.
- <sup>45</sup> HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas:1850 -1937**. Tradução por Maria Thereza P. de Almeida e Heitor Ferreira da Costa. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- <sup>46</sup> **a mulher**. New York: jan de 1881. Ano I. n. 1, p.2
- <sup>47</sup> **o álbum**. Rio de Janeiro: abr. 1893. Ano I. n. 13, p.113-114.
- <sup>48</sup> BETTENCOURT, D. Ana Ribeiro de Góes. **O Romance - Às Senhoras Portuguesas e Brasileiras**, op., cit., 1885.
- <sup>49</sup> *Ibid.*, p. 67-72.
- <sup>50</sup> MACEDO, J. Manuel de. **Mulheres célebres** ( obra adotada pelo governo imperial para a leitura nas escolas de instrução primária do sexo feminino do Município da Corte). 1 ed. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1878. p. 19.
- <sup>51</sup> CAMINHA, Adolfo. **A normalista**. 10 ed. São Paulo: Ática, 1994. p.50.
- <sup>52</sup> *Ibid.* p. 23-24-25.
- <sup>53</sup> ASSIS, Machado de. **Helena**, op. cit., p. 26.
- <sup>54</sup> AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. São Paulo: Martins p. 73.
- <sup>55</sup> ALMEIDA, Júlia Lopes de. Um lar de artistas. In: RIO, João do (João Paulo Emílio Cristovão dos Santos Coelho Barreto).**o momento Literário**.Rio de Janeiro: H.Garnier, p.23-24-25.
- <sup>56</sup> ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Júlia ou a nova Heloísa**. Cartas de dois amantes habitantes de uma cidadezinha ao pé dos Alpes.Tradução por Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Hucitec,1994. p.36
- <sup>57</sup> CUNHA, Maria Teresa Santos. **Educação e sedução: normas, condutas, valores, nos romances de M. Dely**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, Tese de Doutorado, 1995, p.150.

## BIBLIOGRAFIA

### 1. LIVROS:

- ALENCAR, José de. **Cinco minutos - a viuvinha**. Rio de Janeiro: Garnier.
- \_\_\_\_\_. **Lucíola**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier.
- \_\_\_\_\_. Guarani. Precedido de “como e porque sou romancista”. In: **plano das obras de ficção de José de Alencar**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951. T. 1 e 2.
- \_\_\_\_\_. **Senhora**. (Cotejado com a edição original, B. L. Garnier, Rio de Janeiro, 1875) 17 ed. São Paulo: Ática, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Ubirajara**. Rio de Janeiro: Garnier.
- ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um sargento de milícias**. São Paulo: Martins Fontes.
- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **História da instrução pública no Brasil (1500-1889)**. Tradução por Antônio Chizzotti. São Paulo: EDUSP, Brasília, INEP/MEC, 1989.
- ALMEIDA, Júlia Lopes de. Um lar de artistas. In: RIO, João do (Org.). **o momento literário**. Rio de Janeiro: H. Garnier.
- ARAÚJO, Rosa M. Barboza de. **A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- ASSIS, Machado de. **A mão e a luva**. Rio de Janeiro: Garnier.
- \_\_\_\_\_. **Helena**. São Paulo: Formar.
- \_\_\_\_\_. **A semana (1892-1893)**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson INC. 1953, 1. v.

- ASSIS, Machado de. **Contos e crônicas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.
- \_\_\_\_\_. **Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.
- \_\_\_\_\_. **Crônicas (1864-1867)**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson INC. 1938. 4v.
- \_\_\_\_\_. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1902.
- \_\_\_\_\_. **Quincas Borba**. 12 ed., São Paulo: Ática, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Ressurreição**. Rio de Janeiro: Garnier.
- AZEVEDO, Aluísio. **Girândola de amores** (já publicado com o título *Mistérios da Tijuca: literatura dos vinte anos*). Rio de Janeiro: Garnier.
- \_\_\_\_\_. **O cortiço**. São Paulo: Martins.
- \_\_\_\_\_. **Uma lágrima de mulher**. São Paulo: Martins.
- AZEVEDO, Artur. **O tribofe: revista fluminense do ano de 1891**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Questões de literatura e de estética**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BASBAUM, Leôncio. **História sincera da república**. Das Origens até 1889. 4 ed., São Paulo: Alfa-Omega, 1982. 4v.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política**. Tradução por Sérgio Paulo Rouanet. 4 ed., São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1970.

- BOURDIEU, Pierre. Comprendre les pratiques culturelles. In: CHARTIER, Roger (Org.). **pratiques de la lecture**. Paris: Rivages, 1985.
- \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Tradução por Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. Tradução por Cássia R. da Silva e Denise Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Les règles de l' art**. Genèse et structure du champ littéraire. Paris: Seuil, Sept. 1992.
- BRESCIANI, Stella (Org.). **Imagens da cidade: século XIX**. São Paulo: Marco Zero/FAPESP 1994.
- BROCA, Brito. **Escrita e vivência**. São Paulo: UNICAMP, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Horas de leitura**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.
- CAMINHA, Adolfo. **A normalista**. 10., ed. São Paulo: Ática, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Cartas literárias**. Rio de Janeiro: 1895.
- CÂNDIDO, Antônio. O escritor e o público. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **a literatura No Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Americana S.A. 1968. v. 1.
- CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- \_\_\_\_\_. **A formação das almas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução por Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- \_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano**. Tradução por Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

- CHARTIER, Roger. Du Livre Au Lire. In: CHARTIER, Roger (Org.). **pratiques de la lecture**. Paris: Rivages, 1985.
- \_\_\_\_\_. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução por Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.
- \_\_\_\_\_. As práticas da escrita. In: CHARTIER, Roger (Org). **história da vida privada**. Tradução por Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 3.
- \_\_\_\_\_. **A ordem dos livros**. Tradução por Mary Del Priore. Brasília: Universidade de Brasília, 1994a.
- \_\_\_\_\_. George Dandin, ou le social en représentation. **Annales**, Paris, n. 2, p. 271- 499, mars-avr. 1994b.
- \_\_\_\_\_. **L'histoire aujourd'hui: doutes, defis, propositions**. (palestra proferida durante o seminário **História das Práticas Culturais**, em Campinas/SP, 17.08.1994-UNICAMP).
- CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote de la Mancha**. Tradução por Almir de Andrade e Milton Amado. 2 ed. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1954.
- \_\_\_\_\_. **D. Quixote de la Mancha**. Tradução por António Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro: W.M. Jackson INC. 1956.
- CONCEIÇÃO, F. Os livros e a tarifa das alfândegas. **revista brasileira**. Rio de Janeiro: N. Midosi (25).1(1): 607-610. junho, 1879.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. **Educação e sedução: normas, condutas, valores, nos romances de M. Delly**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, Tese de Doutorado, 1995.

- DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (Org.). **a escrita da história**. Tradução por Magda Lopes. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992.
- DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. Tradução por Sérgio Milliet. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1972, v.3.t.2.
- ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Tradução por Maria Luísa Ribeiro Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1970.
- \_\_\_\_\_. **O processo civilizador**. Uma história de costumes. Tradução por Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar 1990.
- EXPILLY, Charles. **Mulheres e costumes do Brasil**. Tradução por Gastão Peralva. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução por António Ramos Rosa. Lisboa: Portugalia, 1966.
- FRAISSE, Geneviève, PERROT, Michelle (Org.). O século XIX. Tradução por Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. In: DUBY, Georges, PERROT, Michelle (Org.). **história das mulheres no ocidente**. Porto: Afrontamento, 1991. 5 v.
- FREIRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**. 1 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936. v. I -II.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Escola e cotidiano: uma história da educação a partir da obra de José Lins do Rego (1890-1920)**. Universidade Federal de Minas Gerais, tese de Mestrado, 1994.

- GONDIM, Eunice Ribeiro. **Vida e obra de Paula Brito**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1965.
- GOULEMOT, Jean Marie. De la lecture comme production de sens. In: CHARTIER, Roger (Org.). **pratiques de la lecture**. Paris: Rivages, 1985.
- GUIMARÃES, Bernardo. **O seminarista**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1973.
- HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850 -1937**. Tradução por Maria Thereza P. de Almeida e Heitor Ferreira da Costa. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. Tradução por Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: EDUSP, 1985.
- KATZENSTEIN, Úrsula E. **A origem do livro: da Idade da Pedra ao advento da impressão tipográfica no Ocidente**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- LEITE, Míriam Moreira (Org.). **A condição feminina no Rio de Janeiro - século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros**. São Paulo: Hucitec/EDUSP 1993.
- MACEDO, J. Manuel de. **Mulheres célebres** (obra adotada pelo governo imperial para a leitura nas escolas de instrução primária do sexo feminino do município da Corte). 1 ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1878.
- \_\_\_\_\_. **Memórias da rua do ouvidor**. Brasília: UNB, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Zélio Valverde.
- \_\_\_\_\_. **A moreninha**. 23 ed. São Paulo: Ática, 1993.

- MOLIERE, 1622-1673. **L' école des femmes**. Comédie. Texte conforme a l'édition des grands écrivains de la France. Paris: Hachette, 1951.
- \_\_\_\_\_.1622-1673. **Escola de mulheres**. Tradução por Millor Fernandes. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- MONTAIGNE. **Ensaio**s. Tradução por Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural e Industrial, 1972. Liv. III, cap. XIII.
- MOYSÉS, Sarita M. Affonso. **Entre-tempos: alfabetização e escravidão**. Campinas: Faculdade de Educação, 1992. Tese de Livre-Docência.
- \_\_\_\_\_.Literatura e história: imagens de leitura e de leitores no Brasil no século XIX. In: **revista brasileira de educação**. São Paulo, n. 0, p. 53-61. set./out./nov./dez. 1995.
- MORAIS, Rubens Borba. **O bibliófilo aprendiz**. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.
- NABOKOV, Vladimir. **Lolita**. Tradução por Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**. Tradução por Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PINHO, Wanderley. **Salões e damas do Segundo Reinado**. 4 ed. São Paulo: Martins, 1942.
- POMPÉIA, Raul. **O atheneu** (Conforme os originais e os desenhos deixados pelo autor). 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- PROUST, Marcel. **Sobre a leitura**. Tradução por Carlos Vogt. São Paulo: Pontes, 1989.

- RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**: a canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristovão Rilke. Tradução por Paulo Rónai/Cecília Meireles. 20 ed. São Paulo: Globo, 1994.
- RIZZINI, Carlos. **O livro, o jornal, e a tipografia no Brasil (1500-1822)**. ed. fac. similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.
- RIO, João do. [João Paulo Emílio Cristovão dos Santos Coelho Barreto]. **O momento literário**. Rio de Janeiro: H. Garnier.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Júlia ou a nova Heloísa**. Cartas de dois amantes habitantes de uma cidadezinha ao pé dos Alpes. Tradução por Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Hucitec, 1994. p.35.
- SENNA, Ernesto. **O velho comércio do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garnier, 1915?
- SUSSEKIND, Flora. **As revistas de ano e a invenção do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.
- \_\_\_\_\_. **O Brasil não é longe daqui**: o narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- TAUNNAY, Visconde de. **Reminiscências**. 2 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1923.
- VIALA, Alain. **Naissance de l' écrivain**. Paris: Minuit, 1985.
- VERÍSSIMO, José. **A educação nacional**. 3 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. Tradução por Alípio Correia de França Neto. São Paulo: EDUSP, 1994.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Tradução por Vera Ribeiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985.

ZOLA, Émile. **Nana**. Tradução por Carlos Loures. Rio de Janeiro: Publicações Europa-América, 1973.

## 2. Jornais e Revistas

**A saudade** (periódico literário). Rio de Janeiro: Tipografia de Pinheiro & Comp., 1861. n.06.

**Belo sexo** (periódico religioso, de instrução e recreio, noticioso e crítico moderado), redigido por várias senhoras. Rio de Janeiro: Tipografia Popular, 21 ago. 28 set. 1862. n. 16.

Folhetim do novo gabinete de leitura. In: **novelística brasileiro ou armazém de novelas escolhidas**. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1851.

**Folhinha palpitante para o ano bissexto de 1872**. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1872.

**Folhinha Laemmert para o ano de 1886**. Contendo a crônica nacional e universal e informações úteis e interessantes. Rio de Janeiro: Casa dos Editores Laemmert e C., 1886, catálogo n.4.

**Marmota na Corte**: Jornal de modas e variedades. Rio de Janeiro: Tipografia da empresa dois de dezembro, 1852.

**Novo almanaque de lembranças luso-brasileiro para o ano de 1886**. Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1885.

**O álbum.** (publica-se todas as semanas em dias indeterminados).

Diretor: Artur de Azevedo. Rio de Janeiro, abril 1983, Ano I. n.13.

**O futuro(1862-1863):** periódico literário colaborado por vários autores brasileiros e portugueses. Rio de Janeiro: Tipografia de Brito e Braga.

**O quinze de novembro do sexo feminino.** ( Especialmente dedicado aos interesses da mulher). Rio de Janeiro, 1890.

**O tipógrafo:** 1(6), 5 de dezembro, 1867.

**O sexo feminino(1875-1876):** semanário dedicado aos interesses da mulher. Rio de Janeiro: Tipografia e Livraria de Lombaerts & companhia.

**O jornal das senhoras** (modas, literatura, belas-artes, teatros e crítica). Rio de Janeiro, 1852.

**Violeta fluminense** ( folha crítica e literária dedicada ao belo sexo). Rio de Janeiro: Tipografia de F. A. de Almeida, 1857, 1858.

### **3. Documentos**

**ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL.** Rio de Janeiro: divisão de publicações e divulgação, 1981. Vol.V-85.

**INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.** Séries estatísticas retrospectivas. Rio de Janeiro: IBGE, 1986. 3v. em 6.

**INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA.** Anuário Estatístico do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 1938.

**REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL.** Segundo recenseamento da população- instruções. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 31 dez 1890.

**SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA.** Anuário estatístico do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, Centro Editorial, 1976. v.37.

**SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA.** Estatísticas históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais de 1550 a 1988.2 ed. rev.e aum. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.

**SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA.** Anuário estatístico do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 1982. v. 43.

## ANEXO

**LEVANTAMENTO DAS REVISTAS E JORNAIS LITERÁRIOS.  
ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO  
PERÍODO: 1850 - 1889**

- O absoluto.** Jornal político, literário, e noticioso. Ano I-III (n.3-5);  
23 dez. 1864 - 6 jan. 1865. Rio de Janeiro: Tipografia de Domingos Luiz dos Santos 1864- 65.
- O adversário.** Órgão do Grêmio Literário Artur de Oliveira. Ano I (n. 1-18); 21 abr - 16 set. 1884. Rio de Janeiro: Tipografia A Vapor, de Andrade Silva e Cia., 1884.
- Aerolitho.** Periódico literário, crítico e científico. Ano I - (n.13); 15 jun. 15 jul. 1882. Rio de Janeiro: Tipografia de Almeida Marques e Cia., 1882.
- O álbum.** Jornal ameno, literário e político. Ano I (n.1); 20 nov. 1881. Rio de Janeiro: Tipografia Camões, 1881.
- Álbum Literário.** Periódico instrutivo e recreativo. Ano I - II (n. 1-16);  
15 ag. 1860 - 15 mar. 1861. Rio de Janeiro: Tipografia do Correio Mercantil, 1860-61.
- O álbum semanal.** Cronológico, literário, crítico e de modas. Ano I-II(n.1-42); 2 nov. 1851-30 jan. 1853. Rio de Janeiro: Tipografia de Vianna e Companhia, 1851-53.

- O amador.** Periódico literário do clube dramático, Gonçalves Leite. Ano I (n.1); 8 set. 1888. Rio de Janeiro:Tipografia Camões, 1888.
- Anuário do clube de literatura.** Ano I (n. 1) 1887. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1887.
- A aurora.** Jornal literário. Ano I (n. 1) 1 dez. 1878. Rio de Janeiro: Tipografia Central, 1878.
- Aurora.** Jornal literário, poético, recreativo. Ano I (n. 1-2); 3-10 set. 1865. Rio de Janeiro: Tipografia Rua Nova do Ouvidor, n.20,1865.
- Aurora literária.** Órgão escolástico. Ano I (n. 1); I out. 1876. Rio de Janeiro: Tipografia de Machado e Cia., 1876.
- O bandolim.** Dedicado ao belo sexo do congresso do Cateto. Ano I (n.13);1 set. 9 nov.1889. Rio de Janeiro: Tipografia Central, 1889.
- O beijo.** Publicação semanal de modinhas recitativas, lundus e poesias diversas dedicadas ao belo sexo. Ano I (n.1); 11 mar. 1881. Rio de Janeiro: Tipografia Econômica, 1881.
- Belo-sexo.** Periódico religioso, de instrução e recreio, noticioso e crítico moderado. Ano I(n.16);21 ag. 28 set. 1862. Rio de Janeiro: Tipografia Popular.
- Biblioteca das senhoras.** Ano I (n. 1); 15 jul. 1874. Rio de Janeiro: Tipografia de Santos e Correa, 1874.
- O bicho.** Periódico crítico e literário. Ano I (n.1-14); 15 jul. 1882 -31 mar. 1883. Rio de Janeiro: Tipografia Econômica, 1882-83.
- O bisbilhoteiro.** Periódico dedicado ao belo sexo. Ano II (n 26-29); 22 abr. - 22 jun. 1889. Rio de Janeiro.

- Os bons exemplos.** Jornal da congregação das filhas de Maria e das famílias católicas. Rio de Janeiro: nov. 1870.
- O Brasil ilustrado.** Publicação literária. Ano I (n. 1-18) 14 mar. 1855 31 dez 1856. Rio de Janeiro.
- Brasil literário.** Ano I - II (n. 9); 20 nov. 1864 - 8 jan 1865. Rio de Janeiro: Tipografia Atualidade, 1864-65.
- O carbonário.** Órgão do povo. Ano I - X (n. 1); 10 jul. 1881 - 14 mar. 1890. Rio de Janeiro.
- Cartas fluminenses.** Ano I (n. 1-3); 22 ag. - 5 set. 1858. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito.
- Crisálida.** Folha literária, crítica e recreativa. Ano I (n. 2); 15 maio 1884. Rio de Janeiro.
- Crisálida.** Ano I (n. 1); 12 jul. 1873. Rio de Janeiro: Tipografia Fluminense, 1873.
- O cometa.** Periódico literário, recreativo e noticioso. Ano I (n. 12); 30 jul. 1883; Rio de Janeiro: Tipografia Econômica, 1883.
- O corsário.** Jornal literário e de crítica teatral. ano I (n. 1-7); 8 mar-22 abr.1851. Rio de Janeiro: Tipografia Guanabareense de L. A. F. Menezes.
- Cosmo literário.** Ano I (n. 1-18); 13 mar. - 10 jul. 1864. Rio de Janeiro: Tipografia de C. A. de Melo/Tipografia Imparcial, 1864.
- O curupira.** Jornal literário e instrutivo. Ano I (n. 1-25): 3 out. 1852 -27 mar. 1853. Rio de Janeiro.

- O cysne.** Jornal literário. Ano I (n.1-2); 15 maio- 1 jun. 1864. Rio de Janeiro.
- Diário do Rio de Janeiro.** Ano I - LXV; 1 jun. 1821 - 31 out. 1878. Rio de Janeiro. Real Tipografia. Tomaram parte na sua redação em diversas épocas e diferente cor política: José de Alencar, Saldanha Marinho, Quintino Bocaiúva, Antônio Fernandes Viana e Augusto de Carvalho.
- Diário de notícias.** Noticioso literário e comercial. ano I (n. 1-4); 21 mar. - 4 jul. 1868. Rio de Janeiro: Tipografia Fraternidade/Tipografia do Diário de Notícias.
- Diário fluminense.** Crítico, literário, recreativo e noticioso. Ano I (n. 1-64); 1 jul. - 21 out. 1884. Rio de Janeiro: Tipografia Esperança (Tipografia Largo da Carioca, 1884).
- O direito das damas.** Órgão dedicado ao interesse da mulher. Ano I (n. 1); 10 jan. 1882. Rio de Janeiro: Tipografia Literária.
- Os dois vinténs.** Jornal literário. Ano I (n. 1-17); 16 jun. - 26 jul. 1870. Rio de Janeiro: Tipografia Francisco Alves de Souza, 1870.
- Os dois mundos.** Ilustração para Portugal e Brasil. Paris/Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 31 ag. 1877-31 jul. 1878.
- O domingo.** Jornal literário e recreativo. Ano I-II (n. 1-71); 23 nov. 1873 - 9 maio 1875. Rio de Janeiro: Tipografia da Lyra de Apolo, 1873-75.
- Eco das damas.** Ano I - III, (n. 1); 18 abr. 1879 - 26 ag. 1882. Rio de Janeiro: Imprensa Industrial.

- Eco literário.** Órgão da mocidade escolástica. Ano I (n. 2);  
20 abr.1877. Rio de Janeiro: Tipografia de Domingos Luiz dos Santos, 1877. Redator: Silva Jardim.
- O espelho.** Revista de literatura, modas, indústria e artes. Ano I (n. 1-18); 4 set. 1859- jan. 1860. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito e outras. 1859-60. Redator: Eleutério de Souza. Machado de Assis foi seu colaborador desde o primeiro número.
- A estação.** Suplemento literário. Ano IX - XXXIII (n. 1); 15 jan. 1880 - 15 fev. 1904. Rio de Janeiro: Tipografia Lombaerts e Cia. 1880 - 1904.
- A estrela d'alva.** Publicação semanal de literatura, poesia, charada, anedotas e modinhas. Ano I (n. 1 - 3); mar. 1863. Rio de Janeiro: Tipografia Americana de J. S. Pinho, 1863.
- O ensino primário.** Revista mensal consagrada aos interesses do ensino e redigida por professores primários. Ano I -II (n. 14); 31 maio 1884 - 15 ago. 1885. Rio de Janeiro: Tipografia de Augusto dos Santos.
- A família.** Jornal literário. Ano I - VI (n. 29- 177); 6 jul. 1889-28 out. 1894. Rio de Janeiro: Tipografia Rua do Rezende, 146, 1889-94.
- O figaro.** Folha ilustrada. Ano I - III ( n. 1- 103); 1 jan. 1876-3 abr. 1878. Rio de Janeiro: Tipografia Acadêmica.
- O folhetim.** Diário de romances. Ano I (n.1); 1 abr-jul.-set.-16out. 1883; Rio de Janeiro: Tipografia do Folhetim/1883. 2v.

- O futuro.** Periódico literário. Ano I (n. 1-20); 15 set. 1862. 1 jul. 1863. Rio de Janeiro: Tip de Brito e Braga, 1862-63. Colaborado por vários autores brasileiros e portugueses.
- Galeria romântica.** Jornal literário, poético e noticioso. Ano I (n. 1-4); 31 jul- 1 ago. 1874, Rio de Janeiro.
- Gazeta literária.** Publicação quinzenal. Ano I (n 1 - 24); 1 out. 1883-31 dez. 1848. Rio de Janeiro. Colaboradores: Afonso Celso Jr., Conselheiro Alencar Araripe, Aluizio Azevedo...
- A grinalda.** Revista semanal, literária e recreativa (n.1- 2); 2- 9 dez. 1861. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 1861.
- Guanabara.** Revista semanal, artística, científica e literária, redigida por uma associação de literatos. Ano I (n. 1); dez. 1849 - nov.1855, Rio de Janeiro: Tipografia Guanabarenses/ Empresa Dois de Dezembro de Paula Brito/1849/1855/3v. Dirigida por Joaquim Manuel de Macedo, Antônio Gonçalves Dias e Manuel de Araújo Porto Alegre.
- Guarany.** Jornal político, literário e industrial. Ano I (n. 1 - 18); 6 ag-8 set. 1853; Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 1853.
- Iracema.** Periódico literário e recreativo. Ano I (n. 2) 15 ag. 1881, Rio de Janeiro.
- Iracema.** Órgão do Atheneu Literário. Rio de Janeiro: 12 maio jun.1878.
- O iniciador.** Publicação semanal dedicada às artes, ciências, literatura em geral e tudo quanto possa recriar e educar. Ano I (n. 1-17) 4 set. 1881-7 jan. 1882. Rio de Janeiro.

**Ipiranga.** Periódico literário do Rio de Janeiro. Ano I (n. 1 -3); 1maio- jun. 1865. Rio de Janeiro.

**Jornal das senhoras.** Modas, literaturas, belas artes, teatros e crítica. Ano I-IV (n. 1); jan. 1852 - 25 dez. 1855. Rio de Janeiro.

**O jasmim:** Órgão do Atheneu Dramático Ester de Carvalho. 31 mar 21abr. 1888. Rio de Janeiro.

**Labarum literário.** Órgão escolástico. Ano I (n. 1- 2); 20 jun - 5 jul. 1876; Rio de Janeiro: Tipografia Esperança. Diretor: Clóvis Beviláqua.

**A luneta.** Periódico literário e recreativo. Ano I (n.1-2); 15-31jul.1883. Rio de Janeiro.

**Leitura do domingo.** Coleção ilustrada dos melhores romances. Ano I (n.1-43); 2 jan.-29 out. 1876. Rio de Janeiro: ipografia de Lombaerts e Cia., 1876.

**Leitura familiar.** Variedade. Ano I (n.1); 10 set.1871. Rio de Janeiro.

**Leitura para domingo.** Miscelânea brasiliense. Ano I (n. 1- 10); 7 ago. 5 nov. 1871. Rio de Janeiro.

**Leitura popular.** Ano I (n. 1 -2) set. - out. 1871. Rio de Janeiro. **As letras.**

Revista quinzenal do Grêmio Literário “Amor ao Progresso”. Ano I (n. 1); 5 nov. 1888. Rio de Janeiro.

**Marmota fluminense.** Jornal de modas e variedades. Ano I -V

(n. 258-859); 4 maio 1852 - 30 jun. 1857. Rio de Janeiro: Redator: Francisco de Paula Brito; substituiu **À Marmota na Corte** e teve em 1857 como substituto **A marmota**.

- A mocidade.** Periódico literário. Ano I (n. 1-3); 15 jan. - 15 fev.1862. Rio de Janeiro: Tipografia Popular, 1862.
- Museu literário.** Literatura, história, viagens. Ano I (n. 2 e 6);30 abr.- 30 jun. 1878. Rio de Janeiro.
- Novo gabinete de leitura.** Repertório oferecido às famílias brasileiras para seu recreio e instrução. Ano I Tomo 2, 1850. Rio de Janeiro:Tipografia Universal de Laemmert, 1850.
- Revista literária.** Ano I (n. 1-2); 6 -13 abr. 1884. Rio de Janeiro: Tipografia de Fernandes Ribeiro e Cia. 1884.
- Recreio do belo sexo.** Modas, literatura, belas artes e teatro. Ano V (n. 2); 17 jan. 1856. Rio de Janeiro.
- Recreio das moças.** 19 nov. 1876; 01 out. 1877. Rio de Janeiro.
- Revista da palestra literária.** Ano II (n. 2); 24 jul. 1886.
- Revista do grêmio literário.** Ano I; 24 ag. 1888. Rio de Janeiro: número especial comemorativo do segundo aniversário do Liceu Literário Português.
- Revista mercantil.** Publicação quinzenal. Ano I - III (n. 1 -3); 31 jan. 1874 - 16 fev. 1876. Rio de Janeiro.
- A rosa.** Jornal crítico, literário, recreativo.jul-set.1883. Rio de Janeiro.
- O quinze de novembro do sexo feminino.** Periódico e quinzenal, literário, recreativo e noticioso. Ano III (n. 12 - 33);15 dez. 1889 mar-abr., jul-set, 6 dez. 1990. Rio de Janeiro: Tipografia Montenegro. Redator proprietário: Francisca Senhorinha da Motta Diniz.

**O século XIX.** Jornal científico, literário, agrícola, noticioso. Ano I (n. 1); 20 out. 1876. Rio de Janeiro.

**O sexo feminino.** Semanário dedicado ao interesse da mulher. Ano II (n. 1-22); 22 jul. 1875 - 2 abr. 1876. Rio de Janeiro: Tipografia e Livraria de Lombaerts e Filho/Tipografia Americana, 1875-76.

**Semana literária.** Ano I (n. 2); 20 set. 1884. Rio de Janeiro.

**A sentinela da instrução.** Jornal destinado a acompanhar os progressos da instrução primária e secundária no Brasil e a defender os interesses da mocidade estudiosa. Ano I (n. 1-10); 7 dez. 1875 - 11 mar. 1876. Rio de Janeiro.

**A verdadeira instrução primária.** Órgão dos professores públicos de instrução primária da Corte. Ano I (n. 1-12); 15 jun.-30 nov. 1872. Rio de Janeiro: Tipografia Particular de Espírito Santo, 1872.

**A violeta fluminense.** Folha crítica e literária dedicada ao Belo Sexo. Ano I (n. 2 - 6); 6 dez. 1857 - 31 jan. 1858. Rio de Janeiro: Tipografia de F. A. de Almeida, 1857-58.

\*\*\*